

MARIA HELENA SALEME

A NORMOPATIA NA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2006

MARIA HELENA SALEME

A NORMOPATIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica - Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, sob a orientação da Prof^a. Dra. Suely B. Rolnik.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2006

BANCA EXAMINADORA

*A Antonio, com saudades, e Maria, meus pais,
que me contaminaram com o amor à liberdade
e com a alegria de viver.*

AGRADECIMENTOS

À Suely B. Rolnik, orientadora e amiga, que generosamente suportou as angústias deste trabalho, e que me fez viver a tensão do encontro intensivo que conduz à criação.

Ao Joel Birman, pelo incentivo constante, por sua amizade e por sua incansável batalha pela atividade de pensamento livre, circunscrito de rigor ético e teórico. Joel Birman tem influenciado profundamente o pensamento psicanalítico.

A Rafael e Marcelo, meus filhos, por seu amor e pela disposição de experimentar e de me acompanhar em novos caminhos.

Ao meu irmão José Roberto, era seu o primeiro livro de Freud que li. Será que você sabia disso?

A Antonio, Dinaura, Tati e Clã, pela história intensa que compartilhamos.

A Malu e Liana, pelo doce acolhimento.

À Sandra Schaffa, por você ter concordado em seguir comigo nos caminhos da “desanálise”, pela sua amorosa disponibilidade, sensibilidade e delicadeza.

À Felicia Knobloch, amiga surpreendente, brilhante, generosa.

A Ana Lia e Carlos, amigos queridos, que navegam comigo pela vida, juntos nas tempestades e nos dias de sol. Obrigada pelo carinho e pelo constante incentivo.

Ao Reinaldo Morano, amigo sempre presente, que a vida colocou em meu caminho e que nunca compreenderei o porquê desse privilégio.

À Cristina Perdomo, amiga querida, foi com você a primeira transgressão psicanalítica. Lembra do zero?

A Edinho, Cris e Alexandre, pelo passado que relembramos e pelo presente que criamos.

Aos amigos da Formação em Psicanálise, responsáveis por muito do que tenho pensado.

Aos alunos e analisandos, com vocês aprendo sobre a vida, diariamente.

A todos os amigos, que afortunadamente são muitos e queridos, vocês são parte de tudo que vivo.

RESUMO

Este trabalho procurou desenvolver idéias sobre as dificuldades da clínica psicanalítica, vinculadas especialmente à formação do analista.

A indagação que justifica a realização desta pesquisa se deve a um fato que vejo repetir-se no decorrer do processo de formação dos analistas: estes perdem freqüentemente sua potência criativa, sua espontaneidade e sua alegria, o que acaba por inviabilizar o trabalho clínico ao invés de constituir as condições de sua possibilidade.

O estudo baseou-se por um lado em textos sobre a história dos primórdios do movimento psicanalítico, e por outro na experiência adquirida pela autora por meio de seu trabalho de clínica psicanalítica, bem como de sua transmissão.

A criação das sociedades de psicanálise, desde seu início, associou a função de transmissão e de reconhecimento da capacidade dos novos analistas à responsabilidade de distinguir analistas confiáveis dos não confiáveis (selvagens). A formação do psicanalista tem uma especificidade, em tudo diferente do ensino acadêmico, na qual incompatibilizam-se essas duas funções: transmitir e julgar. A exigência e, paradoxalmente, sua impossibilidade conduzem à criação de analistas formatados, produzindo uma espécie de standardização, que no texto denomino *Normopatía do psicanalista*. É esta patologia da formação que me interessa investigar.

ABSTRACT

This paper examines problems related to the practice of psychoanalysis, mainly those concerning the training of the analyst.

This research can be justified by the repeatedly observed fact that this training frequently leads to the loss of the analyst's creative potential, spontaneity and joyfulness, thus obstructing the psychoanalytical practice, in place of promoting it.

This research rests on the critical examination of works regarding the early history of the psychoanalytical movement, as well as the authors experience as a practicing psychoanalyst and transmitter of psychoanalysis.

The creation of Psychoanalytical Societies has from its beginning, associated the task of transmission to that of recognizing the capabilities of new analysts, that is to say, of distinguishing the trustful analysts from the distrustful (wild) ones. The training of the psychoanalyst is quite specific, distinguished from all academic education, making transmission and judgment incompatible tasks. This impossible demand leads to the promotion of modeled or standardized analysts, in a process defined in this paper as *The Normopathy of Psychoanalysts*. It is this pathology of psychoanalytical training that calls for investigation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - ISTO NÃO É PSICANÁLISE	16
1.1 Os conceitos são datados. Foucault	16
1.2 As Psicanálises de Freud	17
1.3 A querela Adler	24
1.4 O príncipe rebelde	29
1.5 O silêncio. Victor Tausk.....	34
1.6 Ferenczi. A clínica experimental	38
1.7 O Círculo Secreto	54
1.8 Ainda nos corredores da Psicanálise	60
CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DO ANALISTA	62
2.1 A normopatia é perversão.....	62
2.2 A desafetação.....	67
2.3 Transgressão, perversão e normopatia	68
2.4 As instituições psicanalíticas	73
2.5 A análise pessoal e a análise didática	76
CAPÍTULO III - DE VOLTA À CLÍNICA	85
3.1 A relação entre a clínica potente e a formação do analista.....	85
3.2 A procura de saídas.....	87
CAPÍTULO IV - O NOVO COMEÇO. O CORPO NA CLÍNICA EXPERIMENTAL	89
4.1 A experiência estética e a visão do invisível	89
CONCLUSÃO.....	97
BIBLIOGRAFIA	99

INTRODUÇÃO

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. (DELEUZE; PARNET, 1996: 8)

A questão que se colocou a mim e me levou ao projeto de dissertação surgiu a partir de minha experiência como analista, analisanda e formadora de psicanalistas. Houve muitas idas e vindas até que ela tomasse a forma atual.

Meu primeiro foco esteve na percepção de que há análises que proporcionam ampliação dos horizontes do analisando, e há análises que obstruem sua vida. Há análises que são efervescentes e outras que são melancolizantes. O primeiro caminho de investigação que se apontou foi o de circunscrever o modo como ocorriam esses processos positivos e negativos. Encontrei uma miríade de causas possíveis; dentre elas, foram se destacando os efeitos da formação do psicanalista em sua clínica.

Dedico-me ativamente à formação de analistas desde 1985. De 1976 a 1981, pertenci a uma instituição psicanalítica, mas sem participar diretamente como formadora. Durante esses vinte anos, algo me intrigava bastante, os alunos no primeiro ano do curso eram muito diferentes dos alunos do quarto ano. Nos alunos do primeiro ano, à ingenuidade de muitos se somava o entusiasmo pela aprendizagem, o espírito de grupo, a espontaneidade nas perguntas que revelavam o processo de pensamento e o esforço para compreender os conceitos psicanalíticos. Contavam de insônias provocadas por um determinado texto, discussões sobre o que julgavam injusto no curso, reuniões de estudo, buscas de outros autores para contestar o professor, curiosidade, festas e chopp, chopp e festas. A vibração dos alunos me acalentava e compensava fartamente as horas de estudo e as noites dedicadas a discussões sobre o curso.

No quarto ano, a turma chegava mais séria, dividida em grupos, com disponibilidade menor, pouquíssimas contestações, pouca produtividade, nenhum chopp e uma festa formal no final do ano.

Supervisiono um grupo de alunos do primeiro ano e dou um seminário teórico para a turma do quarto ano. Há muito procuro nos alunos do quarto ano a espontaneidade, a alegria no saber, o pensamento produtivo que eu havia visto anos antes. Possuem, neste momento, um conhecimento respeitável sobre a teoria e a clínica psicanalítica, mas aquele brilho da

inteligência e a criatividade parecem estar submersos. Cadê o entusiasmo, para onde foi a alegria, por que envelheceram tão rápido? O que fizemos?

Nessas turmas, geralmente, há três ou quatro colegas que se destacam pela consistência de seu conhecimento teórico, pela sensibilidade clínica e pela postura ética com que conduzem o seu trabalho e seus estudos. Facilmente, reconhece-se neles psicanalistas.

Dois ou três deles sempre trazem dúvidas, não sei se apreenderam realmente do que se tratou nessas 800 horas de reflexão sobre a psicanálise. Provavelmente abandonarão a psicanálise.

Ao resto da turma, a grande maioria, talvez caiba o clichê: é normal. Não se destacam. São educados, atentos, entregam os trabalhos pedidos, não chegam a ser interessantes, nem desinteressantes. Executam um trabalho correto, analisaram-se e atendem seus pacientes. Muitos dentre eles procuram outra formação de psicanalistas quando terminam a primeira parte de nossa formação. Alguns aspectos se destacam neste processo e despertam a curiosidade ao pesquisador: como a vivacidade e a criatividade se perderam neste caminho? O que aconteceu? Por que esses colegas, que apesar de fazerem tudo aparentemente certo, não brilham, não têm uma saída inteligente ou criativa? Algo falta, e eles sabem disso, pois continuam procurando, parecem eternos alunos. Dão a impressão de que procuram aprender algo que ninguém pode lhes ensinar.

Outro aspecto notável de mudança nesse período de formação é como o colega do primeiro ano pode falar livremente sobre suas dificuldades na clínica, sobre as formas que criou para lidar com certos impasses, sobre suas angústias e paralisias. Ele acredita em seu bom senso. Com o passar do tempo, o analista em formação vai omitindo parte de suas intervenções e de suas ações.

Não me refiro a nenhuma instituição específica de formação, pois se trata de um problema recorrente em todas elas.

Há um teste de inteligência que aprendemos na faculdade de psicologia: o Wisc, quando dirigido para crianças, e Wais, quando dedicado a adultos. Este teste é formado por uma série de subtestes que pretendem medir os vários componentes da inteligência. Um destes subtestes se chama Compreensão e pretende medir o grau de independência das pessoas e sua adaptação às regras básicas de convivência. Uma das perguntas, a título de exemplo é: o que você faria se percebesse o começo de um incêndio em um cinema lotado? A grande maioria das pessoas responde que comunicaria ao responsável pelo cinema para que ele tomasse as medidas de emergência cabíveis na situação. Acredito que pelo menos 90% das pessoas que responderam dessa maneira, se realmente estivessem nessa situação, sairiam

correndo e gritando FOGO!!! Sabem o que é recomendável que se faça, mas, no momento, diante da angústia reagem de outro modo. É assim que percebo, frequentemente, na situação de seminários clínicos em grupo, o analista em formação omite que às vezes sai correndo, gritando FOGO!!! Quando o supervisor diz que na mesma situação provavelmente ele gritaria FOGO!!!, o colega que está apresentando o caso clínico conta que o fez, mas “esqueceu de dizer”. Nesse caso, a situação é mais complicada do que no exemplo que dei sobre o Wais, porque na clínica psicanalítica contemporânea não se mantém a mesma rigidez do *setting* que existiu em outro momento histórico. Esse ideal ao qual o analista principiante se submete foi formado por uma via não explicitada e que pretendo discutir neste trabalho.

É importante perceber que ao mesmo tempo em que esses “esquecimentos” falam sobre uma homogeneização e sobre um esforço para evitar conflitos, revelam também que, verdadeiramente, a homogeneização não ocorreu, o que parece acontecer é uma não explicitação das próprias idéias, de seus pensamentos singulares. Alguns analistas continuam fazendo coisas criativas. Por que a relutância na comunicação?

Às vezes penso que o que se perdeu neste caminho foi a possibilidade de transgredir. Graças a um poderoso treino para não transgredir determinados modelos? Estariam todos imbuídos da “preservação” da psicanálise? Utilizo o termo “transgredir” como sinônimo de criar. Piera Aulagnier, em *Um intérprete em busca de sentido* (1990), define transgressão:

A transgressão, na acepção que lhe damos, fora do registro perverso ou psicótico, é o movimento que leva o sujeito a ultrapassar o “sabido”: o que ele transgride é uma verdade até então colocada como lei sagrada e como garantia de um saber (e, portanto, de um domínio possível) sobre a ordem do mundo. Agindo assim, destitui o saber vigente em nome de uma verdade em *statu nascendi* que por sua vez retomará a função esperando um novo transgressor. A transgressão deve ser concebida como aquilo que, nesse movimento, vem representar os pontos de virada. (AULAGNIER, 1990: 64)

Nesse sentido, transgressão está vinculada a uma ética, ligada à idéia de abrir caminhos a novas verdades, ela é criação, potência de resistência. O transgressor capta um movimento novo, materializa essa percepção e coloca os outros em movimento.

Parece-me que na psicanálise, alguns conceitos foram integrados de forma tal que o ideal de analista se formatou em um ser paciente, sério, ocupadíssimo e, sobretudo, alguém que não contesta e não transgride, mas que se afasta, por vezes fisicamente, ou permanecendo fisicamente presente, demonstra o afastamento pela neutralidade manifesta e pela aquiescência cordial às idéias propostas, sem um engajamento efetivo aos projetos institucionais. Não pretendo comentar tais conceitos na introdução; cabe aqui, no entanto, um

deles: a idéia que perverso é o que desafia a lei. Essa definição levou a considerar que discordar é sinônimo de não colaboração, sendo que a recusa a seguir certos dogmas é entendida como sinal de perversão.

O primeiro desdobramento da questão que me interessou pesquisar foi o de se perguntar o quanto a clínica psicanalítica pode contribuir ou obstruir o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida em sua intensidade e radicalidade. Assim, o objetivo da dissertação seria o de buscar respostas para essa pergunta, tendo para tal que incluir a dimensão da sensação na clínica psicanalítica.

Embora querendo desenvolver meu trabalho dentro do campo estritamente psicanalítico, procurei pares e orientação no núcleo de Subjetividade e não no núcleo de psicanálise. Esta escolha foi fundamental para o desenvolvimento de minha questão.

Relatarei um pouco de minha experiência no núcleo porque está intrinsecamente ligada ao rumo que a questão foi tomando. Meu primeiro período no núcleo foi marcado pela posição de quem ouve, como que precisando acostumar os ouvidos a uma nova língua, e percebendo inúmeros pontos de intersecção entre a psicanálise e a teoria e a atitude apresentada nas aulas. O segundo período se iniciou com a produção de um texto muito bem humorado. Era sobre uma discussão fictícia entre quatro personagens que se encontraram no purgatório. Os três primeiros estavam lá, parados, há anos. São Pedro não sabia o que fazer com eles. Eram Freud, Nietzsche e Foucault. Pelas companhias e pela temperatura, deveriam ir para o inferno; pela ética, seriedade e generosidade, deveriam ir para o céu. O último a chegar foi Deleuze. O texto era basicamente uma discussão entre eles, sobre o que pensavam sobre a vida e sobre a morte. A única coisa que aí ficou clara foi o estado do meu pensamento: eu estava povoada, contaminada por esses autores.

Nesse momento, entrei para o grupo da revista do núcleo. As regras da revista eram muito curiosas: todos os artigos seriam aceitos. Ninguém se propunha a julgar o artigo do outro, logo, quem se dispusesse a escrever seria publicado.

Que cara tem uma revista que não tem linha mestra nenhuma?

Respondo, um ano depois: cara de quem não crê na linha mestra, cara de quem aceita, de fato, a diversidade, não como palavrório, mas como *palavração*, palavra com lastro, palavra que afeta. Não é o rosto de alguém, nem um rosto anônimo, é a face de quem vive o prazer em produzir diversidades, e de quem é independente em sua produção, mas com o compromisso ético de respeito ao outro.

Como disse Mario Quintana, em seu *Baú de espantos*:

Frescor agradecido de capim molhado
Como alguém que chorou
E depois sentiu uma grande, uma quase envergonhada alegria
Por ter a vida
Continuado...
(QUINTANA, 2001: 63)

Esse encontro teve um valor de libertação.

Há vários dispositivos analíticos, a psicanálise é um deles. São muitas as potências criadoras. Nenhum dispositivo garante por si mesmo a potência criadora, o que o permite é uma espécie de encontro: como observou Rolnik, não se trata de troca, trata-se de antropofagia, ou, como diria Ferenczi, introjeções. Pensamento incorporado, que tomou corpo e tomou o corpo.

A escrita, acompanhada por esses interlocutores, tornou-se um processo libertador e analítico. Não foi isso o que fui procurar, foi o que encontrei, ou o que me encontrou.

Percebi que minha questão, neste momento, era um pouco diferente da do momento inicial. Estava mais centrada no encontro entre analista e analisando, mas os dispositivos que formam um analista foram tomando uma maior proporção.

Entendi porque não fui para o núcleo de psicanálise, eu precisava me distanciar dos psicanalistas, pois com eles eu não sairia de minha repetição. Não por causa deles, mas porque o superego institucional que me assombrava estava ativo em mim mesma.

A escrita, neste contexto, me possibilitou combater o superego e me levou a recolocar a questão: qual é o “corpo” que vive e procria a potência criadora?

Essa experiência teve analista, *setting* e supervisão.

O analista “foram” os filósofos que me interpretavam na medida que eu os interpretava. Não há erro no português ou na digitação. Um corpo, uma entidade, uma função analista é habitado por vários, vários pensadores que me permitiram circunscrever, pensar sobre que espécie de fala é essa que vem do corpo, que me liberaram para o pensamento propriamente dito. São esses filósofos e pensadores que constituíram em mim uma força de combate ao superego próprio das instituições psicanalíticas. Duplo encontro e dupla captura, como o define Deleuze. (*Diálogos*, 1998). Neste processo houve transferência e interpretação. O que me leva a afirmá-lo é a constatação de que houve organização e discernimento entre diferentes sistemas de referência, e também a sensação de uma fluência nas intensidades.

O método do analista foi o “método intensivo”; os textos lá estavam, presentes, receptivos, propondo enigmas, surpreendendo-me, tocando-me.

A escrita foi o *setting*.

A supervisão foi feita no programa de pós-graduação que funcionou tanto como desinibidor do processo analítico, quanto como bravo guerreiro frente às forças que conduzem à normopatia, como qualifica Joyce McDougall (1983), quando deveriam conduzir à libertação.

Este processo se deu em um campo coletivo e com relações horizontais, embora com papéis específicos, diferenciados, dos vários participantes deste campo.

O entrelaçamento entre a relação simétrica e a aceitação da diversidade incentiva a expressão. Há a forma de expressão que é a palavra de ordem atualmente: todos devem expressar-se, mas fazê-lo como garantia de reconhecimento da palavra de ordem que vem de fora. Esta forma de expressão passa pela recusa das microsensorialidades. Outro tipo de expressão, não tão incentivada, é a que surge a partir da existência real do outro em nós, é a expressão de inquietações que ainda não se fizeram palavra.

Curiosamente, a psicanálise tornou-se mais forte em mim, tomando a dimensão que Freud propôs em 1900: a psicanálise é um dos intercessores, o critério básico é a vida em sua intensidade, radicalidade e ética.

Agora a questão tomou a seguinte forma: a posição tomada pelo analista em sua função pode obstruir ou facilitar o trabalho analítico? Do que depende a posição que ocupará?

A minha intenção nesse texto é esboçar algumas idéias sobre os problemas encontrados na clínica psicanalítica, e articulá-los com as subjetividades resultantes da formação do analista. Pensar sobre a clínica psicanalítica e como aí se lida com as subjetividades. Meu horizonte maior é a clínica psicanalítica, naquilo que nela promove potência e naquilo que conduz à melancolia, especialmente o de sua formação psicanalítica. Penso que este trabalho não alterará em nada os que precisam permanecer cegos e surdos.

Estudando Freud e seus dissidentes, salta aos olhos a existência de muitas psicanálises, e a inutilidade de compará-las entre si. Pareceu-me muito mais interessante compô-las nas mudanças que representaram. O primeiro capítulo é dirigido a esse estudo. A introdução do capítulo é feita com Foucault, recuperando sua idéia de que a verdade é uma invenção interpretativa, e que, portanto, os conceitos são datados. As várias definições de psicanálise e de sua essência clínica também são conseqüências de um jogo de forças. Segue-se aí uma idéia da história da psicanálise, as querelas psicanalíticas, ressaltando dois pontos: Ferenczi, em sua preocupação constante em fazer fluir o que está cristalizado, de levar para a clínica os conceitos de Freud, o único dissidente no qual senti e desenvolvi nesta dissertação sua teoria com mais vigor; sua clínica experimental que pretendia aumentar a potência da psicanálise, do psicanalista e do analisando. Tento também ver as conseqüências de suas experimentações

para a clínica contemporânea. As vicissitudes da formação do analista, as questões de simetria e assimetria também foram abordadas por Ferenczi quando teorizou sobre a contratransferência desde suas posições de analista e de analisando. No segundo momento, procuro mostrar como ocorreram os encontros e desencontros de alguns seguidores de Freud, com características difíceis de sua personalidade.

Recuperar os textos dos primórdios da psicanálise conduziu à constatação de que estes textos são vibrantes, com idéias originais, estilo apaixonado e poético. Características que depois dos anos 30 tornaram-se raridades. A pesquisa destas primeiras produções e dos problemas institucionais foi iluminando a questão que move o presente estudo, ou seja, a diminuição da criatividade e vivacidade da comunidade psicanalítica.

O segundo capítulo é introduzido com uma reflexão sobre o conceito de normopatia, na tentativa de caminhar para a articulação deste conceito e de como ele opera nas formações analíticas. Segue pela “servidão voluntária” (LA BOÉTIE, 1986) entre analista e analisante, entre os psicanalistas e Freud. Pensando que a experiência da diferença conduz à tensão criativa, pergunto-me sobre os destinos desta experiência nas formações psicanalíticas. Neste capítulo, há o questionamento de como a palavra “formação” pode perder sua acepção pedagógica e normativa e aproximar-se da autoprodução de novas formas. O sintoma do analista é analisar-se e analisar outrem, é transformar a neurose em obra: há propositalmente uma aproximação entre arte e psicanálise, especialmente no caráter peremptório do artista e do psicanalista para expressar sensações. Permanece a questão de como a missão de preservar a psicanálise conduziu os analistas a uma espécie de normopatia. Percorre também as diferenças entre a união em termos familiares e a união baseada na amizade.

O último capítulo é uma tentativa de pensar a clínica psicanalítica como uma clínica experimental e viva, incluindo o corpo do analista e do analisando neste processo. A sensação, tal como definida por Deleuze, fornece amplidão à vivência do corpo na experiência psicanalítica.

Este último capítulo só se delineará como introdução ao que seguirei pesquisando. O vulto que tomou o estudo da história do movimento psicanalítico e suas questões institucionais, que interferem nos analistas e conseqüentemente em sua clínica, afastou-me, ou melhor, provocou um adiamento da pesquisa sobre uma clínica que recupere o trágico e o inesperado da experiência da psicanálise.

CAPÍTULO I - ISTO NÃO É PSICANÁLISE


1.1 Os conceitos são datados. Foucault

Foucault (2000a) mostrou que na Modernidade surgiu a idéia de história e de representação pela história. A consequência foi a perda da crença de se saber sobre o mundo, e a introdução do conceito de temporalidade; as coisas existem em uma história. Já não há verdades absolutas, a verdade passa a ser compreendida como uma invenção interpretativa, que dura até ser substituída por outra verdade.

Ainda para Foucault, outra característica da Modernidade é a perda do poder soberano. Com isso, todos os homens tornaram-se iguais, mas não idênticos.

Foi necessário, então, legitimar as desigualdades e para tanto, foram construídas identidades: raça, povo, nação e gênero. Os corpos foram classificados. As Ciências Humanas criaram essas identidades e hierarquias. A Biologia foi importantíssima nesse processo. Foucault (1999) chamou de “biopoder” essa criação de normas para categorizar as pessoas. A existência de um poder que atinge todas as esferas do homem, que não busca dominar o território e sim, a população, a vida. A ciência legitimou a desigualdade entre os gêneros e as raças.

Segundo Foucault (2003), a verdade é produzida, é um efeito da relação de forças que marcará a relação entre os humanos num jogo permanente de violência. Trata-se dos “jogos de verdade”, que são as regras produtoras de verdades. Na constituição do conhecimento não há neutralidade, há uma articulação entre o poder e o saber. A verdade tem dimensões políticas, econômicas e sexuais. O saber depende da perspectiva tomada, depende da época, é sempre interpretativo. O poder ao qual Foucault refere-se não é o poder localizado no aparelho de Estado, são as relações de poder que se apresentam de inúmeras formas, pequenas relações de poder, como por exemplo entre o homem e a mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os doentes e os médicos etc.

Se os conceitos são datados, a definição de psicanálise também será. Não se trata mais de psicase, mas de definições de psicanálises. Temos um conceito de inconsciente, que corresponderá a uma definição de transferência, uma definição de clínica e uma definição de analista.

Pretendo mostrar que o próprio Freud trabalhou com diferentes conceitos de psicanálise. As mudanças não aconteceram só por sua experiência clínica. Os psicanalistas dissidentes, que focalizavam outras questões, como por exemplo Ferenczi, que se interessava por casos difíceis, forçaram a entrada de novos pontos de vista.

Freud sempre relutou frente a estas contribuições, defendeu-se destas perturbações, mas, sem dúvida, elas interferiram em suas mudanças. Voltando a tomar Ferenczi como exemplo, Freud propôs a um de seus pacientes, O Homem dos Lobos, que interrompesse sua análise em um ano. Estaria influenciado pela técnica ativa de Ferenczi? Estaria influenciado pela postura de Ferenczi, que tentava compreender os obstáculos da análise dentro do processo da própria análise? Houve, aí, uma mudança no conceito de resistência.

1.2 As Psicanálises de Freud

Pretendo tocar em algumas teorias e definições de psicanálise. A intenção é consolidar a idéia de que há conceitos diferentes em momentos históricos diferentes. Não pretendo, nem de longe, aprofundar-me nas diferentes idéias.

Estou certa, também, de que são feitas outras leituras dos pontos que aqui levantarei. O eixo destas definições será a Clínica Psicanalítica.

O objetivo deste levantamento é o de valorizar as críticas recebidas pela psicanálise. Muitas dessas críticas são feitas de maneira generalizada, sem considerar a existência de várias psicanálises. Não me refiro somente às diferentes escolas, mas às conceitualizações que foram se transformando ao longo do tempo em uma mesma linha teórica. O primeiro eixo de teorização de Freud foi a repressão, depois foi a castração e, com a mudança na teoria pulsional, o eixo foi para a pulsão de morte. Só aí já temos três psicanálises, três conceitos de transferência, três clínicas e três psicanalistas. Novas subjetividades se formam infindavelmente, e isto inclui os psicanalistas, a Teoria Psicanalítica e a Clínica. Há mudanças que são estridentes, explícitas; outras são mais sutis, mas também trazem efeitos. Os conceitos que foram mudando gradativamente, sem títulos que os marcam, como por exemplo a primeira e a segunda teorias das pulsões, exigem uma leitura apurada da obra freudiana para que as diferenças sejam percebidas.

A questão para Freud, em seus começos, era a histeria. Seu pensamento foi construído a partir e em torno dela.

A histeria era estigmatizada pelos médicos, muitas vezes confundida com simulação, apresentando sintomas sem nenhuma base anatômica. Charcot, em 1880, interessou-se pela histeria. Ele provou que não havia dano ao sistema nervoso das pacientes com paralisia histérica e que a natureza dos sintomas não era de etiologia orgânica. Charcot também desmentiu a afirmação de que a histeria era uma doença feminina, mostrando casos de histeria em homens. Ele deu à histeria um estatuto de enfermidade real, que merecia ser estudada. Charcot concluiu que toda a histeria tinha um comportamento ideopático. A hereditariedade era o único fator determinante da histeria; outros fatores poderiam contribuir secundariamente.

Depois de Charcot, o companheiro de pesquisas de Freud foi Breuer. Assim como Charcot, Breuer era um médico experiente e bem sucedido. Freud recebia pacientes histéricos, encaminhados por Breuer, e durante dois anos fez aplicações de uma suave corrente elétrica no corpo do paciente e recomendou repouso, dieta e massagem. Não obteve resultados positivos.

Foi a época das primeiras publicações psicanalíticas, por volta de 1895.

Em 1887, começou a experimentar a hipnose, influenciado pelo trabalho de Berheim.

Em um primeiro momento, fazia sugestões ao paciente hipnotizado, e assim, removia o sintoma. Percebeu que logo o antigo sintoma era substituído por outro.

Em um segundo momento, a hipnose passou a ser usada para que o paciente, sob o efeito hipnótico, falasse sobre o trauma que causou a doença.

Muitas pacientes não eram hipnotizáveis, o que exigiu de Freud uma procura de outro método de pesquisa para descobrir o que se passava com elas.

Passou a interessar-se pelo método catártico utilizado por Breuer em uma paciente que ficou conhecida como Anna O.

Freud perguntava-se sobre o fator determinante da histeria, perguntava-se a que correspondiam os sintomas, já que não se relacionavam a enervações somáticas. A que respondia o corpo na histeria?

No início dessa nova fase usava o método da “insistência”. Pressionava a testa do paciente e fazia a sugestão de que, ao retirar a pressão, o paciente se lembraria do fator traumático, causa da dissociação psíquica. E, para espanto de Freud, a lembrança emergia. Os pacientes sabiam sobre o trauma, mas não revelavam espontaneamente. Freud insistia, então, que o paciente lembrasse da causa de sua doença. Sugeriu aos pacientes que falassem sobre tudo que fosse importante em suas vidas. Encaminhava essas conversas para lembranças de situações passadas, que pudessem estar relacionadas aos sintomas do paciente. Freud

encontrou paralisações deste fluxo associativo e concluiu que havia uma força que se opunha à lembrança. Havia uma resistência a certas idéias, que eram acompanhadas de emoções de vergonha e de dor psíquica. Localizou aí uma defesa do ego à lembrança ameaçadora.

A emoção afastada encaminhava-se para o corpo (conversão). Os sintomas corporais seriam, então, defesa à dor psíquica e vivência dessa emoção no corpo.

Breuer e Freud caminharam juntos nesta pesquisa até o momento no qual surgiu uma divergência fundamental: Breuer atribuía a etiologia da histeria à ocorrência de um fator traumático, que poderia ser de diversas ordens, ou seja, a sexualidade, inclusive, poderia ser um dos fatores traumáticos, mas poderia haver outros. Freud foi irredutível: não havia outros fatores etiológicos, somente a sexualidade. Em 1895, romperam a amizade.

Em 1896, Freud utilizou pela primeira vez o termo psicanálise.

Durante este período, Freud teve a companhia de Fliess, novo ídolo e novo interlocutor. Foram anos de profunda amizade, de trocas de idéias teóricas, de relato de sonhos e de associações sobre eles.

Em 1899, Freud escreveu *A interpretação dos sonhos* (1984a), que foi publicado em 1900. O livro vendeu pouquíssimo e quase não teve repercussão nos meios médicos. Os biógrafos descreveram diferentemente este momento. Breger (2002), por exemplo, afirmou que Freud colhia os frutos da briga com Breuer e do rompimento com a comunidade científica, a qual não aprovou a maneira radical com que Freud estabeleceu a etiologia da histeria. Jones (1989), de estilo inconfundível (o da servidão voluntária), descreveu um gênio incompreendido, lutando contra um mundo de inimigos.

Após a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1984a), Freud começou a mudar o tom de suas cartas a Fliess, marcando as diferenças teóricas entre eles e as dificuldades que estas diferenças causavam. Freud também falou sobre seus sentimentos ambivalentes em relação a Fliess. Voltaram depois dessa “crise” à correspondência normal por alguns meses, em agosto encontraram-se pessoalmente em Achensee, viram-se pela última vez, e nunca mais trocaram nenhuma linha.

Segundo Breger (2002), não há nenhuma explicação de Freud sobre o ocorrido, há uma explicação de Fliess: ele parou de se corresponder com Freud porque este se mostrou muito violento no encontro em Achensee, devendo-se a raiva de Freud à inveja que sentiu de suas formulações teóricas. Nesse encontro, Fliess falou a Freud ter concluído que havia fenômenos neuróticos que ocorriam periodicamente, independente de existir análise ou não. Breger pensa que essa afirmação pode ter enfurecido Freud.

Podemos ignorar as interpretações de Fliess, mas não podemos ignorar que algo muito parecido tinha se dado entre Freud e Breuer, e que, sabemos, irá se repetir por muitas vezes durante a vida de Freud. A psicanálise nasceu quebrando conceitos e costumes, mas Freud exigia um interlocutor que aceitasse suas idéias inteiramente.

Em 1902, criou a Sociedade Psicanalítica das Quartas-feiras, um grupo de estudos de psicanálise que funcionava às quartas feiras e no qual Freud ensinava psicanálise a Stekel, Max Kahane, Rudolf Reitler e Adler. Freud (1914), em *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1975), descreveu a criação da sociedade:

A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. A iniciativa partiu de um colega que experimentara, ele próprio, o saudável efeito da terapêutica analítica. (FREUD, 1975: 24) (Tradução livre)

Em nota de rodapé, Strachey nomeia o colega, afirmando que o grupo surgiu por um pedido de Stekel. Freud não nomeia Stekel. Freud escreveu este texto em 1914, após o rompimento com Adler e Jung. Os dois dissidentes continuaram a chamar sua prática de psicanálise, e Freud foi bastante enfático em afirmar que eles não faziam psicanálise. Freud descreveu, na obra citada, o movimento psicanalítico desde seu início até 1910, mostrou que a psicanálise tinha sido criada por ele, que psicanálise era igual a Freud, ou teoria de Freud. Somente no final do texto explicitou suas diferenças em relação a Adler e Jung. Stekel foi analisando de Freud, e neste momento Freud o considerava um prolongamento de Adler. Foi essa irritação que o impediu de citar Stekel.

Dos biógrafos pesquisados, Jones foi o único que discordou da imagem de Freud como alguém autoritário. Muito do que se critica hoje do trabalho de Freud é feito com instrumentos que ele forneceu. Não afirmo que Freud deveria fazer da maneira autoritária que fez, ou de uma outra; além de inútil, seria prepotente demais. A questão que me toma é que ainda hoje, com roupagem pós-moderna, os psicanalistas continuam abusando das certezas e vivendo as mesmas vicissitudes nos processos de filiações. Os analistas ficam, muitas vezes, aprisionados em suas experiências transferenciais de origem, mantendo a mesma reverência transferencial que Freud exigiu dos seus alunos.

Freud e seus primeiros alunos formaram um grupo que começou a incomodar os poderosos da época, que se referiam a eles, pejorativamente, como “bando de judeus que chamam as crianças de perversas”. Freud, o “chefe do bando”, tinha plena convicção de que havia inventado uma clínica e uma teoria que marcariam o século. Para Freud, tratava-se de

uma “causa” a defender. Por essas razões, pode-se compreender as dificuldades e os excessos de Freud, torna-se inteligível porque queria seguidores inteligentes e criativos, mas os temia e os expulsava, desprezava seguidores medíocres, mas os mantinha a seu lado.

Voltando ao desenvolvimento teórico, Freud considerou a abreação insuficiente. A cura exigia que as idéias patogênicas se tornassem conscientes.

Freud abandonou o método da insistência e criou o método da associação livre; forjou a regra fundamental, em que o paciente deveria comunicar ao médico todos os pensamentos que lhe ocorressem. Havia no paciente um conflito interno, criado por fatores traumáticos que o faziam colocar à parte da consciência alguns conteúdos específicos, ligados aos fatores traumáticos. O paciente resistia, e resistir era impedir a lembrança de um conteúdo doloroso à consciência. A cura seria a lembrança desses conteúdos. A resistência continua sendo resistência aos conteúdos, às lembranças.

Analista era aquele que colocava a regra fundamental, adivinhava através das associações livres os impulsos infantis reprimidos e os comunicava ao paciente. Isto era possível porque na associação livre ocorre um relaxamento da censura e o material aparece de forma distorcida. Significa dizer que sob o rebaixamento da lógica e da censura, outra determinação aparece. O que aparece é o material reprimido, inconsciente. Esta elaboração só surgiu em *A interpretação dos sonhos* (1984a). O analista interpretava a resistência, isto quer dizer que interpretava os impulsos reprimidos e assinalava como o ego rejeitava esses impulsos e por que os rejeitava. O analista só poderia captar esses conteúdos se os admitisse e os conhecesse em si próprio, daí a necessidade da análise do analista. Para compreender os conceitos psicanalíticos, o mesmo reconhecimento em si era necessário. Não há analista sem análise prévia. A resistência à análise aparecia sob a forma de mecanismos de defesa: a repressão, exclusão de um conteúdo da consciência; projeção, atribuir a outro algo que é nosso; introjeção, atribuir-nos o que é de outrem; separação entre idéias e afetos e regressão, retorno a fases anteriores de desenvolvimento. O analista interpretava a resistência, sua forma e seu conteúdo, e obtinha com isso a admissão por parte do paciente dos impulsos excluídos da consciência, e a conseqüente integração da personalidade.

Logo em seguida, Freud fez um pequeno reparo no trabalho do analista, mas tratou-se de uma modificação muito importante naquilo que chamaremos de postura do analista. O analista buscava, no analisando, os conteúdos excluídos da consciência e os comunicava ao paciente, e mesmo que o paciente não aceitasse a interpretação, o analista compreendia que estava correto, e a não aceitação era uma questão de resistência à tomada de consciência do material reprimido. O poder do analista era imenso.

A pequena, mas fundamental modificação que Freud acrescentou foi a constatação de que o analista não era tão poderoso, e forjou a regra fundamental para o analista: a atenção flutuante. Freud procurou no caso Dora (1985a) comprovações de sua teoria sobre a sexualidade infantil e percebeu, depois, que não enxergou a paciente. Com a regra da atenção flutuante, o psicanalista não procurava por nada específico, deveria ouvir as associações do paciente da mesma maneira, sem privilegiar nenhum conteúdo. O objetivo da análise continuava o de tornar consciente o inconsciente, o que foi acrescentado foi uma consideração sobre o quanto é um trabalho difícil para o analista. Aí houve uma rachadura na ilusão de onipotência do analista. Nasceu o conceito de contratransferência, acabou a imunidade do analista. A bem da verdade, a transferência e a contratransferência já estavam presentes, de alguma forma, nas considerações de Freud sobre o tratamento de Anna O.

A transferência era resistência aos conteúdos por parte do paciente e a contratransferência era uma resistência do analista que se expressava por diferentes destaques que dava ao ouvir o material do paciente. A contratransferência deveria ser dominada. Daí a conseqüente idéia da desejável neutralidade do analista, da necessidade de o analista não interferir no paciente por seus conteúdos pessoais, além de ficar explicitado a indicação do divã, pois, assim, as reações corporais do analista ao conteúdo apresentado pelo paciente não seriam percebidas e não interfeririam.

Nesse momento, as regras de abstinência e de neutralidade confundem-se, são uma só.

O caldo vai engrossando. Quando o paciente coopera com o trabalho do médico, há uma transferência positiva. Pelo amor que deseja obter do analista, ele busca vencer as forças resistenciais. Quando projeta no médico conteúdos seus, inaceitáveis, cria a transferência negativa, que deve ser interpretada. Digo que o caldo foi engrossando porque o analista cada vez mais participa do processo analítico, embora seja desejável que se torne invisível.

O paciente, para não lembrar de conteúdos que estão vivos dentro dele, atua-os, repete para não recordar. Repete com o analista. Transfere para o analista afetos da infância, repete as mesmas vivências sem a elaboração. Transferência é resistência, e deve ser interpretada pelo analista para interromper a repetição e provocar a elaboração. A resistência aparece na relação com o analista.

O conceito de Inconsciente foi delineado. Apareceu em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1984a). Trata-se de um sistema psíquico com uma determinada lógica de funcionamento. Há no psiquismo duas formas de funcionamento: uma é a consciente e pré-consciente e a outra é a inconsciente. Não se trata de diferença de lugares, nem de conteúdos, mas de leis diferentes.

Neste momento, a repressão era a pedra angular da psicanálise. Repressão sendo entendida como afastamento da consciência.

O grupo das quartas-feiras já estava maior e já havia rivalidades entre eles. Os novos membros foram Rank, que entrou em 1906, e entre 1907 e 1910 aproximaram-se Ernest Jones, Hans Sachs, Sandor Ferenczi, Karl Abraham, Victor Tausk, Max Eitingon, Carl C. Jung, Ludwig Binswanger, Pfister, entre outros. Os vienenses participavam regularmente, os outros visitavam esporadicamente.

Lou Andreas Salome entrou para o grupo em 1912. Teve um papel fundamental, pois fez a ponte entre Freud e outros pensadores. Roazen (1971) destacou que ela não representava perigo, pois sendo mulher não era rival para Freud.

A pedra angular da psicanálise deixou de ser a repressão e passou a ser o Complexo de Édipo. O Édipo surgiu quando Freud compreendeu a existência da “fantasia”. No final da formulação do Complexo de Édipo, a questão fundamental era o conceito de “castração”. A forma pela qual o sujeito elaborava a castração determinaria o seu funcionamento psíquico. A rigidez na clínica psicanalítica baseava-se inteiramente na idéia da introjeção da castração. O “naufrágio” (Freud) do Complexo de Édipo seria o objetivo maior da clínica psicanalítica.

Outra formulação teórica que determinou mudanças na clínica e na definição de analista apareceu em vários momentos da teoria freudiana. Nessa formulação, o movimento pulsional, as pulsões sem representação psíquica, enfim, o ponto de vista econômico, foi o eixo das idéias. Dentre as definições de psicanálise, é a econômica a que realmente colocou a clínica e o analista em posição de descoberta e de criação.

A teoria econômica que esteve presente desde o começo da obra passou a ser mais trabalhada depois do *Mais além do princípio do prazer* (FREUD, 1984d). O lugar do analista mudou radicalmente, já não é possível o analista neutro, o analista intérprete, o analista que sabe. A teoria econômica firmou o campo da surpresa na clínica.

Embora Freud tenha trabalhado a teoria econômica, principalmente em seus últimos textos, a clínica psicanalítica predominante nesta época não era a das forças pulsionais, pois predominava no movimento psicanalítico a rigidez dos psicanalistas berlinenses.

1.3 A querela Adler

As impressões do mundo externo devem primeiro passar pela corrente sanguínea para que possam aparecer como sensação. (ADLER apud HANDLBAUER, 2005: 102)

O primeiro discípulo que se afastou de Freud por divergências teóricas foi Alfred Adler, o que ocorreu em 1911. Segundo Handlbauer (2005), há nas atas da Sociedade Psicanalítica de Viena que desde 1906 Adler começou a desenvolver um ponto de vista próprio, defendendo a idéia de que a base da neurose era a inferioridade orgânica. Freud foi receptivo a Adler, entendendo como uma colaboração à sua teoria. Em abril de 1910, houve o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise; logo após o Congresso, Jung foi nomeado o primeiro presidente da Sociedade Internacional e Adler, o novo presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena. Nesta mesma reunião em que Freud fez estas nomeações, segundo Handlbauer (2005), Tausk e Wittels manifestaram-se contrários à organização de uma sociedade para propagar a psicanálise. O argumento utilizado por eles foi o de que o grupo era algo oposto a uma sociedade, e que era triste terem que se transformar em uma sociedade. Pouco encontrei sobre as idéias de Wittels, mas as que tive acesso mostraram um homem ético e livre. A crítica que ele fez aos suíços é preciosa, mostrou-os como perfeitos alunos, treinados a serem freudianos, ótimos freudianos, ou ótimos qualquer coisa que se propuserem. O que há contido na crítica é a idéia de que a psicanálise não é um bem para alunos obedientes, ele mostrou que a organização em sociedade facilita este tipo de “bom aluno”, e a psicanálise perde a sua arte.

Wittels não só lamentou o fim de um grupo criativo, como criticou a falta de vida dos “suíços”¹. Para ele, a psicanálise precisava de liberdade e criatividade.

O embate entre Freud e Adler coincidiu com o início da institucionalização da psicanálise. Neste período, a psicanálise era muito frágil para suportar divergências.

Há várias versões sobre o encontro Freud-Adler, mas nenhuma delas com documentação que as comprove. Nestas versões, há um ponto comum: Adler é visto como um defensor de Freud em um momento no qual as idéias de Freud provocavam risos nas

¹ Fica claro que Wittels refere-se a um tipo de pensamento que se organizou na Sociedade de Psicanálise da Suíça.

universidades. Talvez por essa posição inicial, Adler não tenha se colocado como aluno de Freud, e daí o rápido rompimento.

Adler divergia de Freud em dois importantes temas: a teoria da “inferioridade orgânica” e o papel da agressividade na neurose. Quando apresentou suas idéias na Sociedade de Quarta-Feira, foi bem aceito por Freud, que sublinhou a idéia de que há uma supervalorização da atividade cerebral em pessoas que sofrem de uma inferioridade orgânica. Apesar de se afastar de sua idéia que ligava as neuroses à sexualidade, Freud aceitou bem as contribuições de Adler.

Adler também se diferenciou dos demais membros da sociedade por tentar compreender certos fenômenos como algo além da teoria das neuroses. Em 1908, fez um estudo em que compreendeu razões sociais para a frigidez, relacionando-a com o começo do movimento feminino de emancipação. Para Adler, o capitalismo fazia também da mulher uma propriedade privada. Adler era marxista, o que lhe criava dificuldades com alguns membros da sociedade, mas não era o único a criticar o capitalismo. Seu maior opositor era Wittels, que dizia que era incompatível ser freudiano e democrata social ao mesmo tempo. Wittels também achava que as mulheres não deveriam participar na força de trabalho. Em muitos momentos, Adler fez uma correlação entre a psicanálise e pontos de vista sociais.

Embora Freud e Adler tivessem discordado a respeito do conceito de agressividade, este não era o ponto de divergência fundamental entre eles. O ponto central localizava-se no fato de Adler não concordar que a etiologia das neuroses era somente sexual, ele colocava os fatores sociais na sua compreensão dos sintomas neuróticos. No que concerne ao conceito de agressividade, Freud mudou de idéia e reconsiderou explicitamente em *Mal-estar na civilização*, em 1929. Freud concordou com Adler, sem citá-lo.

Em outubro de 1910, no nonagésimo aniversário da Sociedade de Quarta-Feira, ela passou a ser chamada oficialmente de Sociedade Psicanalítica de Viena, tendo Adler como presidente e Stekel como vice-presidente. Freud propôs a mudança para facilitar a saída de pessoas que assim o desejassem, pois ele já estava muito incomodado com Adler e queria que ele se retirasse espontaneamente, o que não ocorreu. Como Adler não saiu, foi nomeado presidente, como uma tentativa de mantê-lo sob controle. O assunto entre os membros da recém criada sociedade passou a ser as diferenças teóricas entre Adler e Freud. Foi dedicado um mês de estudos para Adler apresentar suas teorias e, apesar de suas esperanças, as discussões foram pesadas para ele, e Freud mostrava-se cada vez mais enfurecido. Freud o chamava de paranóico e autor de teorias incompreensíveis e Adler afirmava que não pretendia ficar a vida inteira à sombra de Freud.

Em 1911, Adler intensificou sua oposição a Freud, opondo-se à teoria da libido de Freud, à teoria dos sonhos, à sexualidade infantil e criando o termo hermafroditismo psíquico. Freud declarou que o que Adler chamava de hermafroditismo psíquico era o que ele (Freud) havia chamado de bissexualidade. Afirmou que Adler criou jargões novos para os termos da psicanálise. A frase que Freud construiu a respeito da teoria de Adler tem sido repetida milhões de vezes pelos psicanalistas e merece reflexão: “Isto não é psicanálise”.

Adler criou a Sociedade para a Livre Pesquisa Psicanalítica, nome que era provocativo para Freud. Freud considerou concorrência e forçou a opção entre uma e outra sociedade. Os adeptos de Adler lançaram um debate em favor da livre pesquisa dentro do freudismo. Eles não queriam a separação, mas Freud, Tausk e Hitschmann estavam intransigentes. Houve a votação e com 11 votos contra 5 concluíram que a Sociedade Psicanalítica era incompatível com a Sociedade para a Livre Pesquisa Psicanalítica.

Os psicanalistas que posteriormente se retiraram com Adler da Sociedade Psicanalítica não fizeram uma escolha teórica, a escolha foi feita pela liberdade científica.

Adler foi afastado da Sociedade Psicanalítica, embora ela agradecesse por seus serviços e tivesse se recusado a reconhecer que suas idéias eram incompatíveis com a psicanálise. Por que, então, expulsaram Adler?

De fato, não havia nenhuma incompatibilidade entre os dois. A questão era a fragilidade da psicanálise, que, na visão de Freud, não suportava diferenças entre os defensores da causa.

Adler e Freud tinham diferentes histórias de vida. Adler era de uma família com sérias dificuldades econômicas, trabalhou com pacientes de classe média e classe baixa, e via em seus pacientes aspectos diferentes dos que Freud percebia nos dele. Os pacientes de Freud pertenciam à classe mais privilegiada de Viena. Adler encontrou mais problemas de miséria social do que Freud.

Pouco antes do rompimento com Adler, Freud escreveu o artigo *Sobre a psicanálise selvagem*² (1986a). Freud contou um caso clínico no qual o médico prescreveu à paciente a masturbação ou um amante para solucionar seu sofrimento, que ele entendia como repressão da vida sexual. O médico trabalhou de certa maneira com a teoria de Freud, descrita em *Moral sexual civilizada e doença nervosa* (1978f), mas ignorando outros pontos fundamentais da psicanálise, como a transferência e a repressão. Freud chamou de psicanalista selvagem o

² A tradução brasileira das *Obras Completas de Freud* utiliza o termo silvestre e não selvagem. Utilizo a coleção da Amorrortu, em espanhol, e tomo a liberdade de traduzir por selvagem, pois acho mais coerente com o que Freud especificou com esse conceito.

médico que leu alguns textos de psicanálise e que comunicou ao paciente a compreensão psicanalítica de sua doença, sem efetivar um processo psicanalítico propriamente dito. Assim Freud comunicou e justificou a criação da Sociedade Psicanalítica:

Nem eu, nem meus amigos e colaboradores, achamos agradável monopolizar desse modo o título para exercer uso de uma técnica médica. Mas, em face dos perigos para os pacientes e para a causa da psicanálise inerentes à prática que se pode antever de uma psicanálise “selvagem”, não tivemos outra escolha. Na primavera de 1910, fundamos uma Associação Internacional de Psicanálise, a que seus membros declararam aderir, pela publicação de seus nomes, de maneira a serem capazes de repudiar a responsabilidade por aquilo que é feito pelos que não pertencem a nós e, no entanto, chamam a seu procedimento “psicanálise”. Pois, em verdade, os analistas “selvagens” desta espécie causam mais dano à causa da psicanálise do que aos pacientes individualmente. (FREUD, 1978f) (Tradução livre)

A psicanálise estava sendo definida e estabelecida

No texto *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1975), Freud chamou de psicanálise todo procedimento que levasse em conta a transferência e a resistência do analisando. Freud afirmou que mesmo que se chegasse a conclusões diferentes das dele, se esses dois pontos fossem respeitados, estar-se-ia fazendo psicanálise. No mesmo artigo, Freud declarou-se fundador da psicanálise, foi bastante enfático ao mostrar a incompatibilidade da psicanálise com as idéias de Adler e Jung e disse que, por temer que a psicanálise fosse abusada, seria necessária a existência de uma espécie de quartel-general que definisse o que é e o que não é psicanálise. Freud redefiniu o conceito, desta vez a partir de como se faz, baseado no procedimento clínico. Freud mudou muitas vezes de idéia sobre seus conceitos; esta era uma de suas grandes qualidades, pois era capaz de teorizar e de perceber furos em sua teoria e modificar esses pontos. Mas, além dessa capacidade de pensamento e de autocrítica, Freud estava tentando introduzir a psicanálise como uma ciência respeitável, por isso tinha uma postura básica de desenvolvimento teórico que instigava a criação e a necessidade de criar um grupo que defendesse suas idéias. De alguma maneira, transparece em sua obra a psicanálise livre, libertária e poética e a psicanálise dependente dos jogos de poder. Não há releitura absoluta possível de Freud, há leituras, há leitores com suas questões pessoais que fazem diferentes psicanálises, algumas estéreis e outras férteis, algumas libertárias e outras escravizantes, todas elas resultantes do encontro de uma subjetividade com a obra contraditória e móvel de Freud.

Jones (1989), um dos maiores responsáveis pela idealização da psicanálise, descreveu Adler e seus adeptos como socialistas ferrenhos e dá como exemplo do fanatismo de Adler sua amizade com Trotsky, e assim Jones explica a visão sociológica de Adler. Jones construiu

uma imagem de Freud impecável e demonstrarei em vários momentos deste trabalho a forma de Jones transmitir sua versão dos acontecimentos.

Roazen (1971) já toma os acontecimentos sublinhando o narcisismo de Freud, descrevendo como Freud sentia qualquer crítica à psicanálise como um ataque à sua própria pessoa.

De qualquer modo, Freud estava envolvido na tarefa de proteger a psicanálise e criou o “quartel-general”. Em 1912, foi criada uma Sociedade Secreta, conhecida como Círculo Secreto ou Círculo do Anel ou Comitê Secreto. “O comitê foi criado para assegurar a perpetuação da psicanálise” (GROSSKURTH, 1992: 38). Freud exigiu dos membros total lealdade pessoal e profissional. Grosskurth descreve o comitê como uma família patriarcal, somente masculina, sem mãe e que marcou totalmente a psicanálise.

Stekel dizia que Freud sofria de “Complexo da Horda Primitiva” e concordo inteiramente com ele. Já disse que foi assim que Freud entendeu a possibilidade da sobrevivência da psicanálise, ele se tornou um guru, que não admitia que os filhos pensassem e que vivia temendo ser devorado por seus “filhos” psicanalíticos.

Freud redobrou seus cuidados com a fidelidade³ dos analistas.

A análise pessoal tornou-se obrigatória aos analistas, obrigatoriedade esta bastante compreensível se não tivesse se transformado em outro instrumento de poder: as objeções às idéias de Freud passaram a ser interpretadas como análise insuficiente e conseqüente resistência aos conceitos. Diz Bergmann:

Sabemos que o objetivo geral de todos os ritos de iniciação [o autor refere-se à análise didática como rito de iniciação] é forçar o candidato a se identificar com seu iniciador, a introjetar o iniciador, e seus ideais, e a construir, a partir dessas identificações, um forte superego que o influenciará por toda a vida. (BERGMANN, 1997: 46)

Atualmente há psicanalistas que acreditam que fortalecer o superego é um objetivo da análise; trabalham, pelo menos nesse sentido, com o conceito de psicanálise de 1914. Outros têm trabalhado com a idéia de que o superego é uma formação sintomática, são os que pesquisam os pressupostos econômicos e são influenciados por Foucault.

A psicanálise teria se tornado um beco sem saída, marcada por uma endogamia destrutiva, se não houvesse, em contrapartida, o elemento criativo dos primeiros discípulos de Freud.

³ Tratava-se de fidelidade e não de lealdade, pois Freud esperava alunos dóceis e fiéis.

Freud foi se tornando intransigente com os que discordavam dele, mas nem sempre foi assim.

Em discussão com Jung, Freud escreveu *Sobre o início do tratamento* (1986c) e foi cauteloso e respeitoso. Quando falou sobre as regras da cura psicanalítica, afirmou que não podia chamá-las verdadeiramente de regras e sim de recomendações, porque não reivindicava nenhuma aceitação incondicional. Para Freud, colocar regras em uma análise seria impossível pela diversidade dos processos mentais e pela riqueza e diversidade das psiques. O único ponto em que é mais incisivo é o que recomenda ao psicanalista que não aceite casos que não esteja capacitado para tratar. O que seria estar capacitado para tratar? Ter vontade? Ser supervisionado? Participar da sociedade secreta? Saber manter o *setting* analítico? Sabemos que a definição de “estar capacitado” se modificará de acordo com o conceito de psicanálise com que estivermos lidando.

É o mesmo Freud que criou a ortodoxia⁴, que nos forneceu a compreensão da importância da transgressão e que puniu os transgressores com o exílio.

1.4 O príncipe rebelde

... a psique, nos seus alcances mais profundos, participa de uma forma de existência além do tempo e do espaço, e portanto partilha do que é inadequada e simbolicamente descrito como eternidade. (JUNG, 1981) (Livre tradução)

Esta é a história de um príncipe que era contra a monarquia.

No item sobre as querelas com Adler, desenho a situação de Freud no início do século XX, quando os psiquiatras reconhecidos da época faziam gracejos irônicos ao referirem-se ao trabalho de Freud. Freud não tinha esperança alguma de ser ouvido pelos psiquiatras da

⁴ No dicionário Aurélio, a palavra “ortodoxia” tem nuances de significados que tornam a idéia de Freud ter criado a ortodoxia na psicanálise ainda mais interessante. Em um dos sentidos, ortodoxia significa absoluta conformidade com um princípio; nestes termos, a maioria de nós seria ortodoxo. Em outro sentido, o termo é explicado como intransigência a tudo quanto é novo, não aceitação de novos princípios ou idéias e fidelidade irrestrita a uma doutrina. Penso que Freud realmente trabalhava com esses dois pensamentos: leal aos princípios éticos e, em outros momentos, sem aceitação de idéias diferentes das suas. O próprio Freud, em uma carta a Ferenczi, fala de sua dificuldade em aceitar idéias divergentes de outros.

Universidade de Viena. Por outro lado, seu grupo era descrito pejorativamente como o “grupo de judeus”.

Quando Jung lhe escreveu em 1906, da Universidade de Zurique, elogiando seu trabalho, Freud viveu uma alegria inesperada. Jung tinha posição respeitável na comunidade científica, pertencia a um centro universitário importante, era de outro país da Europa e não era judeu. Jung tinha tudo que Freud poderia desejar para sua “causa”.

O encontro entre eles foi extremamente potencializador para ambos.

Jung impressionou fortemente a Freud, e o interesse político que Freud demonstrou no primeiro momento transformou-se em amizade e admiração.

Freud era repetitivo. Em sua primeira carta a ele, Jung disse que achava que uma das etiologias da histeria era a sexualidade. Freud usou o mecanismo de defesa que depois designará de “recusa”, exemplificado pela frase “eu sei, mas mesmo assim...”. Freud tirou a força de sua percepção, modificando-a através da crença que um dia Jung perderia a resistência interna à verdade. Parece que a imagem idealizada de Jung só foi manchada quando Freud teve de admitir que Sabina Spielrein, paciente de Jung, que foi sua parceira em um intenso caso de amor, não era uma sedutora bandida. Segundo Grosskurth (1992), para Freud, o analista estava sempre certo, o paciente sempre errado, mas a imagem idealizada de Jung sofreu um abalo porque ele se permitiu o que Freud nunca se permitira.

Freud não aceitou ser amigo de Jung, queria ser parente, chamava Jung de “filho e herdeiro”. Provavelmente Jung procurava um pai que admirasse, mas não parecia querer ser líder. Não passou despercebido a Jung, que perguntou a Freud: “Por que pai e filho e não simplesmente colegas?” (GROSSKURT, 1992: 63).

Jung foi atraído pela psicanálise porque viu nela um caráter libertário e inovador. Se Jung quisesse ser príncipe herdeiro era só continuar onde estava, era o principal assistente de Eugen Bleuer, diretor do Burgholzli e um dos especialistas mundiais em esquizofrenia, criador do conceito de “ambivalência”.

As ambições de Freud e Jung eram absolutamente distintas. Em comum tinham o interesse pelo funcionamento da psique humana e pelo oculto. Jung se interessava pelo espiritismo e pela parapsicologia, Freud pela telepatia e pelos sonhos. Jones usou este interesse de Jung pelo oculto para dar-lhe a pecha de ter uma “personalidade leviana” e um “obscurantismo místico” (JONES, 1989). Segundo Roazen (1971: 269), Jones “excluía tudo que não compreendia”.

Freud abandonou seu interesse pela telepatia, e tentou concentrar-se em uma explicação científica dos fatos psíquicos, diferenciando-se da superstição e da religiosidade.

Em *Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo* (1984f) relatou que estava vivendo algumas experiências que poderiam ser explicadas pela transmissão de pensamentos. Segundo nota do editor das *Obras Completas de Freud*, este texto continha três ensaios, os quais Freud desejava incluir na oitava edição da *Die Traumdeutung* (*A interpretação dos sonhos*). O terceiro ensaio, no qual Freud falava sobre a telepatia, não foi incluído por influência de Jones, que considerou prejudicial à psicanálise que Freud pudesse achar fundamentos na telepatia.

Em 1912, as discussões entre Freud e Jung estavam no ápice. Jung acusava Freud por tentar manter seus seguidores em uma situação infantil, dependentes dele e que só conseguiam expressar sua singularidade por meio da radicalização. Condenava a mesma atitude no analista. Jung afirmava que o analista que só olha para o passado do analisando, para sua relação com papai e mamãe, mantém o analisando impossibilitado de desenvolver sua individualidade.

Freud entendia as afirmações de Jung como uma manifestação de sua dificuldade de tolerar a autoridade de outro.

Como aconteceu com todos os seus seguidores, a relação entre Freud e Jung também foi marcada pela assimetria e pela relação mestre-aluno. Assim como os demais, Jung demonstrou necessidade de ver suas idéias aprovadas por Freud e incorporadas à teoria psicanalítica.

Quanto às contribuições, Freud aceitava algumas idéias e refutava a maioria delas. Para Freud, a discordância de seus conceitos era entendida principalmente como resistência psíquica ao efeito da vivência interna desses conceitos. Era desse modo que Freud trabalhava com os pacientes naquele momento histórico: havia um material apartado da consciência, reprimido pela dor que a convivência com esse material traria ao sujeito, e à análise caberia a tarefa de fazer com que o paciente aceitasse os conteúdos reprimidos. Freud incluía, portanto, que a aprendizagem da psicanálise apresentava certa peculiaridade, a transferência e a resistência participavam do processo. Importante lembrar que neste momento teórico o paciente resistia ao conteúdo reprimido e não ao analista.

Jung sempre foi extremamente gentil e respeitoso com Freud, aceitava suas refutações e se desculpava, mas manteve sua singularidade. Jung continuou marcando suas diferenças.

Jung era brilhante, e Freud reconhecia sua capacidade. Considerava Jung seu herdeiro psicanalítico. Além da capacidade intelectual, Jung engrandeceu a psicanálise politicamente, estendeu seus limites para a Suíça, tornou a psicanálise internacional e tirou-a de uma teoria

pertencente a um gueto judeu. Jung deu visibilidade à psicanálise. Pela sua ligação com as universidades, Jung tirou a psicanálise da marginalidade em que havia nascido.

Jung pôde fazê-lo porque era suíço e protestante, mas justamente por isso, por ter tradições étnicas e religiosas diferentes das de Freud, pensava o homem de maneira diferente. O mesmo se deu com Adler, que por ter uma história de vida muito diferente da de Freud, entendia a vida psíquica diferentemente deste. Essas diferenças também determinaram os pacientes e os interesses de pesquisa de ambos. Para Freud, nesse momento era impossível aceitar essas diferenças.

Havia coerência em Freud, ele entendia a repressão como o ponto central da psicanálise, e via a resistência às suas proposições como impossibilidade de contato com o material demonstrado por ele. Não deixa de impressionar a impossibilidade de Freud em aceitar relações simétricas.

As diferenças e a genialidade destes homens provocaram alterações em todos eles. Freud demorou demais para se permitir pensar nas propostas de seus colegas, mas o fez.

Jung impulsionou Freud a criar o conceito de narcisismo, a repensar sua teoria pulsional e a acrescentar a palavra “complexo” em sua teoria.

A relação entre eles foi interrompida em 1912. O ponto formal da ruptura foi um curso que Jung ministrou em Nova York, em que retirou os registros do sexual e do pulsional da psicanálise.

Freud acusou Jung de ter uma atitude sedutora frente à Psiquiatria, sem confrontar as diferenças entre as posturas psiquiátricas e psicanalíticas. Freud esperava que Jung tratasse das afirmações dos psiquiatras enquanto resistência, o que Jung não fez.

Realmente as divergências teóricas são pretextos sinceros para afastar o contágio intenso entre esses grandes homens. Entre muitas outras trocas, pode-se dizer que Jung fez Freud olhar para seu narcisismo, e Freud fez Jung lutar bravamente por sua individualidade.

Jung podia não se submeter a Freud⁵.

O texto *Totem e tabu* (FREUD, 1986d) sofreu inúmeras interpretações, dentre elas a de que o texto foi uma resposta a Jung, mostrando que o Édipo seria a base da religião e da vida social. Em *Totem e tabu*, o pai da horda primitiva possuía todas as fêmeas, e não permitia aos filhos que tivessem uma mulher. Os filhos mataram o pai para ter acesso às mulheres, mas, ao matá-lo, identificaram-se com suas proibições, as mulheres continuaram proibidas,

⁵ Não estou abordando exatamente as diferenças teóricas entre Freud e Jung. Pode-se encontrar um resumo destas diferenças no artigo *Freud e Jung: impasses e ruptura*, de Joel Birman, publicado na revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. O assunto é abordado mais amplamente no livro *Freud e a experiência psicanalítica*, de Joel Birman.

surgiu a lei da exogamia. O que surge nos filhos, e na teoria freudiana, é o superego, a explicação das divindades, os totens das religiões, que seriam o pai morto que se eterniza. Este texto também contemplou a noção de ambivalência, os filhos amavam e odiavam o pai intensamente. Mezan (2002) considera que a derivação teórica do *Totem e tabu*, calcado na ambivalência, será a “neurose obsessiva” e a “melancolia”. Concordo plenamente com Mezan e considero também que o texto foi consequência da relação entre Freud e seus discípulos, o que significa que a formação do analista, a “morte do analista”, pode não ser um fator de libertação e sim um fator melancolizante e super egóico, o analista que se eterniza através de seus analisandos, que ficam sem vida.

Totem e tabu também marcou a segunda formulação sobre o Complexo de Édipo, incluindo narcisismo, ideal de ego em suas formulações. O texto surgiu ligado às questões sobre filiação em psicanálise e estas continuam muitas vezes funcionando à maneira de *Totem e tabu*, no sentido da melancolia que criam.

No contexto institucional da época, sabe-se que Jung era invejado e odiado por muitos de seus colegas. Além de ser o preferido de Freud, que nunca escondeu este fato, significava um ponto político fundamental para a psicanálise e possuía uma genialidade inegável.

Por essas considerações institucionais, Birman (1996) considerou insuficiente entender a ruptura entre estes gigantes somente como intolerância de Freud às diferenças. Considerou mais importante o ataque invejoso dos colegas que destruíram essa relação. Com efeito, é uma hipótese bastante plausível, pois vimos que Ferenczi foi expulso da Sociedade Psicanalítica a despeito do reconhecimento que Freud teve por ele. Como já falei acima, acredito que a intensidade no contato entre eles foi tamanha que necessitaram romper para continuar metabolizando todo o impacto que causaram.

Roustang (1987) assinalou a grande contribuição de Abraham ao texto *Totem e tabu*, demonstrando a união do Comitê Secreto para assassinar Jung. Abraham tinha uma rivalidade mortal com Jung, ele queria o lugar de preferido de Freud, o qual Jung ocupava.

Quando Jung se retirou da Sociedade Psicanalítica, foi seguido por quase todos analistas suíços. Como aconteceu com Adler, seus simpatizantes saíram em nome da liberdade de pesquisa em psicanálise. Assim como Adler, Jung preferia continuar ao lado de Freud, mas não foi possível um acordo entre eles.

De qualquer forma, a dificuldade entre os psicanalistas em aceitar suas diferentes histórias e seus diferentes enfoques da teoria e da clínica psicanalítica, e a conseqüente falta de criatividade entre os analistas, é um problema absolutamente atual.

O argumento de que as instituições psicanalíticas têm membros de diferentes tendências teóricas não refuta minha observação. Com efeito, criam-se guetos que pertencem à mesma instituição, mas não trocam nada entre si.

A intolerância às diferenças permanece nas instituições psicanalíticas. Por que?

Os ecos destas rupturas do início da psicanálise ainda reverberam. As mesmas questões ainda estão presentes na comunidade psicanalítica. Ainda há dificuldades dos agentes do sistema de filiação em aceitar as diferenças, os quais tomam uma postura de anulação do outro através do dogmatismo e do fanatismo.

1.5 O silêncio. Victor Tausk

El concepto del mal no se le aparece fijo al psicólogo preocupado por la historia. El contenido de este concepto varía según las diferentes épocas para los mismos pueblos y en la misma época para varios pueblos. (TAUSK, 1977b: 127)

Não há publicação em português das obras de Tausk. Por que?

Esteve no cenário psicanalítico entre 1908 e 1919, época em que os analistas não entravam na psicanálise por ser uma profissão bem sucedida, mas por sua angústia, sua subjetividade e a busca de elaboração desta angústia. Não há outra possibilidade de se formar um psicanalista.

Roazen (1971) trouxe Tausk, novamente, para a cena psicanalítica. Tausk fez parte do grupo de primeiros adeptos de Freud. Era talentoso, destacou-se entre os psicanalistas da época, mas foi esquecido. Tem sua marca na história por ter sido amante de Lou Andréas-Salomé.

Roazen descreveu Tausk como ambicioso, cruel e totalmente dependente quando amava. Quando se dava conta que estava tão dependente, rompia a relação e recomeçava a mesma forma de relacionamento com outra pessoa.

Lou Andréas-Salomé fazia a ligação entre Freud e Tausk, informando Freud sobre Tausk, ajudando, portanto, a controlá-lo, e indiretamente auxiliando Tausk a se manter na psicanálise.

Para Lou Andréas-Salomé, Tausk foi injusto com Adler quando se pôs ao lado de Freud contra aquele, e violento e grosseiro com Jung quando este e Freud estavam em conflito. Segundo Roazen (1971), Lou considerava Tausk freudiano demais.

Apesar de ser defensor ferrenho de Freud, Tausk tinha idéias originais que o incomodavam. Freud considerava-o inteligente e temia que ele se apropriasse de suas idéias, pela rapidez com que Tausk percebia o que Freud estava pensando, antes mesmo de formular-se claramente estas idéias.

Tausk interessou-se por psicanálise após ter lido um texto de Freud, em 1908. Foi ajudado financeiramente por Freud e outros analistas. Com esta ajuda, formou-se em Psiquiatria.

Possuía talento e intuição invejáveis, e não teve uma relação fácil com Freud. Roazen implicou, não culpabilizou, Freud com o suicídio de Tausk. Será esse o motivo do desaparecimento de Tausk? Retomar sua história seria desidealizar Freud, colocá-lo em um contexto humano, sujeito a impasses e erros provocados por seu desejo? É possível que parte dos psicanalistas pretendam manter a imagem (sua própria) de analista idealizada, começando sua empreitada pela imagem de Freud. Freud nunca necessitou desse trabalho com sua imagem, foi um gênio e batalhador incansável, cometeu vários deslizos com o objetivo de fazer a psicanálise existir, e a questão passa pelos que ainda hoje cometem os mesmos erros. Segundo Birman (1990: 31): “Somente a instituição analítica se alimenta da mitificação da figura de Freud e das lacunas da memória para sustentar a política mitificante”.

Tausk é descrito pelos diversos autores como um homem perturbado. Ele tentou várias carreiras, formou-se em Direito, começou a advogar, abandonou, tentou a Literatura, depois o Jornalismo e em seguida a Música. Fez Psiquiatria e deu seqüência a seu trabalho como psicanalista, no qual foi reconhecido como bastante capaz; Hélène Deutsch o descrevia como “gênio”, o que irritava Freud.

Depois de separar-se de sua primeira mulher, viveu uma depressão descrita como severa. Em 1908, quando chegou em Viena, esperava de Freud a cura de sua depressão e de seus tormentos interiores; Tausk procurou um analista por demanda de análise. Em 1912, teve um relacionamento amoroso breve com Lou Andréas-Salomé. Teve vários casos amorosos; estava com o casamento marcado quando se suicidou.

Pedi análise para Freud, que não o aceitou como analisando e o encaminhou para Hélène Deutsch. Um elogio para ela e uma depreciação para ele. Contrariado, Tausk aceitou o encaminhamento. Deutsch analisava-se com Freud e, impressionada com Tausk, ele tornou-se o assunto de sua análise. Freud suportou três meses, e fez com que Deutsch interrompesse a

análise de Tausk. Freud não precisava mais de Tausk. Três meses depois desta interrupção, Tausk suicidou-se. Segundo Roazen (1971) Freud revelou a Lou que se sentia aliviado com o suicídio.

Hélène Deutsch entendeu que Freud fora responsável pelos acontecimentos. Por outro lado, Paul Federn entendeu que o suicídio de Tausk deveu-se à sua incapacidade de se fazer querido por Freud. Freud, no obituário de Tausk (FREUD, 1976), considerou-o mais uma vítima da guerra.

Federn representou a opinião da maioria dos analistas deste período, porque, nessa época, ser abandonado por Freud era igual à morte.

Segundo Breger (2002), Freud passou a considerar Tausk uma ameaça por sua criatividade e originalidade. Achava que Tausk antecipava suas idéias.

Tausk foi médico do exército austríaco durante a Primeira Guerra Mundial e dedicou-se a estudar os desertores. Descreveu oito possibilidades de explicação para o desertar, o que significa que Tausk não fechou a questão e definiu um desertor, foi procurando entendê-los, por isso não fez uma tipologia rígida e pobre, não fez um único molde teórico.

Tausk escreveu sobre a psicose, tendo como seu principal texto *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia*. Birman (1977c) comentou elogiosamente o ensaio de Tausk. No texto em que trata do assunto, Birman me fez notar as idéias originais que existiam nos escritos psicanalíticos do início da psicanálise, com uma atitude de pesquisa e descoberta inesgotável, em um estilo direto. A psicanálise perdeu essa propriedade; hoje, são raros os artigos originais, a atitude de pesquisa e descoberta e o estilo direto. Os quatro grupos que se formaram depois da Primeira Guerra Mundial prosseguiram na defesa de seu território e na repetição. Evidentemente, tivemos contribuições originais, mas a vivacidade e a atitude apaixonada tornaram-se raridades.

Tausk investigou a estrutura do ego, o narcisismo e as identificações, tendo em vista o estudo das psicoses. Esses conceitos já tinham sido trabalhados por Freud, mas ganharam maior importância nos artigos que Freud escreveu em 1923 e 1921.

Tausk descreveu o “aparelho de influenciar” para compreender a psicose. Este aparelho apresenta imagens aos doentes, produz e furta pensamentos e sentimentos, produz ações motoras no corpo do paciente, produz sensações, também produz erupções cutâneas e outros processos mórbidos. Esta máquina complicada está ligada à sexualidade. O que os pacientes descrevem como influência da máquina está ligada a uma situação infantil bastante precoce, na qual a criança sente que os outros lhes “fizeram” a palavra, daí o sentimento de que os outros podem ler seus pensamentos. Outro mecanismo bastante primitivo é o de

atribuir ao exterior uma excitação interior; o mecanismo de projeção dota a “máquina” de atributos que pertencem ao sujeito. Esses sintomas se formam para tentar evitar a angústia. Quanto às doenças físicas provocadas pela “máquina”, Tausk considerou que a saúde física e a própria vida dependem do amor à vida; cita Ostwald, em *Grandes homens* (Apud TAUSK, 1977a: 198), que demonstrou que professores universitários aposentados por limite de idade morrem rapidamente após a parada de seu trabalho, não morrem em função da idade, mas porque perderam o amor à vida, não podendo mais levar a vida que gostavam. Ainda trazendo as idéias de Tausk sobre a psicose, verifica-se que ele via a transferência na psicose, transferência que está sob o conflito entre libido narcísica e libido objetual, por isso o sujeito que suscita a transferência é sentido como alguém hostil. Na psicose, há a regressão da libido para estágios infantis, que da genitalidade retornam e transformam o corpo inteiro em órgão genital.

Segundo Roustang (1987), o caso Tausk é sintomático da produção de segredo na instituição analítica, e revelador dos silêncios que margeiam o funcionamento da análise. Para o autor, Freud tinha legítimo direito de não aceitar Tausk para análise, o que critica é o fato de Freud ter se servido da transferência para encaminhar Tausk, sem permitir-lhe escolher seu analista. Além disso, o encaminhamento foi feito para alguém que estava em plena transferência com Freud. Roustang marca ainda que mesmo ocorrendo tudo isso, se Hélène Deutsch conseguisse ser analista e não deixar Freud interferir em seu trabalho e pudesse dizer a Freud que ela poderia falar o que quisesse em sua análise, ela recolocaria Freud em seu papel de analista. Ela preferiu sacrificar Tausk a enfrentar Freud. Tausk preferiu aceitar um encaminhamento que julgou um insulto a desobedecer a Freud. O que Roustang mostra é que o caso Tausk foi resultado de uma complementaridade patológica entre Freud e Tausk. Por um lado, a tendência de Freud a colocar-se como “mestre” e por outro, Tausk repetindo-se na “submissão voluntária”. Entre eles, Deutsch, que, pelas vicissitudes da formação, não conseguiu entrar analiticamente neste circuito.

Mannoni (1982) considerou que a instituição psicanalítica encarnou o poder, tal como o fazem as mães psicotizantes. Essa consideração foi a propósito de compreender que Tausk em sua última carta despediu-se da Sociedade Psicanalítica.

Garcia (1977a) criticou a biografia de Roazen porque só trouxe o sofrimento de Tausk, e não o seu gozo. Tausk sofria porque Freud não o amava, mas em contrapartida conduz a psicanálise para o campo da psicose, em que Freud não queria entrar. Para este autor, Tausk queria a independência sem pagar o preço da liberdade. Penso exatamente o contrário: Tausk pagou com a própria vida a independência que nunca alcançou.

O que estes autores trazem como reflexão é que para existir um analista é necessário que ele possa sustentar suas idéias, encarar seu desamparo e abrir mão da proteção de um mestre que lhe garanta o impossível.

Tausk se inseriu na tradição freudiana, entendendo a loucura desde a teoria psicanalítica e se distinguindo da leitura psiquiátrica; teve a postura de um analista na escuta do delírio, mas não pôde manter esta atitude em sua relação com Freud e com a instituição psicanalítica.

Conclui-se que a falta de créditos à obra de Tausk não se deve à sua falta de densidade ou de importância; deve-se, provavelmente, à preservação da imagem de infalibilidade de Freud, e não pelos biógrafos, mas pelos personagens desta história.

1.6 Ferenczi. A clínica experimental

A vida é um grande sertão, mas tem veredas, e a vereda é o outro. (GUIMARÃES ROSA)⁶

Ferenczi foi chamado de “*enfant terrible*” da psicanálise, pois pretendeu percorrer caminhos interditados, tocou no tabu. Ferenczi sofreu as consequências de quem ousa existir, sofreu as artimanhas de alguns analistas dedicados a imobilizar os que ousam criar e, apesar disto, elaborou uma obra vasta e consistente defendendo as idéias que tinha a respeito da formação de analista, da cura psicanalítica e sobre a relação analista-analisando. Ferenczi pretendeu o pior: pretendeu, sabendo-se discípulo, ser interlocutor do mestre. Foi o primeiro⁷, mas não foi o único a viver tal experiência na psicanálise, mas foi o mais paciente e persistente.

Ferenczi foi excluído da psicanálise pela IPA, diagnosticado como psicótico⁸. Freud costumava entender que as pessoas que se opunham às suas idéias apresentavam resistência

⁶ Início todos os capítulos sobre os discípulos de Freud com uma frase do autor que estava estudando. Para Ferenczi, não pude seguir o mesmo projeto porque, a meu ver, Guimarães Rosa nessa frase resume o essencial da obra de Ferenczi, o que levou às últimas consequências: Ferenczi pontuou seu trabalho pensando que a vida vem de fora, vem da diferença.

⁷ Não foi o primeiro a discordar de Freud, mas o primeiro que insistiu muito para que Freud aceitasse conviver com alguém que tinha pensamento próprio.

⁸ Curiosamente, Jones, o principal responsável pela execução, foi analisado por Ferenczi. Valeria um estudo das brigas ferozes entre ex-analisandos e seus analistas.

ao conceito do qual discordavam, interpretava como um sinal de que a análise ainda estava insuficiente. A análise de Ferenczi não foi considerada insuficiente, o corte foi mais radical, foi diagnosticado como psicótico. Para Freud, os psicóticos eram inanalizáveis.

A comunidade analítica, tempos depois, precisou reconhecer o trabalho de Ferenczi. Segundo Birman, em *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: sobre Freud e Ferenczi* (a ser publicado), o que ressuscitou Ferenczi foi a importância e a pertinência de sua teoria e de seu trabalho clínico. Ferenczi era conhecido como o analista de casos difíceis, que aceitava casos que os colegas não aceitavam e que, desta forma, trabalhou com os estados-limites, com os psicossomáticos e as neuroses narcísicas, portanto, foi “ressuscitado” pelos psicanalistas quando a procura de análise por estes tipos de patologias se intensificou. Penso que também houve outro motivo para a “ressurreição”: a tentativa por parte de alguns psicanalistas de sair do dogmatismo, e que sentiam, como Ferenczi, a necessidade de reintegrar à análise a presença viva; presença que passa longe das recomendações técnicas que formam um cenário perfeito para um desencontro onde nada acontece.

Ferenczi se permitiu uma “clínica experimental”, preocupava-se com a perda da potência do encontro analítico e buscava caminhos para recuperar a potência. Penso que Ferenczi, em momento algum, quis romper com Freud, estava apaixonado pela psicanálise e queria que ela se desenvolvesse.

Ferenczi seguiu “o Freud” que recomendava que a transferência, o que se passa entre analista e analisante, as afetações mútuas deste encontro, são o fundamental na psicanálise, sendo que o analista está ligado à teoria e ao método psicanalítico e à ética. Ferenczi percebia atentamente a história da dupla analítica, história que incluía, também, o que o analisante expressava com o corpo. Foi atento aos movimentos da dupla analítica, sensível às nuances que ocorriam durante a análise.

Ferenczi foi um maravilhoso transgressor. Pretendo, então, seguir seu desenvolvimento teórico clínico, articulando com a forma que foi tomando seu relacionamento com Freud e com a Sociedade Psicanalítica, tentando pensar por que foi assassinado por seus colegas e por que, mesmo assassinado, permaneceu vivo.

Fases de desenvolvimento teórico-clínico de Ferenczi⁹:

a. Absolutamente fiel a Freud, entendia que o Complexo de Édipo estava no centro do processo analítico, que a transferência era um deslocamento das figuras parentais para o

⁹ Tomo as fases de acordo com Birman, em *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: sobre Freud e Ferenczi* (a ser publicado - original gentilmente cedido pelo autor).

analista, que só catalisava esses deslocamentos. Neste período, criou o conceito de “introjeção”.

Esse período, entre 1908 e 1912, foi de grande aproximação entre Freud e Ferenczi. O início dessa relação é curioso. Ferenczi escreve a Freud solicitando o “privilegio de uma entrevista” (BALINT, 1991: 9); parece que Ferenczi colocava Freud em um patamar elevado, e que Freud aprovou essa forma de aproximação. Um dos artigos marcantes deste período foi *Transferência e introjeção* (FERENCZI, 1991b). Começou o artigo citando a definição de transferência de Freud de 1905¹⁰, em que Freud considerava a transferência um deslocamento das relações das figuras parentais para a figura do analista. Neste momento, transferência é sinônimo de resistência, o paciente age assim para não pensar em si próprio e isso se dá independente da relação que mantém com seu analista, pois trata-se de repetição defensiva. Repetição que não se dá só na análise, ocorre em todas as relações dos neuróticos, tornando as reações do sujeito exageradas em relação ao fato que despertou essas reações; o exagero deve-se à energia emprestada das representações inconscientes, reprimidas. A transferência é um caso particular de deslocamento, facilitado pela postura do analista (paternal), em que o analista funciona como catalisador dessas intensidades reprimidas. A transferência se dá por sinais mínimos, “semelhanças físicas irrisórias - cor dos cabelos, gestos, maneiras de segurar a caneta, nome idêntico ou só vagamente parecido com o de uma pessoa outrora importante para o paciente - bastam para engendrar a transferência” (FERENCZI, 1991a: 81).

Assim como para Freud, para Ferenczi esses “sinais mínimos” funcionam da mesma maneira nos sonhos, é um detalhe que representa o todo, é um modo de burlar a censura. Esses detalhes serão suporte na transferência de uma energia livre que se ligará a esses pontos.

Muitos autores tomarão a questão destes “sinais mínimos”.

Aulagnier (1979) retoma a teoria sobre esses sinais, discordando da idéia de Freud de que há uma “esperteza” da psique para enganar a censura. Para a autora, são sensações marcadas no corpo, carregadas de afeto, que não sofreram uma representação em forma de imagem ou palavra, e que permanecem na esfera de sensações que marcarão profundamente as relações humanas.

¹⁰ Esta definição está no Caso Dora (1985a).

José Gil, em *Metamorfoses do corpo* (1997: 205), retomou a questão, sublinhando a percepção naquilo que ele chamou de “pequenas percepções”¹¹, detalhes que, por defasagem de contextos, trazem uma atmosfera que “esboça uma mensagem não-consciente”.

Tanto Freud quanto Ferenczi, Aulagnier e José Gil, com diferentes compreensões, mantêm em comum a importância do corpo na transferência. Corpo do analista imbricado com o corpo do analisando.

Voltando ao texto de Ferenczi, percebo que na primeira parte do texto ele amplia os conceitos freudianos, mas introduz, pela primeira vez, um pensamento próprio; é o conceito de “introjeção”. Primeiramente retoma o conceito de “projeção”, processo pelo qual o indivíduo percebe, projeta, no mundo externo seus desejos e suas tendências. Na introjeção, o sujeito “procura incluir em sua esfera de interesses uma parte tão grande quanto possível do mundo externo, para fazê-lo objeto de fantasias conscientes ou inconscientes” (FERENCZI, 1991b: 84). Na introjeção, o sujeito procura objetos no mundo exterior, distribui seu amor e seu ódio e introjeta esses objetos; trata-se da antropofagia, o corpo real do outro em seu próprio corpo. Uma parte do mundo externo está incluída no ego. Isto significa que o sujeito incorpora o efeito do impacto do outro no próprio corpo, que se transforma em parte de seu corpo. Também neste texto, Ferenczi sublinha que a transferência exerce papel fundamental em qualquer tratamento, seja psicanalítico ou não, na cura das neuroses.

Freud recebeu bem a contribuição de Ferenczi.

Outro artigo fundamental, da mesma época e que seguiu a mesma direção, é *O conceito de introjeção* (FERENCZI, 1991c). Aí, volta a explicar o que entende por introjeção. “Todo amor objetal é uma extensão do ego ou introjeção” (1991c: 181). Amamos o outro porque amamos nossa energia vital que aquele outro potencializa. Quando, em um encontro, dá-se esse ganho de potência, podemos afirmar que aí há o outro enquanto presença viva. O homem sempre ama a si mesmo, e quando ama alguém, inclui esse alguém em seu ego, faz parte do conceito de introjeção uma ampliação do ego. Há uma nova parte do corpo que nasceu aí, e que nos permite nova reorganização. Para Freud, em *Para uma introdução ao narcisismo* (1984e), nos estados de enamoramento a libido é dirigida totalmente ao ser amado, e há como um empobrecimento do sujeito. Seguindo o raciocínio de Ferenczi, vê-se que isso não é possível, uma vez que o estado amoroso é um estado de alegria, e de aumento de energia vital para ambos. Freud concordou com Ferenczi em casos nos quais há retribuição amorosa. Ferenczi acreditava que seria impossível amar sem esta experiência de troca, de

¹¹ O termo “pequenas percepções” foi introduzido por Leibniz em 1714, referindo-se às percepções que são inconscientes e que vão formar a impressão do mundo nos indivíduos.

enriquecimento de energia vital para todos os participantes deste encontro. Neste sentido, considero de enorme riqueza a contribuição de Aulagnier em *Os destinos do prazer* (1985), em que deixa claro que este estado de amor unilateral, empobrecedor, não corresponde à categoria amorosa, e, sim, àquilo que chama de paixão; como exemplo desta relação, há o drogado com a droga; o drogado depende da droga, não deseja, necessita, e a droga prescinde totalmente dele. Paixão marca uma relação de extrema dependência e de exclusividade, só aquele objeto, ou pessoa, é fonte de prazer. Aí não há aumento da energia vital para ninguém.

Aquele Ferenczi que solicitou o privilégio de uma entrevista com Freud parece ter se desenvolvido bastante, mostrando idéias próprias e defendendo seus pontos de vista. Freud não se sente atacado com as formulações de Ferenczi, pelo contrário, sente-as realmente como contribuições.

Estão também os ensaios que deram consistência à obra de Ferenczi, nos quais se apresentam a feliz expressão de sua originalidade, sua riqueza de idéias e sua bem orientada postura científica: com tudo isso elaborou partes importantes da teoria psicanalítica fundamentais à vida mental: “Introjeção e transferência”, incluindo um debate da teoria da hipnose [1909], “Estágios no desenvolvimento do juízo da realidade” [1913c] e o seu exame do simbolismo [1912c]. Finalmente, há os trabalhos desses últimos anos - “A Psicanálise das neuroses de guerra” [1919b], “*Hysterie und Pathoneurosen*” [1919c] e, em colaboração com Hollós, “*Psycho-Analysis and the Psychic Disorder of General Paresis*” [1922] (em que o interesse médico progride das condições psicológicas para os determinantes somáticos), e suas abordagens a uma terapia “ativa”. (FREUD, 1984g: 289) (Livre tradução)

b. A segunda fase iniciou-se em 1918, numa conferência em Budapeste, onde Ferenczi falou sobre os limites do processo psicanalítico. A conferência foi publicada com o nome de *A técnica psicanalítica* (1992a). Segundo Birman, em *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: sobre Freud e Ferenczi* (a ser publicado), podemos chamar de segunda fase de sua obra se o aspecto que destacamos é o processo de individuação de Ferenczi. Alguns autores, como Balint, postularam que a segunda fase de desenvolvimento de Ferenczi está entre os anos de 1913 e 1919. Balint considerou que foram seis anos de muitos acontecimentos na vida pessoal de Ferenczi, como o início da Primeira Guerra Mundial, sua análise com Freud e o período de assimilação desta análise.

Em 1918, foi pequena a produção de Ferenczi; ele escreveu dois artigos, *A técnica psicanalítica* (1992a) e *Efeito vivificante e efeito curativo do “ar fresco” e do “bom ar”* (1992b). Os artigos tratam da modificação que Ferenczi fez à técnica clássica da psicanálise. Ainda não havia surgido a “técnica ativa”, mas, evidentemente, já estava sendo gestada em 1918. Depois de sua experiência como analisando, Ferenczi ampliou sua percepção da técnica analítica. Nos artigos, Ferenczi relativizou a importância do método da associação livre e

mostrou que ela própria poderia ser usada pela resistência. Veja-se o que ele fez: afirmou que o método, por excelência, da psicanálise, nem sempre é útil. Ferenczi tinha pontaria certa, discutia cada ponto do pensamento que estava fechado, ele abria as janelas e deixava entrar o som dos ventos. Destacou pequenos detalhes da situação analítica e mostrou que eram reveladores, e assim, a postura e os gestos repetitivos de um analisando deveriam ser ouvidos como material de associação livre. Ferenczi propôs “ouvir o corpo” do analisando, não como um sintoma a ser analisado, mas como uma forma de expressão e uma forma de descarga energética.

Ferenczi inovou também no tema da contratransferência. Mostrou que o analista poderia se colocar em certas posições sem ter consciência de estar fazendo-o, sendo que essas posições deixariam indícios que seriam lidos pelo analisando. Desconstruiu a imagem do analista idealizado. Em vez do onipotente leitor do reprimido, ele nos disse que o analista, tanto quanto o analisando, poderia atuar no processo de análise. Pensamos que Ferenczi falava da percepção que tinha de Freud, seu analista.

Se o analista não é infalível, e se suas interpretações podem estar distorcidas pela força de seu inconsciente, o que se poderia fazer para garantir o trabalho do analista?

Uma solução possível seria a de o analista fazer um controle rígido de sua fala e de seus atos. Solução que provocaria outro problema: o processo analítico ficaria inviabilizado pela rigidez do analista, seria impossível a circulação transferencial, pois a rigidez marcaria distância excessiva entre analista e analisando, ou seja, a rigidez do analista é resistência à contratransferência. Ferenczi afirmou, em 1918, que **o analista resiste**, resiste à contratransferência e paralisa o processo. É impressionante como Ferenczi não necessitava dos emblemas fálicos, característica que o posicionou ao lado de grandes pensadores como Spinoza e Nietzsche, que podiam prescindir de alguns valores de sua cultura, fato que reafirmava mais a liberdade que já possuíam.

Ferenczi pensava que a solução à falibilidade do analista seria a possibilidade de ele (analista) dar livre curso às suas fantasias e às suas associações e pensar nelas como no material trazido pelo paciente. O analista deveria, portanto, levar em conta seu inconsciente, pensar nas ressonâncias que o material do analisando lhe suscitou e interpretar a partir destes dois movimentos (fantasia e pensamento). Do analista, exige-se que tenha mobilidade para funcionar em dois registros alternativamente. O analista deve ouvir tudo que ocorre nele próprio (inclusive, ou principalmente, as sensações corporais), mas ouvir como analista.

Ferenczi propôs uma liberdade ética para o analista, sugeriu que o analista vencesse o medo de perceber suas sensações. O analista deveria viver integralmente a contratransferência

como material de análise. Ao introduzir o corpo do analisando e do analista na situação analítica, postulou um analista vivo, que pulsa, e que é contagiado pelo material do analisando, e que, ao ouvir o que acontecia em si, tentaria colocar em pensamento o que viveu. Ferenczi inseriu a diversidade na situação analítica, o circuito que se forma entre o material efervescente, o pensamento, a fala e nova efervescência, que não pode jamais se repetir.

A formação, e em especial a análise do analista, torna-se o ponto central, pois, para não resistir à contratransferência, é preciso suportar o outro como presença viva, aquele que te toca. Freud já havia deixado clara a importância da análise do analista, mas há nuances entre as duas proposições. Freud, da Sociedade Secreta que pretendia delimitar o que era e o que não era análise, postulou a análise didática, aquela que te inclui em um “certo mundo”. Ferenczi potencializou a necessidade da análise do analista para suportar a exclusão, suportar a existência do outro como alguém que cria enigmas, provoca sensações que nos fazem sentir estranhos e que nos levam a nos perguntar o porquê das fantasias e sensações que estamos vivendo. A pergunta conseqüente é: o que está acontecendo aqui, o que está acontecendo em mim a partir deste outro? Ao encontro, à diversidade, ao desconhecido que o analista resiste ou não, esse é o significado de “suportar a contratransferência” ou, o que dá exatamente no mesmo, “suportar a transferência”.

Questões vão se desvelando: seria a análise uma relação simétrica ou assimétrica? As questões sobre a técnica ativa e a análise mútua caracterizam o desenvolvimento destas experiências clínicas.

c. Em 1919, introduziu a técnica ativa. Ferenczi pensava em soluções que o analista poderia encontrar para lidar com os momentos de estagnação que ocorrem durante o processo psicanalítico.

Pretendo examinar os dois textos que introduziram a idéia da técnica ativa: *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1993d) e *A influência exercida sobre o paciente em análise* (In: 1993a).

No primeiro artigo, Ferenczi relatou um caso de uma paciente histérica cujo processo psicanalítico parou de evoluir. Ferenczi focalizou o problema de estagnação na análise, tentou o recurso extremo de mudança na técnica, como dar um prazo para a interrupção da análise ou pedir que a paciente modifique uma postura física constante que mantinha no divã. O resultado foi o retorno ao trabalho psíquico por parte da paciente. Ferenczi entendeu, então, que certos atos repetitivos na análise são pequenos atos masturbatórios nos quais a libido é

desviada; com a interdição desses atos, a energia psíquica tomou rumos inesperados. Nesta mudança técnica, o analista abandona sua postura passiva na escuta e na interpretação, o analista interfere ativamente: técnica ativa.

No texto *A influência exercida sobre o paciente em análise* (In: 1993a), Ferenczi defendeu a idéia de o analista ter certa liberdade com a técnica psicanalítica. Disse que acreditava e respeitava a técnica clássica da psicanálise, em que o analista interpretava na direção da superação das resistências, mas, em alguns momentos de estagnação da análise, o analista poderia e deveria propor outro procedimento, como por exemplo, realizar um ato que tinha sido evitado. Ferenczi reafirmou que seguia assim as recomendações de Freud e se colocou em oposição a Jones; reiterou sua hipótese de que o analisando utiliza, eventualmente, formas auto-eróticas de satisfação que interrompem o trabalho na análise, que o analista não deve ser conivente com esta resistência, deve interditá-la para reabrir o contato analítico.

É de fundamental importância para a psicanálise a postura proposta por Ferenczi. Não discuto a questão da técnica ativa, que merece reflexão; o que destaco é a tentativa de Ferenczi de pôr em prática os conceitos de Freud, vencer a compulsão à repetição e favorecer a tomada de consciência do material recalcado. Pôr em prática a teoria, mas buscando formas de se relacionar com o analisando que favoreçam o trabalho e negando-se a permanecer em uma repetição sintomática em sua clínica. Busca eticamente pensar e criar, opondo-se a Jones, que aparece nesse relato como defensor da repetição dos modelos do analista. Pode-se facilmente compreender que Ferenczi não discutia com Jones, mas com o analista “cadáver adiado que procria” (PESSOA, 2000: 17). Mesmo que não se julgue importantes as propostas de Ferenczi, que já se mostraram eficientes e muitas das quais estão incorporadas na clínica psicanalítica atual, é preciso destacar a sua tentativa séria e ética de questionar os modelos propostos, mantendo a pureza da terapêutica psicanalítica. Como se sabe, os resultados não lhe foram benéficos.

Em 1924, escreveu um artigo marcante sobre a técnica psicanalítica: *Psicanálise dos hábitos sexuais* (In: 1993a). Considerou pouco esclarecedor o que falou sobre a técnica ativa nos trabalhos anteriores e propôs-se a ampliar o assunto. Reiterou que não se tratava de substituição da técnica psicanalítica, mas de fazer novos arranjos em situações específicas. Nesse momento, Freud já havia escrito *Mais além do princípio do prazer* (1984d) e Ferenczi tentou articular essa nova formulação teórica em sua clínica. Mostrou que havia um efeito direto da pulsão de morte no corpo, seja por meio dos sintomas físicos, seja por meio de hábitos, das compulsões em geral. Ferenczi distinguiu o material inconsciente recalcado do

material inconsciente que nunca chegou à consciência. É com essa questão que se debateu Ferenczi e que o conduziu a formular a “técnica ativa”, questão que pôde se tornar mais elaborada depois do artigo de Freud de 1920 (1984d). Não é à toa que Ferenczi foi considerado analista dos casos difíceis, nem é casualmente, segundo Birman, em *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: sobre Freud e Ferenczi* (a ser publicado), que sua teoria foi recuperada pelos psicanalistas em um momento histórico, no qual os sintomas apresentados pela maioria dos pacientes tinham uma espécie de passagem ao ato, em que o sintoma não era formação de compromisso, mas descarga de energia sem pensamento. O método sugerido por Ferenczi era a coerção da descarga e o conseqüente aumento da carga a ser suportada pelo aparelho psíquico; se isso fosse possível ao paciente, este encontraria novas vias de representação de seu material inconsciente. Ferenczi foi absolutamente coerente, em sua busca, com a definição de Freud da pulsão como algo entre o psíquico e o somático, pois foi o que procurou escutar em sua clínica. Quanto às questões de seu método, não precisamos nos preocupar, ouviremos as críticas de seus colegas e dele próprio. Ferenczi também trouxe neste texto um critério de alta de análise. Partindo da afirmação de Freud, na qual os analistas não podiam impor ideais a seus analisandos¹², nenhum comportamento, portanto, poderia ser critério de alta. Para ele, a alta deveria ocorrer quando o analisando pudesse dar vazão às suas paixões, segundo as possibilidades de seu superego e de sua realidade.

Ferenczi não havia rompido com Freud, pelo contrário, buscava ampliar, colaborar com a teoria psicanalítica em sua prática clínica. Freud também aceitava as contribuições de Ferenczi. Em 1919, Freud publicou *Novos caminhos da terapia psicanalítica* (1986e). Freud leu esse texto em 1918, no Quinto Congresso Psicanalítico Internacional, que ocorreu em Budapeste. Freud citou o artigo de Ferenczi *Dificuldades técnicas da análise de um caso de histeria* (1993d). Freud afirmou que a análise visa tornar consciente o material reprimido e vencer as resistências por meio da interpretação na transferência, mas não se opunha a aceitar novos procedimentos que buscavam facilitar esse trabalho para o analisando, desde que fossem minuciosamente estudados e esclarecidos. É o mesmo Freud de *Conselhos aos jovens médicos* (1986b), que permitia jogadas criativas dentro da análise, desde que condições básicas fossem respeitadas. Freud chamou a “técnica ativa” de uma direção nova a qual tendia a técnica psicanalítica e mostrou a importância desta técnica em casos graves de fobia e de neurose obsessiva. Freud, portanto, aceitou as contribuições de Ferenczi.

¹² Esta idéia foi formulada por Freud em *Novos caminhos da terapia psicanalítica* (1986e). A frase de Freud contém uma crítica a Jung, provavelmente às questões religiosas de Jung. Freud criticava esse tipo de influência nos pacientes.

Nesse mesmo momento, a Sociedade Psicanalítica representada por Jones e Abraham se opôs a Ferenczi e Rank. Freud aceitava, concordava em pensar junto, mas a Sociedade Psicanalítica não admitia pensar sobre as questões levantadas por Ferenczi¹³. Como já disse, Freud teve momentos inovadores e momentos conservadores, episódios nos quais aceitava diferentes formas de pensar e outros em que não admitia nenhuma discordância, que considerava resistência. Em uma carta a Ferenczi, de 4 de fevereiro de 1924, escreveu: “Agora, com relação ao seu esforço para estar sempre de acordo comigo, aprecio isto como uma expressão de sua amizade, mas este objetivo parece não ser necessário, nem fácil de conseguir” (JONES, 1989: 71).

Na terceira fase, Ferenczi continuou sua experimentação clínica com o intuito de vencer as resistências. Teorizou um escape energético através do corpo, energia que ele tentou mobilizar e direcionar para a transferência. Logo depois, em 1926, ele se deu conta de que a técnica ativa exigia uma relação de assimetria no par analítico. Já havia pensado na assimetria como um impedimento ao processo de associação livre, como uma forma de o analista não perceber a contratransferência. Nesta onda de pensamentos, forjou o conceito “sentir com”, definindo-o como uma capacidade de penetrar e de se deixar penetrar pelas sensações do encontro¹⁴. Conduz-nos mais uma vez ao problema da formação do analista, pois se perguntou se era possível ensinar o “sentir com”. Ferenczi considerou o “sentir com” um canal que poderia ser aberto pelo processo analítico, na medida em que abre caminho para o contato com as sensações. Importante notar que, para Ferenczi, o “sentir com” não é corresponder às demandas do analisante; complementou a liberdade do “sentir com”, incluindo a regra da abstinência.

Não se ensina o “sentir com”, assim como não se ensina o prazer em saber, característica fundamental de um analista.

d. Neste período, Ferenczi fez críticas à técnica ativa, diferenciou-se de Rank explicitamente, mas em seu texto diferenciou-se dos analistas sedentários em seu pensamento e em sua prática clínica. Introduziu conceitos fundamentais à clínica analítica, como a noção de elasticidade, “sentir com”, tato e modéstia.

Em *Contra-indicações da técnica ativa* (1993c), Ferenczi criticou a técnica ativa. Esclareceu que não se tratava de suprimir o difícil caminho da formação psicanalítica.

¹³ Conforme Birman, em *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: sobre Freud e Ferenczi* (a ser publicado), no final dos anos 20, Ferenczi foi excluído simbolicamente da comunidade analítica. Jones calou Ferenczi, tachando de loucura sua obra e de psicótico o autor.

¹⁴ Sobre o assunto: (FERENCZI, 1990: 95-8).

Considerou que a técnica ativa podia exacerbar a resistência e que, portanto, deveria ser aplicada no momento em que o paciente, o vínculo analista-analisando suportasse a frustração, o que exigia experiência por parte do analista. Mesmo os analistas mais experientes poderiam errar na aplicação da técnica ativa. A situação criada pela técnica ativa repetia a relação pais-criança ou professor-aluno. A técnica ativa facilitava a tomada de medidas inoportunas e autoritárias por parte do analista. Seria impossível acertar a previsão do momento correto da interrupção da análise.

A atividade na técnica ativa seria do paciente e não do analista. O analisando é quem deveria agir, o analista poderia sugerir uma determinada ação com o intuito de propiciar um novo material para a análise. O analista devia permanecer em abstinência, sem atuar sua contratransferência, portanto, a liberdade que esse método propiciava ao paciente devia ser limitada a ponto de manter o analista em seu lugar de analista.

Ferenczi se alinhou a Rank na consideração de que o centro da análise era a relação entre o analista e o analisando, devendo o analista estar atento aos menores detalhes e entendê-los como caminhos transferenciais. Diferenciou-se de Rank quanto à importância do trauma de nascimento, que para Rank era a essência da neurose.

Permaneceu atento aos problemas da técnica ativa; Ferenczi retomou a relação entre os sintomas, a repressão e a descarga energética direta, sem representação, e a repetição compulsiva.

Em *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1992c), Ferenczi retomou de maneira brilhante as questões da técnica. Citou Freud respeitosamente, referindo-se a ele como o “Mestre”. Ferenczi disse que ser analista não dependia de nenhum dom especial, era uma aprendizagem. Ferenczi retirou o glamour da possibilidade de compreensão de outro ser humano, considerou um trabalho e não algo místico. Era uma teoria e uma técnica, sem aparelhagens e com resultados positivos. A “aparelhagem”, na verdade, era o aparelho psíquico do analista e daí a necessidade da regra estabelecida por Freud, todo analista deveria ser analisado. Apesar da análise e do estudo, existiria ainda algo pessoal, algo que seria próprio de cada analista e que é o que encontraria (este algo pessoal) o momento, a forma de intervir, que Ferenczi chamou de capacidade de “sentir com” o outro.

Para Ferenczi, o analista deveria estar atento a qualquer detalhe da situação analítica, especialmente à questão do dinheiro na relação analítica e aos sinais de resistência do analisando. A postura do analista jamais deveria ser a do professor ou a de um médico autoritário, mas, para Ferenczi, não se tratava de uma regra. Se o analista aceitasse os limites de seu saber, ele consideraria a possibilidade de estar errado, portanto, uma atitude modesta

seria consequência de o analista estar bem, isto é, potente e não onipotente. A análise não era sugestão, portanto, não necessitava que o analista se mostrasse infalível, significava que o analista devia assumir seu erro, se ocorreu, sendo dirigido pela franqueza e sinceridade indispensáveis em uma análise.

A atividade do analista oscilava entre o “sentir com”, auto-observação e atividade de julgamento.

Ferenczi, com essas considerações, concluiu pelo abandono da técnica ativa, que exigia do analista uma postura que ele não deveria ter.

Colocou, ainda, a idéia da história do próprio processo analítico e a questão superegógica, falou sobre a necessidade de o superego ser desconstruído.

O “sentir com” não é compaixão, não é sentimento do analista e do analisando, penso que se trata da afetação, do encontro intensivo, embora não tenha sido definido desta maneira por Ferenczi, mas foi o que ele descreveu: um analista atento a sinais que se transformavam em signos pela escuta analítica. *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1992c) foi um dos textos mais brilhantes e inovadores da psicanálise; Ferenczi tentou trabalhar a análise a partir de seus impactos transferenciais e conseguiu estabelecer, assim, uma intersecção entre o que lhe tocava e o sentir-pensar. Para Ferenczi, o resultado esperado de uma análise era a elasticidade e o insucesso seria criar indivíduos com compulsão a interpretar. Se pensarmos que a identificação é uma questão da análise, Ferenczi deixou claro que se uma identificação fosse bem-vinda, seria a identificação que permitisse encontrar frestas para o desejo e não uma identificação com o que o analista tem de mais externo e mais estereotipado (estérilizado).

e. A neocatarse. Este período do trabalho de Ferenczi foi recuperado por Balint. Um dos textos importantes deste período foi o *Princípio do relaxamento e a neocatarse* (1992d). Ferenczi disse que se sentia livre para conhecer o novo na psicanálise e para defender o que já estava estabelecido e estava dando certo; essa liberdade lhe foi conferida porque ele se via em uma posição intermediária entre professor e aluno. Hoje dizemos que todos os analistas estão em formação, em diferentes estágios desta formação, não há analista formado porque esta busca do saber é infinita e porque o analista por definição anda à procura de saber. Era assim que Ferenczi se percebia, um analista em formação, posição que transparecia em cada uma de suas palavras. No início do texto *Princípio do relaxamento e neocatarse*, ele retomou um dos pontos que havia trabalhado em *Elasticidade da técnica psicanalítica*, a idéia de que o analista não poderia se posicionar como mestre ou como pai, e onde acusava o dogmatismo e

o pedantismo da postura autoritária do analista; Ferenczi foi claro em chamar de presunçoso o que se colocava como “aquele que sabe”. Ferenczi reconhecia sua experiência e suportava seus erros, então, não precisava fazer de si um simulacro e podia fazer e propor novos arranjos técnicos e teóricos na psicanálise. Parece que a instituição psicanalítica é que não suportava Ferenczi. Ele não foi um dissidente, não propôs outra teoria nem fundou uma escola, respeitava Freud, acho que o amava, pois o homenageava com novos pensamentos, novas tentativas para aperfeiçoar a psicanálise. Ferenczi transgredia, e declarava que transgredia. Muitas vezes, em supervisões clínicas institucionais, percebo que o analista que está apresentando o caso omite conscientemente algumas de suas intervenções; acredito que o faz porque se sente transgredindo alguma “norma” psicanalítica, e aí aparece uma das falhas do processo de formação, o analista se sente constrangido e impedido de falar sobre atitudes suas que parecem infringir uma regra imaginária. Imaginária? Por que essa transgressão não pode ser explicitada, discutida, pensada? Ferenczi foi calado com o diagnóstico de psicótico. Não penso que hoje isso aconteceria, mas o analista em formação, quando tenta articular algo diferente, é chamado de prepotente, fálico, perverso, ou algo mais grave ainda. Em 2004, um analista foi chamado pela Comissão de Ética da Sociedade de Psicanálise de São Paulo após uma queixa de uma paciente à dita sociedade. A paciente era atendida no consultório particular do analista e não na sociedade, mas a paciente escolheu o analista pela lista de analistas pertencentes à sociedade. O analista estava fazendo o curso na IPA. O supervisor do analista não era da IPA.

As questões sobre formação de analista estão contidas nesta situação.

O fato de que tenho notícia é que a paciente queixou-se para a Comissão de Ética de que o analista a incentivava a brigar com a mãe, sugeria que fosse ao shopping para passear, colocava revistas sobre estética na sala de espera e que, enfim, queria transformá-la em uma mulher fútil e inútil.

A Comissão de Ética, depois de inquirir o analista, concluiu que o analista atendia a uma paciente psicótica como se fosse neurótica e prescreveu que o analista mudasse de supervisor, indo para um supervisor da IPA.

É claro que o que a paciente contou sobre o analista não é exatamente o que se espera deste profissional. O que deve ser feito quando se tem este tipo de notícia? Como a Comissão de Ética concluiu que o que a paciente disse era verdadeiro, apesar de o analista argumentar que a analisanda fez um recorte muito particular de suas falas? Como a Comissão de Ética concluiu que o problema se localizava no supervisor e não na análise do analista ou no curso que fazia? Por que o analista se submeteu ao autoritarismo da sociedade representada por dita

comissão? São questões concernentes à formação do analista, aos abusos de poder dos formadores e às submissões voluntárias.

A solução dada ao problema seria espantosa se não se soubesse que, ainda, para alguns ditos psicanalistas, o psicanalista se define por pertencer à Sociedade Psicanalítica, logo, o analista em formação não se supervisionava com um psicanalista. Freud demonstrou, em *A pulsão e suas vicissitudes* (1984b), que o ego-prazer purificado sente como seu o que lhe traz prazer e como do mundo externo o que lhe traz desprazer:

Assim, a partir do “ego da realidade” original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo, se transforma num “ego do prazer” purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente). (FREUD, 1984b: 130-1)

Se um núcleo de formação de analistas funciona à maneira do ego-prazer, urge repensar sobre a formação dos analistas.

O que garante a ética? O que garante que um encontro será potencializador ou empobrecedor? Como pensar em alguém que ao trabalhar com subjetividades em mudança de forma crê em garantias? Como é possível formar um analista vivo em uma formação firmada sobre a exclusão dos diferentes e inclusão dos iguais?

A psicanálise não é fácil de ser transmitida, o problema do reconhecimento do analista é atual e a questão do poder perpassa todas essas questões.

Essas questões já tinham sido lançadas, de alguma maneira, por Tausk e por Ferenczi.

Com efeito, estamos em um período de maturidade teórica e clínica de Ferenczi, em que a clínica e o posicionamento do analista e sua formação estão entrelaçados.

Nos textos deste período, *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1992d), *Análise de crianças com adultos* (1992f), *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1992e), Ferenczi considerou que o analista, com os casos nos quais a técnica tradicional não funcionava, deveria criar um clima amistoso e de confiança entre o analista e o analisando, que acabaria provocando uma neocatarse, “a aparição de sintomas histéricos corporais” (1992d: 62), em uma espécie de transe. Ferenczi é criticado por propor uma postura de maternagem na clínica. Penso que Ferenczi ouvia de tal maneira o corpo em sua clínica que essa era uma forma de expressão que seus pacientes podiam utilizar; e penso também que esta é uma questão muito delicada. Balint desenvolveu esse ponto na clínica, naquilo que chamou

de “falha básica”, e ampliou a teoria psicanalítica, trabalhando com uma dificuldade específica de alguns pacientes. Ferenczi não desenvolveu estas idéias, mas permitiu-se viver uma experiência diferente que possibilitou a teorização que poderia abalar sua técnica. Frente às dificuldades com alguns analisandos, ele não se permitiu concluir que a resistência do analisando impedia sua cura e que se tratava de um caso inalisável.

Freud considerava impossível analisar psicóticos porque não faziam transferência e indivíduos que tinham um forte sentimento de culpa que os impediam de progredir na análise. Melanie Klein também trabalhou esse conceito, considerando reação terapêutica negativa um excesso de inveja que não permite ao analisando aceitar as interpretações do analista. Ferenczi focalizou as dificuldades no processo analítico nas resistências por parte do analista. A abreação, a repetição dos eventos traumáticos no processo analítico, provoca a diminuição do sintoma e o crescimento da angústia com conseqüentes ataques do analisando dirigidos ao analista. Como o analista pode lidar com esses ataques, com o incômodo que o analisando lhe provoca, é que vai determinar a estagnação ou não da análise. Uma das saídas freqüentes dos analistas é a “fria hipocrisia” (1992e: 100), a dissimulação do desconforto, que Ferenczi acreditava que complementaria a cena que fez o analisando adoecer, que repetiria com todos os detalhes a situação da infância do paciente. Novamente cito Balint, que retomou brilhantemente este conceito, intitulando “novo começo” a possibilidade de o analista não repetir a história do paciente junto com ele, e de poder falar verdadeiramente do que está se passando. Já acompanhei alguns casos de pacientes graves, nos quais o analista pôde falar que o ataque que estava sofrendo lhe provocava ódio, sem brigar e sem fingir indiferença. Essa revelação fez com que o analisando sentisse alívio, percebendo-se existindo verdadeiramente para um outro. Um “novo começo”, uma nova história, só é possível se o analista pôde ouvir sua contratransferência e não atuá-la.

Hoje entendo perfeitamente por que Ferenczi foi calado; estudar suas propostas provoca uma mudança radical em nossa clínica. Chamaram-no de psicótico, eu o chamaria de “psicaótico” porque ele desarranja o arsenal possível de interpretações do analista. “Psicaótico” porque provoca o questionamento das regras, luta contra a repetição, abala a clínica psicanalítica. Ferenczi é capaz de nos fazer questionar nossas crenças.

Ao tocar na rigidez, na resistência do analista, ao questionar Freud, Ferenczi provocou a necessidade de revisão na postura e na formação do analista.

Ferenczi trabalhou intensamente sobre a técnica psicanalítica. Queria introduzir na clínica as teorizações de Freud sobre o id e sobre a pulsão de morte. Isto significa que Ferenczi pensava em como manejar na clínica a compulsão à repetição, como lidar com a

estagnação que ocorria nos processos psicanalíticos. Para Ferenczi, as trocas entre analista e analisando seriam fundamentais na clínica psicanalítica. Pensar em trocas entre analista e analisando implica em redimensionar a questão transferencial, e em conceber o analista vivo. Analista intérprete é o oposto de analista presente na relação psicanalítica.

Em *As fantasias provocadas* (1993b), Ferenczi mostrou que a regra fundamental da psicanálise também podia ser usada a favor da resistência e que, portanto, às vezes precisaria ser modificada. O que, conseqüentemente, Ferenczi tocou é que não há regra inquestionável, que psicanalisar não é obedecer às regras técnicas estabelecidas. Definitivamente era um companheiro para Freud, mas parece que Freud queria alunos, dos que não pensam, mas repetem, não põem em cheque, não produzem. Ferenczi se pôs eticamente frente ao seu analisando e frente à psicanálise. Se a regra fundamental¹⁵ pode ser imprópria, nenhum fundamento é verdadeiro por si. O rei está nu? Deus está morto?

Um analisando contou a seu analista uma situação importante para ele ocorrida na instituição psicanalítica a que ambos pertenciam. O analisando contou o fato, mas não os nomes dos participantes da cena. O analista interpretou a resistência do analisando, que feria a regra fundamental, pois não disse tudo que lhe veio à cabeça, não falou o nome das pessoas. O analista considerou que tal falta de confiança em sua capacidade de discernimento era um fator resistencial evidente. O analista ignorou toda a fala do analisando e privilegiou o respeito e a confiança inabalável que deveria ter em relação ao analista, isto é, o analisando deve ser leal ao analista e não aos seus pares, não deve ter nenhuma área íntima que não seja dividida com o analista.

Deus está vivo, sentado atrás do divã, e não pode ser excluído de nada. O analista em questão utilizou a interpretação para satisfazer sua curiosidade e se informar sobre questões da instituição à qual ambos pertenciam.

Pretendo caminhar pelas questões especificamente teóricas, mas o que marca a posição de Ferenczi dentro da psicanálise é que seu pensamento não é falocêntrico, pode viver a feminilidade, pode se perder, o ponto fundamental que o coloca em oposição a Freud e a Lacan.

Disse Ferenczi em 1924:

¹⁵ A regra fundamental determina que o analisando deve falar ao analista todo pensamento que lhe ocorrer, sem nenhuma restrição.

Há ainda uma outra diferença entre o analista e o sugestionador todo-poderoso: nós conservamos certa dose de ceticismo a respeito das nossas próprias interpretações e devemos estar sempre dispostos a modificá-las, até a retirá-las, mesmo que o paciente já tivesse começado a aceitar a nossa interpretação errônea ou incompleta. (FERENCZI, 1993b: 242)

Ferenczi via a relação analítica ocorrendo em um plano de imanência, com o analista atento aos sinais do analisando, aprendendo com o analisando sobre o analisando, não um analista poderoso, e, sim, potente.

Em contraponto, o tempo lógico utilizado por alguns analistas marca uma relação de transcendência, o analista sabe que a interceptação do discurso naquele momento conduz a novas redes associativas. O pior é que não duvido que isso possa ocorrer, que essa interrupção funcione como um susto que leva o analisando a “se pensar”, acredito que o tempo lógico também possa ser utilizado e que seja produtivo, mas não pela sabedoria transcendental do analista, mas pela surpresa que pode causar. Vejo basicamente dois riscos importantes na utilização do tempo lógico: o analista reafirmar a crença do analisando na falicidade e tornar-se uma técnica de fuga e não um produto do encontro que conduz a novas associações, e reforço na crença de verdades e de certezas.

1.7 O Círculo Secreto

O Círculo Secreto merece uma consideração especial por dois motivos: porque muitos psicanalistas ignoram a existência desse grupo e porque o contrato entre as pessoas desse grupo foi espantoso. Eles se comprometeram a não publicar nenhum pensamento pessoal que fosse diferente do pensamento do grupo. Eles optaram por abrir mão de sua subjetividade em prol da “causa” psicanalítica.

O Círculo Secreto foi formado em 25 de maio de 1913 por Ferenczi, Abraham, Jones, Sachs, Rank e Freud. Eitingon entrou para o grupo em 1920. Todos usavam um anel presenteado por Freud.

Surgiu por sugestão de Jones, após o fim da amizade entre Freud e Jung. Freud aceitou a proposta rapidamente.

A obrigação dos membros do grupo era a de não fazer nenhuma publicação que se opusesse às idéias fundamentais da psicanálise sem discuti-las anteriormente com os membros da Sociedade Secreta.

Durou até 1927, quando se dissolveu na direção oficial da IPA.

Falar sobre o Círculo Secreto exige uma passagem pelas características de Ernest Jones. Para Roazen (1971: 384): “Jones era um homenzinho impetuoso; falava destacando muito as sílabas, tinha modos militares e, sob seu pior aspecto, podia mostrar-se malevolente, invejoso e intrigante”.

Roazen (1971) não poupou adjetivos para Jones. Para ele, Jones buscava o poder, a fama e a fortuna, a qualquer preço; também era visto como obstinado, inteligente, egocêntrico e erudito. Jones também se mostrou um homem corajoso. Foi um dos poucos não-judeus marcantes no movimento psicanalítico. Foi o presidente da Sociedade Psicanalítica Britânica, e chamou Melanie Klein de Berlim para Londres; ela traria *status* para a Sociedade Britânica, assim como analisaria os filhos de Jones. Foi um insuperável divulgador de Freud e da psicanálise. Escreveu uma biografia sobre Freud, e foi sempre um pintor de Freud que buscava seus ângulos mais favoráveis e retocava ou omitia os desfavoráveis.

As opiniões de Jones (1989) sobre as dissidências têm uma linha mestre constante: para ele, a criação de novas teorias é resultado de resistência a conceitos impossíveis de serem elaborados, os dissidentes não tinham resolvido suas questões infantis, perpetuaram a rebelião da infância e procuravam figuras para se rebelar.

Jones foi o único contemporâneo de Freud que o considerou receptivo às idéias diferentes das suas. Nem Freud descrevia-se assim. Para Jones, Freud não era facilmente irritável, e chamou de mentirosas as frases que mostravam Freud com dificuldades em receber idéias novas.

Não se justificam as atitudes de Jones por idealização da psicanálise e do mestre, pois Jones mostrou-se independente de Freud e bastante objetivo nas tarefas que se propunha.

Como analista, Jones era rígido, quase ritualista e com uma técnica padronizada. Era muito mais intransigente do que os analistas vienenses.

Foi analisado por Ferenczi, o que foi desastroso para a reputação de Ferenczi. Jones terminou sua breve análise absolutamente ressentido e ciumento, não perdoou Ferenczi por ele ter sido analisado por Freud. Também aí Jones foi o único a descrever Ferenczi como alguém portador de um distúrbio mental, e em franca deterioração. Segundo Roazen (1971), muitos psicanalistas daquela época consideravam Ferenczi o mais cordial dos pioneiros da psicanálise, de temperamento poético e caráter generoso, sempre pronto a ajudar outras pessoas. Diziam que era encantador, cheio de idéias novas e ousadas.

Aí está uma breve descrição do homem que sugeriu a formação do Círculo Secreto: Freud rodeado por um pequeno grupo de homens de confiança para manter a fé na psicanálise e blindar desvios. O comitê era extra-oficial, informal e secreto.

A primeira reunião do Comitê Secreto teve como pauta, transmitida por Ferenczi depois de reunir-se com Freud, a elaboração de uma crítica às idéias de Jung sobre a teoria da libido. Nesta reunião, Freud presenteou a cada um dos membros com um camafeu. Os membros fizeram anéis com esses camafeus. Os camafeus foram os precursores das assinaturas de contratos para autenticá-los. Os anéis eram votos de união eterna.

Em 1920, houve o 6º Congresso da Associação Internacional de psicanálise. O comitê reuniu-se após o Congresso, agora com a presença do novo membro: Eitingon. Nesta reunião, combinaram, por sugestão de Freud, a troca de cartas semanalmente, nas quais relatariam as condições em cada sociedade.

Freud estava tão animado com a perspectiva do comitê, que, em 1921, publicou *Psicologia das massas e análise do ego*, texto no qual refletia sobre os fenômenos de grupo. Freud acreditava, e escreveu neste artigo, que cada indivíduo do grupo poderia ser transformado pela ação do ideal de ego. Freud finalizou desta maneira o capítulo X, “O grupo e a horda primitiva”, sobre os fenômenos de grupo:

A característica estranha e compulsiva das formações grupais, que aparecem nos fenômenos de sugestão que as acompanham, podem assim, com justiça, ser remontadas à sua origem na horda primeva. O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo quer sempre ser governado por um poder irrestrito, anseia fortemente pela autoridade; na expressão de Le Bon, tem sede de submissão. O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. A hipnose poderia ser considerada um grupo de dois; quanto à sugestão, é um convencimento que não se baseia na percepção e no raciocínio, mas em um vínculo erótico. (FREUD, 1984c: 121)

Este período é marcado pelo aparecimento das primeiras publicações originais dos discípulos de Freud. Freud estava bastante seguro, confiava na psicanálise e em seu poder, por isso as diferenças de idéias puderam tomar outro lugar neste momento. Alguns continuaram repetindo Freud, outros começaram a ter pensamentos próprios. Entre os que o repetiram, pode-se pensar que o fizeram à sua maneira, por exemplo, Jones omitiu que Freud havia analisado um amigo que estava hospedado em sua casa de verão, embora tenha falado sobre essa análise. Jones descreveu Freud inflexível, que destoa de outras descrições. Há o Freud de Jones, o Freud de Rank etc.

A primeira carta foi de Ferenczi, na qual sugeriu que todas as sociedades tivessem as mesmas regras de admissão de seus membros e que todos os membros deveriam ser

consultados para a entrada de um novo membro. Jones foi fortemente contrário à idéia de Ferenczi. As cartas circularam e logo em seguida começaram a aparecer queixas; queixavam-se uns dos outros, transparecendo a imensa rivalidade entre eles. Em 1921, Abraham ameaçou renunciar à presidência da Sociedade de Berlim se houvesse mais alguma queixa de sua administração.

O comitê reuniu-se por uma semana em setembro de 1921. O assunto mais polêmico da reunião foi o exercício da psicanálise por analistas sem formação em Medicina.

A questão seguinte, agora discutida através de cartas, foi a aceitação ou não de homossexuais como analistas. Berlim se opunha francamente a aceitar homossexuais, sustentando a discussão com Viena, que representava o outro pólo da discussão.

O grupo estava perdendo a união. Jones e Abraham uniram-se; Ferenczi e Rank formaram outra dupla.

Entre Jones e Freud corria alguma tensão, explicitada por Freud, que o considerava incapaz de delegar poderes, achava que se prendia a detalhes insignificantes, que tinha profundos defeitos de caráter e que sua análise havia sido insuficiente. Freud criticava Jones e se arrependia em seguida, pois Jones sempre fazia grandes declarações de seu amor e de sua fidelidade a Freud. Grosskurth (1992) descreveu Jones como alguém com um jeito dissimulado que colocava água nas fervuras.

Jones atacava Rank, e Freud entendia que estes ataques eram dirigidos a ele (Freud). Freud via ambivalência na relação de Jones com ele, com a agressividade deslocada e dirigida a Rank.

Em setembro de 1922, aconteceu outra reunião do comitê. Nesta ocasião, “reafirmaram” sua união.

As cartas e as queixas continuaram, assim como as promessas de paz.

A Sociedade de Berlim estava cada vez mais forte; a doença de Freud, cada vez mais grave; e as brigas entre os membros do comitê, mais acirradas.

Em 1924, o comitê dissolveu-se. Houve a publicação de três livros pelos membros do comitê e uma reação muito negativa por parte de Berlim. Aconteceu o Congresso de Salzburg, Abraham foi eleito presidente da Internacional. O comitê diluiu-se na Sociedade Internacional e os berlinenses venceram as disputas entre eles. Continuaram tentando reviver o comitê. Os membros do comitê massacraram-se mutuamente. De certa forma o comitê continuava a existir.

Rank, desgostoso com Abraham na presidência, foi para os Estados Unidos, onde foi bem sucedido. Ele e Freud trocaram cartas raivosas e romperam definitivamente. O ponto de

discórdia era teórico, referia-se à importância que Rank dava à relação da criança com a mãe em detrimento da relação criança-pai.

Rank foi destituído como psicanalista e sem o aval da psicanálise oficial, viu as portas se fecharem para ele. Depois de algum tempo, conseguiu se reorganizar e se reafirmar nos Estados Unidos.

O comitê continuou a existir. Em 1925, com a morte de Abraham, o comitê foi novamente golpeado.

Houve uma disputa política para substituir Abraham na presidência, e o grupo de Berlim saiu-se vencedor.

Em 1926, Freud escreveu *Inibições, sintomas e angústia* (1986i). Foi uma resposta sua à teoria do trauma de nascimento. Rank respondeu um ano depois e marcou que Freud havia alterado sua teoria de angústia. Freud realmente formulou a segunda teoria da angústia nesse texto. Rank também insistiu que Freud não havia percebido que ele (Rank) mostrava o trauma que significava para a criança a separação da mãe, isso porque sua teoria negava a importância da mãe.

Jones foi percebendo que Freud não valorizava sua subserviência a ele. Foi mostrando cada vez mais suas divergências e a Sociedade Britânica foi se tornando cada vez mais poderosa.

Anna Freud e Klein já estavam em plena discórdia sobre a análise infantil, e o apoio de Jones a Klein significava especificar sua oposição a Anna Freud e a Freud. Na mesma época, recusou-se a publicar um livro de Anna em inglês e organizou um congresso sobre análise infantil, em que os membros da Sociedade Britânica mostraram o quanto apoiavam Klein e discordavam de Anna Freud. Para Jones, Klein seguia as idéias de Freud e Anna Freud não o fazia. Freud discordou e disse que a questão do superego era completamente diferente nas duas teorias. Para Jones, a única diferença era que Klein havia entendido que o Complexo de Édipo ocorria antes, no desenvolvimento humano, do que Freud havia formulado. Como sempre, Jones tem uma leitura excessivamente parcial dos fatos.

Por outro lado a questão da análise leiga estava tomando uma proporção inesperada. Berlim, Estados Unidos e Londres, de certa maneira, não estavam apoiando mais a posição de Freud. Esta questão poderia impedir que Ferenczi se tornasse presidente da Internacional. Mas o que realmente impediu que isso acontecesse foi a posição de Jones. Jones conseguiu o apoio americano e só restou a Ferenczi apoiar Eitingon, de Berlim, para a presidência. Concluíram que a psicanálise já estava bem estabelecida internacionalmente, o que não exigia mais a existência do Comitê Secreto. O comitê tornou-se público, formado por Eitingon, Ferenczi.

Jones, Anna Freud e Johann van Ophuijsen, da Holanda. Sachs foi excluído. As disputas entre Ferenczi e Jones continuavam ferrenhas.

Freud, “pelo bem da psicanálise”, aproximou-se de Jones enquanto Ferenczi se afastava cada vez mais de Freud. Já não tinha os mesmos sentimentos por Freud, e sentiu-se traído, especialmente por Freud não ter analisado seus sentimentos agressivos durante o período em que o analisou. A acusação de Ferenczi de que Freud negligenciou a transferência negativa tocou Freud. Grosskurth (1992) considerou que a resposta de Freud apareceu no artigo *Análise terminável e interminável* (1986l) e que o paciente ao qual Freud se referia era Ferenczi.

Ferenczi, em seu artigo apresentado em 1932, *A confusão de língua entre os adultos e a criança* (1992e), criticou a superioridade dos analistas, que agem como se os analisados fossem inferiores a eles. Pedia dramaticamente aos analistas que deixassem seus pacientes falar.

Este artigo determinou o próximo presidente da Internacional. Tudo convergia para que fosse Ferenczi, mas sua posição, sua inabilidade política e suas opiniões conduziram Jones à presidência.

Nesta segunda fase, os pensamentos próprios foram “aceitos” e isto significa que eram discutidos e não simplesmente banidos. A psicanálise era Freud mais alguns focos independentes de produção. Rank afastou-se, e foi o único dissidente deste período.

Alguns destes focos formaram-se a partir de outros interesses clínicos, como crianças e psicóticos. Afastavam-se das neuroses, das patologias que eram o modelo clássico da psicanálise.

Outros focos mantinham o interesse clínico na neurose, mas discordavam de alguns conceitos de Freud, como a pulsão de morte, a sexualidade feminina e a agressividade.

Um terceiro grupo interessava-se pelas questões técnicas. Fenichel tentou modificar a técnica psicanalítica e Ferenczi tentou experimentar outras possibilidades de método na clínica. Concordavam unanimemente com Freud que o ponto central da clínica era a transferência e a resistência. A discussão centrava-se sobre: o que considerar resistência e transferência, como aparecem na clínica e como lidar com estes fenômenos.

O quarto agrupamento deu-se em torno da formação; criaram-se novas instituições, cuja questão central estava na exigência ou não de reservar a formação somente para médicos.

O cenário era de uma quantidade grande de psicanalistas e o pivô da transferência era Freud. Havia duas ou três gerações de psicanalistas, e Freud, de alguma maneira, estava

ligado pessoalmente à análise de todos. Freud estava acima destas diferenças e rivalidades; era o mestre, e era reverenciado por seus discípulos.

Entre 1922 e 1926, Freud lançou novas idéias sobre a estrutura da mente; passou a ver os fenômenos mentais como um compromisso entre o id, o ego e o superego. A meta da análise passou a ser a ampliação do ego e auxiliar o analisando a usar mecanismos defensivos menos custosos do que os que costumava usar.

Freud atendia algum seguidor ou familiar que precisasse, fazia prefácios em livros, como uma deferência especial. Esperava dedicação plena das pessoas de seu grupo.

Ele não admirava as pessoas submissas, dóceis e sem criatividade, mas cercava-se delas, o que significa que Freud mantinha próximo de si pessoas que desprezava, mas que lhe eram fiéis. Assim foi com Paul Federn, que foi o vice-presidente da Sociedade Psicanalítica, quando Freud era o presidente, e também com Edward Hitschmann, que Freud considerava superficial.

1.8 Ainda nos corredores da Psicanálise

Safouan (1984) responsabilizou, lamentando, a vitória da Sociedade de Berlim pelo que se estabeleceu como regras da formação do analista, em uso até hoje.

Até a Sociedade de Berlim tornar-se poderosa, a análise dos analistas era feita por Freud e por outros que Freud indicava. Quem se interessava por psicanálise, sentia a necessidade de se analisar e percebia a auto-análise como insuficiente. A análise do analista, até então, não tinha nenhum caráter político.

Os membros dessa sociedade queriam alguém externo a ela para analisar seus membros, pediam por análise didática. Freud enviou Sachs, o primeiro analista didata, que foi escolhido por Freud por não ter nenhuma experiência clínica, não podia ser analista de quem demandasse análise, mas, por ser bom teórico, poderia ser bom analista didata. Freud não confundia análise didática com análise propriamente dita e não achava que o didata precisava ser um bom clínico. Sachs, como analista didata, também fazia a supervisão dos casos de seus analisantes. Ao perceber que não podia cumprir tamanha tarefa, abandonou o ensinamento e tentou tornar-se analista.

Em 1923, a Sociedade de Berlim resolveu regulamentar suas atividades. Segundo Safouan (1984), a Comissão de Ensino fazia três entrevistas com o candidato, e podia aceitá-

lo ou não, de acordo com a impressão obtida durante estas entrevistas; o candidato deveria fazer uma análise pessoal, durante seis meses no mínimo, com o analista indicado pela Comissão de Ensino; o candidato podia chegar a etapas ulteriores de formação com o aval da Comissão de Ensino assessorada pelo analista do candidato; a Comissão decidia quando o candidato tinha concluído sua análise e ele comprometia-se a não se intitular analista até obter sua admissão formal na sociedade. Havia uma preocupação com a respeitabilidade do analista. Nem todos os analistas concordavam com as regras dos berlinenses, mas o poder estava com eles.

Muito foi escrito sobre a Sociedade Psicanalítica de Berlim. Alguns autores a descrevem como a sociedade que estabeleceu diques seguros contra a diluição da psicanálise. Concordo com os autores que consideram que a Sociedade de Berlim esteve mais centrada nos analistas formados do que nos que estavam em formação e por esta razão sua influência existe até hoje. Considero que os psicanalistas berlinenses contribuíram em muito para a “normopatização” do analista. O medo de perder, de diluir, congela o movimento e acaba com a vida.

Diz Safouan (1984: 22): “Os berlinenses transformaram em obrigação o que pertencia ao domínio da opção”. A análise didática passou a fazer parte do currículo do analista, como qualquer outra matéria de um curso.

O que é uma análise didática?

CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DO ANALISTA

En realidad, esta casta de “iniciadores” o de “sujetos que supuestamente saben” constituye la pantalla más formidable que pueda interponerse entre el sujeto y la verdad, en el sentido de lo reprimido. (SAFOUAN, 1984: 25)¹⁶

*Eu não sou o “suposto saber”, eu sei.
(Uma professora de psicanálise)*

2.1 A normopatía é perversão

A psicanálise trata da neurose que mutila a vida, mas, curiosamente, alguns psicanalistas atacam a vida para manter o poder. Apropriação que conduz a uma normalidade-lei, a um excesso que impede que cada qual se revele e se manifeste em sua alteridade.

Segundo Roudinesco (2000):

A psicanálise foi a única doutrina psicológica do fim do século XIX a associar uma filosofia da liberdade a uma teoria do psiquismo. Ela foi, de certo modo, um avanço da civilização contra a barbárie. Aliás, foi por isso que alcançou tamanho sucesso durante um século nos países marcados pela cultura ocidental: na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. A despeito dos ataques dos quais tem sido objeto e malgrado a esclerose de suas instituições, ela deveria ainda hoje, nessas condições, ser capaz de dar uma resposta humanista à selvageria surda e mortífera de uma sociedade depressiva que tende a reduzir o homem a afeto. (ROUDINESCO, 2000: 70)

De fato, a psicanálise trabalhava com questões que faziam sentido para o Ocidente e não para o Oriente, nasceu como uma resposta à história da subjetividade do Ocidente. Segundo Adorno (1985), o Ocidente se constituiu pela idéia da razão contra o mundo sensível; para o autor, o mito de Ulisses seria o mito fundador do Ocidente: Ulisses na Odisseia, quando se encontrou com as sereias, amarrou-se no mastro para não ser atraído por

¹⁶ De fato, esta espécie de “iniciadores” ou de “sujeitos que supostamente sabem” constituem o obstáculo mais efetivo que se pode interpor entre o sujeito e a verdade, no sentido do reprimido.

seus cantos; Ulisses não tapou os ouvidos, mas criou uma estratégia para que mesmo ouvindo não fosse atraído por seu canto, estratégia de não se entregar à sedução, mito do surgimento da razão contra a possibilidade de se perder no mundo da sensorialidade, do sensível. O recurso de Ulisses é a astúcia, ele engana as divindades da natureza.

Toda a tradição do Ocidente foi a de incrementar o mundo da razão, alimentando o projeto prometeico da dominação da natureza. Para Adorno, a barbárie é o incremento da racionalidade e a perda do contato com a natureza, que é sensibilidade e sensorialidade.

A psicanálise surgiu, então, resgatando a sensorialidade, a música e a poesia. Despontou afirmando que o ser humano não age pela razão, que é levado por suas pulsões e fantasias, que age inconscientemente. Mostrou que o homem não era tão senhor de si como se queria crer. Mesmo teorizando dessa maneira, Freud começou seu trabalho clínico acreditando na força do esclarecimento. Com o desenvolvimento de sua experiência, Freud se deu conta de que o esclarecimento e a razão não eram tão eficientes como pensou no início da psicanálise.

Há um projeto transgressivo e libertário na psicanálise, assim como há um projeto adaptativo e normativo incentivado pela esclerose das instituições e pelo uso da psicanálise como uma forma de poder. Em seu princípio, a psicanálise buscava liberar o ser humano de sua neurose, buscava a cura através do conhecimento.

A doença de hoje é a normalidade. Trata-se de produzir um simulacro daquele que acreditamos que está “incluído”, que possui os símbolos fálicos dessa sociedade; aquele que é desejado, aquele que é “popular”¹⁷. A anoréxica é um simulacro da modelo famosa, é a caricatura da busca da forma perfeita. A anorexia também é denúncia do massacre à criatividade. Existe a forma correta a ser copiada, e o que não for dessa forma, é deformação, usada nestes casos como sinônimo de anomalia, como horror.

Jean Baudrillard (1991) fez um trabalho importante sobre a questão do simulacro. Ele diferenciou fingimento de simulação. Quando alguém finge, mantém intacto o princípio da realidade. O autor exemplificou: fingir-se de doente significa ir para a cama e fazer com que o outro acredite que se está doente. Quando se simula uma doença, passa-se realmente a viver alguns dos sintomas dessa doença. Na simulação, o falso e o verdadeiro se misturam. O simulacro não é falso, nem verdadeiro. Baudrillard trouxe um exemplo significativo para entendermos o conceito de simulacro. Os americanos, em sua Conquista, dizimaram os índios. Hoje, se orgulham em dizer que já conseguiram ultrapassar o número de índios existentes

¹⁷ Os adolescentes costumam invejar o colega “popular”. Este é o ponto do orkut, quem é mais popular, quem tem mais amigos, o importante é ter uma lista muito extensa.

antes da Conquista. A civilização produziu mais índios que os índios puderam produzir. Toda cultura tribal limita o crescimento de sua população; se os índios não tivessem sido exterminados, não teriam mesmo tal população. Embora haja um maior número de índios, sua extinção simbólica foi maior ainda. O simulacro forma um universo estranhamente semelhante ao original, mas mumificado.

Quanto à normalidade excessiva, citarei Hannah Arendt (1999). A autora mostrou que é a normalidade excessiva que conduz à “banalidade do mal”, a uma adaptação e ambição que bloqueiam o contato do indivíduo com ele próprio. Escreveu sobre o julgamento de Adolf Eichmann, que cometeu crimes contra a humanidade durante todo período nazista, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial. Foi capturado em 1960, em Buenos Aires, e conduzido a julgamento na Corte Distrital de Jerusalém. Apesar de ter cometido todos os tipos de atrocidades, Eichmann considerava-se inocente. Não negava os atos cometidos, mas afirmava que não era culpado, uma vez que fez seu dever e obedeceu ordens. Hannah Arendt assistiu ao julgamento e escreveu o livro citado, no qual desenvolveu a questão do burocrata medíocre e obediente, para quem o mal se tornou banal.

Consideramos que Eichmann estava desejando tanto o poder que nem podia ter uma posição ética, um questionamento sobre suas ações. Eichmann assassinou, traiu, torturou sem nenhuma culpa, pois de seu ponto de vista fazia sua obrigação de soldado. Sentia-se um bom soldado; como qualquer outro normopata, não se dá conta do outro, segue regras desde que elas lhe façam sentir incluído no poder. Normalidade-cópia daquele que está imbuído do poder.

Quando Freud (1978c) afirmou que a sexualidade humana era polimorfa, colocou a psicanálise como a teoria que reconhecia e valorizava as várias formas possíveis do ser humano. No texto citado, Freud retirou “as diferenças” do campo da patologia, do que era visto na época como degeneração e perversão. Freud pôs em discussão a normalidade.

“Normal” significa, segundo o Dicionário Aurélio: habitual, natural. Os adolescentes utilizam com frequência o termo “normal” no sentido de: igual ao de sempre, rotineiro, repetitivo, tedioso.

Há pessoas normais, que levam a vida normal com idéias normais, nada mais, nada menos, estão bem adaptados. Buscam os valores da sociedade a qual pertencem, na verdade quase todos nós fazemos o mesmo, o que está em jogo é quão fundamental é para essas pessoas obter os símbolos de inclusão de sua cultura. A extrema necessidade de adequação, a

submissão, a resistência às mudanças substanciais, seu esforço adaptativo e a falta de contato **intensivo**¹⁸, os tornam assustadoramente normais.

Freud (1986o) demonstrou que a satisfação de todos os impulsos humanos é incompatível com a existência da civilização. O que não significa que a civilização possa destruir a subjetividade. A cultura é construída sobre a repressão das pulsões. Conseqüentemente, chamamos de “louco” todo aquele que não apresente controle de seu mundo pulsional, qualquer ser que ameace (ou que o entendamos como ameaça) a ordem estabelecida.

A não satisfação dos desejos, o “mal-estar na civilização”, parece ter o importante papel de manter as coisas como são. Freud (1986o) entendeu que a cultura exigiu que o sujeito se tornasse alienado de si próprio, que reprimisse seus desejos; a repressão era compreendida como o ponto central da neurose, portanto todo homem civilizado seria no mínimo neurótico.

Com efeito, Freud abalou os alicerces da “normalidade”, pois questionou o campo das normas; mostrou que as regras prescrevem o certo, trabalham com os conceitos das convenções sociais, mas que essas convenções não refletem, pelo contrário, obstruem o campo pulsional.

Autores como Jung (1984) e Winnicott (1975) descreveram pacientes que se apresentavam como indivíduos perfeitamente adaptados, mas que o mínimo toque em sua organização psíquica traria à tona uma psique assustadora, nas palavras de Jung, e psicótica no vocabulário de Winnicott. De qualquer forma, ambos descreveram a normalidade defensiva a uma desestruturação psíquica.

O termo “normopatia” foi criado por Joyce McDougall. Em 1978, publicou em Paris *Plaidoyer pour une certaine anormalité*, que no Brasil foi traduzido por *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Em um livro dedicado à teoria e à clínica da perversão, McDougall trouxe o conceito de normopatia. No capítulo intitulado *O antianalisando em análise* descreveu o normopata como o paciente que parecia ter perdido o contato com ele próprio, que se encontrava absolutamente distante de sua vida pulsional. Este paciente sentia-se à vontade na situação analítica, aceitando todos os aspectos formais do contrato analítico. Não faltava, era pontual, pagava corretamente os honorários do analista, falava claramente durante as sessões. Tudo perfeito, com exceção da percepção do analista de que nada acontecia entre eles e que o paciente não se alterava em nada. Tratava-se de uma

¹⁸ Retornarei ao conceito de “contato intensivo” no último capítulo.

análise que não se iniciava de fato, mas formalmente seguia cada detalhe. O analista nunca conseguia perceber onde se localizava para o paciente para poder formular uma interpretação transferencial, apesar de tudo parecer absolutamente correto.

McDougall (1983) mostrou que, com frequência, analistas deste tipo de analisandos sentem, contratransferencialmente, culpa por “trabalhar tão mal”, uma vez que o paciente segue à risca todos os “requisitos” de uma análise e nada acontece durante anos. Sabem que tentaram de inúmeras maneiras, mas que não se estabeleceu entre a dupla analítica uma situação de afetação. Nesta situação, o analista sofre com a falta de vida na relação transferencial, mas o analisando não sente aí um problema. Há outra série de analistas que não sentem esse mal-estar, pois para eles essa adaptação de seu paciente, o reconhecimento social que resulta dessa forma de estar no mundo, são lidos por esses analistas como sinal de uma análise bem sucedida.

Este é o ponto a ser desenvolvido, na formação do analista, algo se dá que se cria um simulacro de saúde mental, um doente da normalidade e da adaptação.

A normopatia pode ser desenvolvida em uma análise na qual o analista não se afeta com o analisando, em que há um vazio entre eles que é preenchido por regras psicanalíticas, um espaço analítico sem processo analítico. O simulacro de psicanalista que foi criado seguirá todos os rituais de passagem e será responsável pela procriação de analistas que não se identificam com outro analista, apenas fazem um simulacro.

Na hipótese da McDougall (1983: 89), os normopatas tiveram, na infância, de fazer uma defesa brutal a afetos insuportáveis; a defesa foi a de “criar um vazio entre ele e o Outro”. A autora relata que os raros acessos da análise nas experiências da infância desses analisandos transparecem situações violentamente traumáticas. A forma de defesa dessa criança frente a esse excesso de estimulação sem possibilidade de elaboração psíquica foi a de criar um vazio, negando a realidade do Outro e livrando-se assim de afetos insuportáveis que existiam entre eles. Entendo “afeto” como energia psíquica que não mobilizou expressão de nenhuma espécie; neste sentido, o insuportável é o excesso energético dentro do aparelho psíquico sem possibilidade de circulação, ou seja, de movimento de criação de forma para expressá-lo e torná-lo integrado em uma subjetividade compartilhável com o outro.

Freud mostrou¹⁹ que a estruturação do aparelho psíquico se dá no encontro com o outro. A mãe é tocada pelo pulsional do bebê e responde na ressonância dessa afetação,

¹⁹ Há vários momentos na obra de Freud em que ele defende esta idéia. Considero que ela se inicia em 1905 nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1978c), fica evidenciada em 1915 na *Pulsão e suas vicissitudes* (1984b) e retorna nos textos da década de 30.

oferecendo forma, pele e sentido a estas manifestações energéticas. Processo que se repetirá pelo resto da vida: a criação de novos impulsos energéticos pelo contato intensivo com o outro, e a possibilidade de dar forma, pele e sentido a esta energia psíquica também através do contato com o outro. O afeto nasce e se transforma durante toda a vida e depende dos encontros intensivos que ocorrerem.

Na normopatia, a alteridade é recusada²⁰, como forma de interrupção desse fluxo energético. Cria-se, assim, um vazio que impede o processo de circulação energética e impossibilita a subjetividade.

Os normopatas desperdiçam importante parcela de suas vidas para não saberem sobre sua realidade psíquica:

Tentando compreender aqueles analisados que constantemente fogem da vida imaginativa, consumindo cada segundo na ação, criei o termo “normopatas” para indicar como sua aparência de normalidade muitas vezes escondia uma defesa patológica contra formas psicóticas de angústia. (MCDOUGALL, 1997: 240)

2.2 A desafetação

No texto de 1991 (1991a), McDougall ampliou suas idéias sobre a normopatia. Retomou com mais amplitude seu conceito de “desafetação”. Descreveu como um fenômeno que percebeu a partir da relação transferencial em indivíduos que foram invadidos por um excesso pulsional que lhes trouxe a ameaça de aniquilamento e que por isso criaram um sistema sólido de defesa para poderem sobreviver psiquicamente. A autora distingue, fiel à teoria freudiana, afeto e emoção, mostrando que esses pacientes não sofriam de incapacidade de experimentar emoções, mas de simbolizar a vivência afetiva, e assim evitavam serem tocados pelo outro.

A desafetação para a autora é um “grave distúrbio da economia afetiva” (1991a: 103). Descreveu uma cisão interna do indivíduo, em consequência da qual ele perde grande parte do contato com seu psiquismo. O sujeito utiliza as palavras sem função de ligação pulsional, é inteligível, intelectualizado, mas desprovido de afeto. Daí o neologismo - desafetação - retirada de afetos, nos moldes do mecanismo de recusa²¹. O outro “desafetado” não existe,

²⁰ Recusa é a tradução de Verleugnung conceito desenvolvido por Freud em 1927 no artigo *O fetichismo*.

²¹ Enfatizando o que foi dito logo acima, recusa é a tradução de Verleugnung, conceito desenvolvido por Freud em 1927 no artigo *O fetichismo*.

portanto não há com quem se identificar. Em 1921, Freud definiu o processo de identificação como o modo mais primitivo de enlace afetivo com outra pessoa. A aprendizagem depende em grande parte da identificação; e a imitação, por vezes, faz parte do processo inicial da identificação. No normopata, a identificação se interromperia nessa espécie de imitação, pois ele consegue aprender a técnica utilizada pelo outro e repeti-la com exatidão, mas sem a percepção do outro, o qual é percebido superficialmente, seus gestos, suas falas são repetidas, mas sem a apreensão dos valores e dos afetos desse outro. Parece que tudo acontece na aprendizagem de uma mecânica, de uma técnica.

Criar regras de conduta pode ser uma forma de esse sujeito se conter, colocar-se pele. A equivalência torna as regras absolutamente fundamentais para o indivíduo. Tais regras não podem ser alteradas, nem mesmo questionadas pois são a pele do psiquismo.

Para que a desafetação permaneça, é necessária a produção contínua de veneno, pelo qual o indivíduo mata sua possibilidade de ser afetado por outrem.

“O outro é recusado” (McDougall, 1983: 91).

2.3 Transgressão, perversão e normopatia

Podemos afirmar que a normopatia é uma das possíveis apresentações da perversão, e que não foi casualmente que McDougall descreveu a normopatia em seu livro sobre perversão. Tanto na perversão quanto na normopatia, o indivíduo cria um excesso de regras que lhes são próprias, vive de modo bem mais restrito que os demais; nas duas os sintomas são egossintônicos, incomodam aos outros e não aos próprios; em ambas uma parcela enorme da vida é desperdiçada e o mecanismo de recusa é exacerbado. O perverso e o normopata vivem em um mundo de iguais, sem alteridade. A transgressão é impossível para ambos.

A transgressão é uma das formas de resistência à normalização, e é considerada por muitos como patológica. Os agentes da norma opõem-se ao gesto transgressor. Como esclareceu Foucault (2002), o poder determina através de conceitos de várias ciências o que é ou não aceitável: é assim que na psicanálise, menos em Freud e muito mais nos pós-freudianos, a transgressão é patognômica da perversão.

Não há consenso, dentre os psicanalistas, sobre o conceito de transgressão. Há duas posições absolutamente antagônicas: autores que defendem que a transgressão é uma via da

criatividade e autores que afirmam que ela é o ponto central da perversão. Não se trata somente de um desacordo sobre um conceito, mas de uma posição frente à vida.

Freud (1978c) definiu a perversão de forma diametralmente oposta ao pensamento científico da época.

Tratava-se de um conceito ligado ao comportamento sexual de indivíduos que não tinham como objetivo último de sua vida sexual a reprodução da espécie. O orgasmo **correto, normal** no pensamento científico da época, deveria ser obtido, exclusivamente, pela penetração do pênis na vagina. Os prazeres sexuais que perdessem de vista esse objetivo seriam desvios da norma. Eram vistos como doenças graves e degenerativas. Freud subverteu este conceito, demonstrou que a sexualidade humana era muito mais ampla do que entendida até o momento e colocou o acento patológico da perversão no caráter repetitivo dos comportamentos sexuais, e não na escolha do objeto ou em sua forma, mas na exclusividade. No texto que estamos tomando, Freud considerou perversa a sexualidade submetida a uma condição determinada, atada ao cumprimento de uma regra fixa sem a qual o sujeito não consegue o prazer, a qual qualificou como uma sexualidade demais restrita. Freud transgrediu a posição científica da época, foi revolucionário, pois retirou toda norma do prazer sexual. Os desejos seriam semelhantes em todos os homens, na neurose os desejos estariam reprimidos e nos perversos seriam vividos.

Freud não se deteve especialmente em questionar o porquê destas regras de conduta na vida sexual, demonstrou somente que em seu ponto de vista, essas regras eram equivocadas, pois desconsideravam as várias formas que poderia tomar a sexualidade humana. O acento patológico, neste texto, ficava mais na repressão histérica do que na transgressão perversa. Entre as duas categorias, Freud deixou subentendido um conceito de “normal”, aquele que poderia viver sua sexualidade no mesmo ritmo de sua capacidade de elaboração psíquica dessas vivências, e que possuía uma plasticidade tal que poderia adaptar-se às circunstâncias. Uma sexualidade homossexual em um ambiente que só havia pessoas do mesmo sexo, como por exemplo uma prisão, seria uma mostra de saúde psíquica. Freud opõe-se à moral, mostrando que é um conjunto de regras com a função de conter a sexualidade. Freud foi subversivo retirando o finalismo da sexualidade e forjando o conceito de pulsão.

Em Totem e Tabu (1986d), texto influenciado pelas dissidências do movimento psicanalítico²², pela preocupação de Freud em ser “assassinado” por seus discípulos, as questões das normas e da ambivalência dos homens frente ao “pai” tomou outro

²² O texto estava ligado especialmente à idéia de Freud de que Jung sofria de uma compulsão a suplantá-lo.

encaminhamento na obra freudiana. Isso se deu de tal maneira que os conceitos de transgressão, ataque e doença começaram a se confundir, foram tratados como se fossem sinônimos. Poderíamos pensar que neste período teórico, Freud foi gradativamente perdendo sua potência inovadora cedendo espaço ao retorno de idéias normativas.

A interdição passou a ser considerada indispensável para criar a cultura e defender seus membros do assassinato. A interdição livraria o homem do excesso, fornecendo ordem e segurança; sua ausência seria fonte de insegurança, um perigo possível.

A pedra angular da psicanálise foi deixando de ser o conceito de repressão; cedendo lugar ao conceito de castração. Aceitar a castração significava desistir da crença da onipotência do desejo, seria aceitar a existência de leis intransponíveis. Freud mantinha a idéia de que a lei era necessária, e pertencia ao campo da liberdade.

A mudança do ponto central das neuroses proporcionou a abertura para uma forma de pensamento onde as regras passaram a ter função primordial, a moral, muitas vezes, foi confundida com a ética.

As “normas” estão ligadas às convenções, à moral. A moral se pauta em uma série de normas que visam garantir a vida em comunidade, um código que determina como se deve agir frente a situações práticas. A moral varia com a época e a cultura, a comunidade dá respaldo ao código moral. No entanto, cabe a uma subjetividade “saudável” transgredir tais regras quando a vida para sua expansão assim o solicita. A vida estrangulada obriga a transgredir e a participar na criação de outra coisa; que implica na criação de um novo repertório de normas, ou seja, nos deslocamos do campo da ética para o campo da moral.

Como a define Foucault (2000b), a ética é a prática refletida da liberdade. A ética não prescreve formas de agir, é uma ciência que busca princípios universais, a ética elabora conceitos que dependem das disciplinas que definam o homem. Ela está referida às escolhas que têm como critério a vida em sua expansão transformadora. Estamos no campo da liberdade e da singularidade

O ponto sobre o qual reflito é a mudança de foco da teoria das neuroses que foi causado e que provocou, simultaneamente, o enrijecimento da teoria psicanalítica. Verifica-se este fato pela importância (negativa) que o termo transgressão veio a ocupar dentro da teoria, a perda de ênfase no ponto de vista econômico e a transformação de um método clínico em técnica exigente. Na mesma linha, o diagnóstico também passou a ser mais valorizado. A teoria estrutural centrou-se no conceito de castração, que foi se ampliando sobremaneira, “colocar limites” passou a ser a palavra de ordem para os pais, as reivindicações eram

rapidamente interpretadas como “não aceitação da castração”. Esquecemos a possibilidade legítima de haver uma transgressão ética.

Foi por essa via que a transgressão, interpretada como sinônimo de não aceitação da castração, passou a definir a perversão. As conseqüências destas mudanças podem conduzir a conclusões absurdas, como por exemplo a de que os paradigmas nunca devam ser alterados, de que a autoridade nunca deva ser contestada, idéias que tendem a eternizar as verdades.

Concomitantemente, alguns pós-freudianos elaboraram o conceito de estrutura perversa. Trata-se de uma estrutura na qual o sujeito não suporta a castração, recusa a lei e passa a fazer suas próprias leis, vivendo o gozo compulsivo de transgredir. Trata-se da não aceitação da lei paterna. Estamos em plena teoria estruturalista, em que a questão se articula em torno da aceitação da “falta”. A transgressão nessa perspectiva conduz ao caos e à violência ilimitada. Há uma autoridade que deve ser seguida e que promete proteção em troca da perda do pensamento crítico dos demais membros do grupo. Aí a normopatía é bem vinda²³.

Freud não dispunha de conhecimento etnográfico para poder se dar conta de que não se pode falar em natureza opondo-se à cultura, já que ambas se definem em função dos contextos históricos. Por não dispor de tais conhecimentos, Freud admite a idéia de interdição como parte da cultura e não a transgressão que ele situa no campo da perversão.

Mesmo assim, constata-se que Freud intui que culturas não são universos fechados, mas em processo de criação contínua e que portanto a transgressão faz parte da “saúde” humana. Na maior parte de seus escritos, o que se verifica é um impasse com a idéia de transgressão, o que se deve a sua excessiva identificação com os valores de sua época, o que não poderia ser diferente.

Encontramos a teorização sobre a “saúde” ligada à transgressão em textos como *Três ensaios para uma teoria sexual*, em que trabalhou o conceito de pulsão e mostrou como a sexualidade humana é diferente daquela apregoada pelas regras vividas em Viena no fim do século XIX; mas em muitos textos em que a problemática pulsional apareceu, Freud foi transgressivo. Mais do que teorizar sobre a importância da transgressão, Freud mostrou-se transgressivo na originalidade teórica com a qual compreendeu o ser humano e seus fenômenos psíquicos de maneira geral.

A transgressão pertence à civilização tanto quanto a interdição.

²³ Joel Dor, em *Estrutura e perversões* explica amplamente o conceito de perversão relacionado ao horror à castração.

Segundo Bataille (2004), o trabalho opõe-se à satisfação imediata do desejo, o trabalho é necessário para manter a vida e exige uma regularidade que se opõe às turbulências do desejo. Em geral, o trabalho é coletivo e, assim, o coletivo se oporia ao imediatismo do desejo, à sua intermitência. O desejo é violento pelo seu excesso, pela sua intensidade, há uma violência do desejo, mesmo no desejo amoroso; é assim que Bataille considera que a coletividade de trabalho define-se nas interdições. A interdição é feita em nome da vida, é a interdição da morte, por isso o homem interdita a violência. Há interdições que são marcadas por constantes transgressões, sem que acabe a interdição ou a transgressão; por exemplo a interdição “não matarás”, a guerra é uma das transgressões organizadas e valorizadas pela cultura. “Freqüentemente a transgressão é admitida, freqüentemente ela é mesmo prescrita” (BATAILLE, 2004: 97).

Para Bataille, a atividade sexual também se opõe ao trabalho, portanto deve ser interdita para manter a vida e transgredida para manter a vida. O autor distingue interdições universais de interdições particulares; as interdições particulares são aspectos variáveis da interdição, exemplo de uma interdição variável é a proibição do incesto.

A transgressão não atinge a liberdade da vida animal porque é organizada e limitada. A interdição pode nos afastar dos animais e a transgressão nos aproxima deles, mas ainda nos mantém muito distantes de sua liberdade.

Evidentemente o conceito de perversão atado ao conceito de transgressão deve ser revisitado, pois engloba também qualquer mudança ao estabelecido, e exclui de seu âmbito a normalidade e a subserviência como doença. Em outras palavras, patologizar a transgressão é uma proposta de normatização do social. É necessário devolver à transgressão seu status de criatividade e crescimento que a psicanálise em sua dimensão institucional retirou.

Em *As pulsões e suas vicissitudes* (1984b), Freud delineou uma característica fundamental das perversões; Freud estava pensando em pares de opostos pulsionais, sadismo-masiquismo por exemplo, preocupado em demonstrar que o sadismo era primário e o masiquismo secundário, em sua explicação trouxe a idéia de que o outro não importa em nada para o perverso, o que o outro sente ou passa lhe é absolutamente indiferente. É esse, penso eu, o ponto fundamental que inclui a normopatia nas perversões, sua necessidade de criar um abismo entre ele e o outro, sua impossibilidade de suportar ser afetado pelos encontros.

A normopatia pode ser pensada como uma espécie de “servidão voluntária” (LA BOÉTIE, 1986), que libera o indivíduo do contato com seus desejos, congela sua capacidade de afetação, e lhe proporciona a sensação de proteção. La Boétie percebeu, com espanto, que

há homens que se submetem voluntariamente a outros, como se não se responsabilizar por seus desejos fosse mais importante que a liberdade. Na medida que atua o desejo de outrem, o desejo do servidor fica desaparecido nesse percurso, transparecendo o desejo de ignorar seu desejo.

A substância fundamental da clínica analítica é a psique do analisando, a antítese da normopatía. McDougall (1983) descreveu o normopata como o antianalisando. No mesmo sentido penso que também é o antianalista.

A normopatía pode aparecer como resultado de um tipo de trabalho analítico.

2.4 As instituições psicanalíticas

O principal é livrar-se dessa espécie de redundância, de serialidade, de produção em série da subjetividade, de solicitação permanente a voltar ao mesmo ponto. (GUATTARI; ROLNIK, 1993: 63)

O poder introduziu-se na psicanálise, ou melhor, reafirmou-se e a deteriorou. Mannoni (1982) defendeu a idéia de que Freud foi perturbador até 1920, até ser criada a Sociedade Psicanalítica de Berlim. A partir desta data, os analistas deixaram de ser criadores e passaram a ser normais, normatizados pelas instituições, e, assim, reforçando as mesmas instituições.

Penso que Freud foi extremamente perturbador nos seus primeiros escritos quando mostrou uma forma de pensar sobre o ser humano completamente nova. Sentir-se compelido a criar uma Instituição Psicanalítica para preservar a psicanálise interrompeu seu fluxo criativo. Diferentemente de Mannoni, penso que Freud retomou sua liberdade em seus últimos trabalhos.

O fato é que as instituições psicanalíticas tomaram corpo no período mais restrito de Freud. O jogo político, os problemas econômicos, mostraram a Freud, a necessidade de a psicanálise sair de um lugar marginal que ocupou em seu início e adaptar-se para existir socialmente. Assim, perdeu-se a informalidade da psicanálise, talvez em parte porque Berlim

começou a ditar as regras, como defende Mannoni, talvez em parte porque é impossível criar quando a idéia prevalente é preservar.

Historicamente, há uma ligação entre o enrijecimento da teoria psicanalítica e o advento das instituições psicanalíticas. Nas instituições, os “irmãos” vigiam-se, supostamente para garantir a pureza da teoria psicanalítica e esta instância de controle esterilizou a criação. Desde Freud já existiam as questões criadas pela instituição psicanalítica. Elas agravaram-se com o reconhecimento social do psicanalista

Atualmente a formação psicanalítica é muito próxima da que foi instituída pelo grupo berlinense. Há uma instituição formada por grupos que estudam e discutem casos clínicos, pensam sobre a teoria, produzem trabalhos clínicos e teóricos e vivem no divã o método que pretendem utilizar.

Há institutos de formação de psicanalistas coordenados por pessoas que não quiseram participar da submissão e dos rituais determinadas pela IPA. Esses grupos também se deparam com o problema de legitimar o psicanalista e embora relutando em inventar estatutos e diplomas, acabam sendo muito rígidos para cumprir a tarefa de garantia da formação “séria”.

Conservamos vários itens da herança da Sociedade de Psicanálise de Berlim dos inícios da psicanálise. Mantivemos²⁴ basicamente a necessidade de “preservar” a psicanálise com a crença de que preservá-la é garantir, através de exigências, uma formação sólida para o analista.

Nesse sentido, conservamos as entrevistas iniciais de seleção de candidatos, que determinam se serão aceitos ou não para a formação; a obrigatoriedade do analista aprendiz de analisar-se, durando muito mais do que os seis meses mínimos dos berlinenses; alguns grupos continuam indicando os analistas que consideram capazes de conduzir a análise do analista aprendiz. O mesmo acontece com a supervisão. Permaneceu também a reunião em pequenos grupos com um analista professor para estudar a teoria psicanalítica. Atualmente, o analista didata não dá mais seu aval para que o candidato chegue a outras etapas de sua formação.

Foi feito exatamente o caminho oposto àquele que manteria a obra de Freud. Em vez de conservar-se o caráter corajoso e criativo da psicanálise, as instituições trataram de moldar e normatizar o psicanalista, entendendo preservação como repetição.

²⁴ Refiro-me basicamente à Sociedade de Psicanálise de São Paulo e às formações do Instituto Sedes Sapientiae, especialmente o Departamento Formação em Psicanálise, ao qual pertença. Há os grupos lacanianos que formam analistas, mas não foquei sua forma de trabalhar e de muitos outros grupos e em inúmeras instituições filiadas à IPA.

Neste jogo de poder, o analista iniciante corre o risco de alienar-se, fazendo uma sobreadaptação ao ambiente para sentir-se incluído. A instituição tem o poder de reconhecer o analista e lhe fornecer um sobrenome.

As instituições que insistem em se manter distantes de constituir-se como órgão legislador encontram-se em um dilema: ao cederem, perdem sua legitimidade ética; ao resistirem, são ameaçados com a desvalorização de seus membros. As instituições formadoras que têm a marca da independência assistem seus membros dirigirem-se num segundo tempo à IPA ou às Universidades, não em busca de um saber, que seria bastante legítimo, mas em busca de um reconhecimento de sua função.

Há a busca de formação por aqueles que querem saber e outros que querem poder. A seleção não resolve essa questão, pelo contrário, costuma afastar os mais criativos e transgressivos.

Minha hipótese é de que as formações psicanalíticas inserem o analista em formação em uma montagem perversa que transforma a criatividade e a vivacidade em normopatia.

A formação é burocratizada, independente da intenção consciente dos formadores. O desejo transformado em obrigação. O sistema de valores do analista em formação se confunde. Isso ocorre porque entram em jogo inúmeros fatores, especialmente a transferência analítica.

A psicanálise não é uma questão de ensino e sim de “transmissão”. A transmissão da psicanálise se passa pela identificação com a postura ética de outros analistas. A teoria está escrita, alguém pode conhecer todos os livros escritos sobre o assunto e não será, por isso, um psicanalista. A psicanálise possui uma ética e uma liberdade de pensar que se contamina e é transmitida na convivência com o psicanalista quando ele mostra como ouve e como se posiciona frente às questões. A transmissão se dá no contágio.

É por isso que o aumento de regulamentos e de critérios burocráticos não traz garantia nenhuma. Ao contrário, uma instituição muito presa a seus regulamentos, cerceadora da liberdade dos que estão sendo formados por ela, transmite algo diverso do que se poderia chamar de psicanálise.

Quando se trata de psicanálise, o diploma não garante nada. As instituições de formação de analistas encontram-se em uma situação impossível, pois não há como garantir a transmissão da psicanálise. O analista constrói, inventa, reinventa junto com seu analisando.

2.5 A análise pessoal e a análise didática

Houve um tempo em que pessoas que não sabiam como justificar o desejo de se analisar, buscavam os cursos de psicologia e psiquiatria para se introduzir no conhecimento das forças inconscientes. Dizia-se, maldosamente, que as pessoas que procuravam essas profissões eram pessoas problemáticas e desadaptadas. Sempre há um fundo de verdade nessa forma popular de se descrever um fenômeno. Nesse caso, era em parte verdadeiro. As pessoas sensíveis, que se davam conta de seus conflitos e de seus transbordamentos pulsionais, que buscavam um saber sobre seu mundo psíquico, que desejavam a transformação, procuravam as profissões “psi”. A procura motivada por emblemas sociais não cabia de modo algum, eram cursos que se marcavam por certa marginalidade.

Esta era, em sua grande maioria, o intuito dos primeiros seguidores de Freud.

Ainda ocorre esse tipo de procura, o indivíduo busca a psicologia, ou a psiquiatria, ou a psicanálise, movido pelo seu desejo de transformar-se, movido pelo desejo de analisar-se e de analisar.

Para estas pessoas, buscar a análise pessoal é peremptório, assim como buscar uma formação para estudar o que precisam aprender para poderem analisar. Certamente, pessoas movidas por essa demanda não procuram a análise para poderem ser analistas, procuram porque querem, necessitam mesmo desse trabalho.

Artistas costumam relatar essa experiência: em uma entrevista, Ziraldo foi perguntado sobre uma criança que desenhava muito bem, se ele achava que essa criança seria um desenhista de sucesso. Ele respondeu que muito provavelmente não; contou que ele desenhava como uma necessidade vital, para ele tudo era e é desenho, que ele sentia em forma de desenho. Ziraldo descreveu que foi tomado pelo desenho. Clarice Lispector (1999) também declarou que escrevia porque era condição de vida para ela.

AO LINOTIPISTA

Desculpe eu estar errando tanto na máquina. Primeiro é porque minha mão direita foi queimada. Segundo, não sei por quê.

Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. E se você me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me respeitar.

Escrever é uma maldição. (LISPECTOR, 1999: 74)

ESCREVER

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. (LISPECTOR, 1999: 134)

Van Gogh, em suas *Cartas a Théo*, descreve os fatos para o irmão, em cores:

Vi um estábulo com quatro vacas café-com-leite e um bezerro da mesma cor; o estábulo branco-azul forrado de teias de aranha (...) a mãe estava surpreendente, sua figura amarelo fosco e azul desbotado (...) vi uma coisa muito calma, uma moça de tez café-com-leite, cabelos cinzentos, olhos cinzas, corpete de índia rosa-pálido (...).isto contra o verde esmeralda das figueiras. (VAN GOGH, 2002: 253)

Assim como Ziraldo vê o mundo-desenho, Van Gogh via mundo-cores, não há escolhas, é peremptório. Há uma forma de contato, recepção e expressão que é quase que compulsiva.

A psicanálise para alguns é condição vital, como para outros pode ser cozinhar, esculpir, enfim, há uma infinidade de possibilidades. Aprender psicanálise para estas pessoas é se apossar de um método com o qual possam se mover facilmente pelos caminhos que necessitam percorrer.

Para esses, há o risco de a formação de analistas embotar sua vivacidade e talento, mas dificilmente consegue. São os três ou quatro que tiram proveito da formação, e que jamais conseguiram entender o porquê de provas, livros de presença, obrigatoriedade de análise pessoal ou supervisão individual. Soa como se o obrigassem a beber água.

Mas uma turma de aprendizes de analistas não conta somente com três ou quatro pessoas. Assim como não só os que desejam ser analistas procuram análise pessoal. Do mesmo modo, nem todos procuram análise para lidar com suas crises pessoais.

Ora, muitos que procuram a formação em psicanálise não procuram a análise pessoal. Como todos concordamos que não há analista sem análise pessoal, regulamentou-se a obrigatoriedade da análise pessoal.

Fédida (1990)²⁵ postulou duas formações: a formação na análise e a formação psicanalítica. A Formação Psicanalítica é a formação profissional, que inclui programas, currículos, análise pessoal por exigência da instituição, pode ser uma formação universitária.

Com efeito, tenho pensado que há os analistas profissionais, que buscam uma profissão que lhes traga o retorno social e econômico que desejam.

²⁵ Conferência apresentada em setembro de 1990 na Sociedade Brasileira de Psicanálise, cedida gentilmente, antes da publicação, pela psicanalista Sandra Lorenzon Schaffa, que transcreveu e traduziu a conferência.

O segundo grupo assemelha-se com o que descrevi como os que precisam analisar-se e analisar a outros como a positivação, como engendramento de seu desejo. A psicanálise, para eles, não faz parte do “mercado” de trabalho, é uma forma de viver a vida. Serão psicanalistas até numa Universidade, serão psicanalistas apesar das instituições formadoras. Tenho chamado estes analistas que têm um dom de artistas, não são mais verdadeiros nem menos verdadeiros que os demais, a diferença é que são capazes de criar.

Fédida chama esse grupo dos *analistas que se formam na análise*. Pensa que ser analista para essas pessoas é uma formação de sintoma, que é rica e extremamente potente. Para Fédida, o desejo de ser analista tem raízes infantis inconscientes e se engendra em sua análise pessoal. Essa é a formação que Fédida entende, algo se forma, toma forma, na análise. Faz parte dos “sintomas” que não desaparecem no processo analítico, ao contrário, ganham força e forma.

Fédida utiliza a palavra alemã *Bildung* (processo e resultado), pois “formação seria o movimento em direção a uma forma, a uma forma própria, uma forma que ao tomar forma é capaz de continuar a inventar a sua forma”. *Bildung* é um processo necessário e se autoproduz no contato com o estrangeiro.

A formação de um analista não é uma formação profissional, seu ponto fundamental não passa pelos currículos ou pelos programas.

Penso que a análise, quando obrigatória pela instituição, faz parte do currículo como qualquer outra matéria. Quando a análise é obrigatória, peremptória mesmo, desde o sujeito, desde suas motivações inconscientes, de seu prazer em pensar os conflitos, seu desejo de saber sobre o inconsciente, há aí a análise que atualiza a potência de se formar analista. A formação do analista se dá em sua análise, desde que parta de um desejo do analisante e não seja um ritual que o sujeito cumpra submissamente, com a racionalização de que o ritual, ao qual se sujeita, faz parte de sua formação profissional.

A análise procurada pelo desejo do analisando facilita o surgimento de um processo que já está em curso. Este é o “dom de analisar”, não se inventa, nem se cria, engendra-se.

Considerando por um lado que não há analista sem análise e nem todos os que procuram a formação procuram sua análise por uma necessidade pessoal e por outro lado que a instituição psicanalítica se vê na obrigação de avaliar os psicanalistas, criou-se um dilema. Foi teoricamente resolvido pela obrigatoriedade da análise, que, além de não resolver o problema, criou uma série de outras dificuldades.

O termo “análise didática” é utilizado pela IPA, é a análise obrigatória, que deve ser feita enquanto o principiante estiver fazendo o curso de formação, deve ser feita com um

analista que a instituição reconhece e chama de didata, deve ter uma frequência de quatro sessões semanais e uma duração de cinco anos. Há muitas situações curiosas: se o principiante já se analisou, mesmo que com um didata, terá que recomençar ou acrescentar sua análise por mais cinco anos; aos que moram mais distantes de seus didatas, há uma análise condensada, duas sessões por dia para somar as quatro necessárias. Se o candidato estiver em uma análise que considere proveitosa, que tenha a frequência exigida, mas que não seja um analista didata, ele terá que interromper o processo. É o que eu chamo das complicações criadas pela categoria “didática”. O critério é absolutamente normativo. Nunca é demais lembrar que a análise didática instituída por Freud era bem diferente, tinha a duração de seis meses e não era a análise terapêutica, era realmente para aprender a fazer vendo fazer.

Nas instituições onde não há a denominação “análise didática”, nem há “analistas didatas”, mas pela preocupação em formar bem seus analistas, acabam também por exigir a análise pessoal e se não existem os didatas propriamente ditos, há aqueles que têm a transferência dos professores da formação que acabam por ocupar o lugar de didata com a agravante de não assumirem a posição que de fato ocupam. Por outro lado, parece não haver a relação financeira que pode existir nas indicações da IPA, principalmente nas “análises condensadas”.

Para facilitar a compreensão do meu pensamento, chamarei de análise didática qualquer análise cuja demanda não procede de uma crise pessoal e que é procurada como necessária à formação psicanalítica, análise que conta com a colaboração de um analista mais experiente, didata, que inicia o processo sem demanda; por uma exigência institucional e não da psique do analisando.

Não estou surda a argumentos do tipo: “a obrigatoriedade é no começo, depois se abre o campo analítico”. Pode ocorrer sim, pois nesta vida tudo pode acontecer, mas a chance maior é a de o analisando permanecer preso nas malhas desse tipo de organização, e nunca iniciar verdadeiramente sua análise.

A análise só pode existir se foi demandada a partir de uma perplexidade, de uma questão do analisando que ele sente não ter mais recursos próprios para compreendê-la. Nada impede que esta perplexidade surja no meio de uma análise didática e comece aí um processo analítico, mas também nada garante.

É indispensável a análise pessoal do analista, assim como retomadas de análise pessoal quando o analista sente alguma espécie de obstrução em seu processo de auto análise; não é o que discuto. A questão é que não pode ser uma necessidade da instituição, não pode ser um

simples cumprimento de formalidades, deve ser uma necessidade que parte do analista em formação.

No artigo *On the psychoanalytic training system* (In: BALINT, 1952) aparecem várias questões sobre o analista didata, como seu dogmatismo, e sobre a pouca publicação de trabalhos, mas gostaria de destacar que Balint se pergunta como foi decidido o tempo de duração de uma análise didática. Como a priori um analista sabe quanto tempo deve durar aquela análise? Pressupõe-se que o analista didata possui um conhecimento extra, secreto para os demais, conhecimento que lhe dá a possibilidade de prever os acontecimentos daquele encontro. Para crer em tal hipótese, é preciso uma incomensurável submissão aos dogmas, ou seja, a crença numa espécie de “Texto sagrado”.

Piera Aulagnier, no artigo *Como podemos não ser persas?* (1990), coloca que o futuro da psicanálise dependerá de sua transmissão. Pensa que há nas análises didáticas efeitos da sombra do docente. Pelo lado do analisante poderá ocorrer que ele ouça da fala de seu analista aquilo que o coloca (o analista) na posição do saber. O analisando, identificado ao aluno fiel, não percebe que vive na alienação transferencial. Para a autora, a consequência é que o analisando só conseguirá repetir aquilo que seu mestre diz. Por outro lado, o analista que tem a incumbência de analista didata pode sentir-se comprometido a “ensinar” seu analisando candidato e a tentar manter-se no lugar idealizado.

A comunidade analítica como um todo não resolve estas questões. Há institutos que aboliram a análise didática, mas procuram algum outro meio de reconhecimento da capacidade e seriedade do analista.

Não se trata de ponto de recusa dos psicanalistas, ou de parte deles. Há artigos de didatas que trazem à tona muitas questões da análise didática. O volume 26, número 50 do *Jornal de Psicanálise* do Instituto de Psicanálise de São Paulo (1993), é formado por uma série de artigos dedicados à discussão destas questões. Destacarei alguns pontos.

Fabio Hermann fez um levantamento bibliográfico sobre análise didática. Encontrei certa ambigüidade no texto.

Sua primeira afirmação é que a análise didática “é o lugar sagrado da formação psicanalítica” (JORNAL DE PSICANÁLISE, 1993: 29). Mas apesar dessa importância, ou por causa dela, a análise didática é sempre muito discutida e comparada a “um instrumento disciplinador fascista, ou como abuso do poder econômico” (JORNAL DE PSICANÁLISE, 1993: 30).

Hermann vai enumerando as críticas e vai rebatendo cada uma delas, mas afirma que deseja compreender a razão de tantas opiniões contrárias. Cita a crítica feita para a definição

da essência da análise didática, “terapia feita quatro vezes por semana”. O autor concorda que não é possível esta definição, argumenta que é uma definição burocrática, que é impossível evitar os burocratas nas instituições, que se posicionam, em geral, criando regulamentos ou transformando os pensamentos em dogmas. Afirmar que se criou assim uma confusão entre análise didática e análise regulamentada, mas que o bom humor do analista e sua autocrítica podem tornar estimulante e agradável uma análise didática.

Como será que ele define análise didática? Se pensa que defini-la por sua frequência é análise regulamentada, propõe praticar a análise didática com outra frequência?

Hermann toma a crítica de que a regulamentação do processo formativo de analistas não se pautou por discussões sobre as necessidades metodológicas, mas foi decretada. O autor mostra a necessidade de existir uma disposição a se fazer analisar, parece concordar com a crítica, mas conclui que a contradição é própria de uma ciência do inconsciente.

Mostrou que ser analista didata tornou-se a aspiração maior dos analistas, e que aí aparecem claramente as questões sobre o poder.

Uma das críticas com a qual Hermann diz concordar absolutamente é a feita por Szasz de que há uma convergência tal nos ensinamentos a um candidato - análise, supervisão, teoria - sempre dentro de uma mesma linha teórica, somada à necessidade profissional do candidato comprovar estas teorias que elas chegam ao estatuto de verdades dogmáticas.

Sobre a infantilização produzida no analista principiante, argumenta que não é um objetivo, mas um efeito colateral. Quanto ao poder dado ao didata, Hermann conta com a recusa do didata em exercê-lo.

Ao final desse artigo, o autor conclui que: “A análise didática transmite excelentemente uma forma de operação que é a do método psicanalítico” (JORNAL DE PSICANÁLISE, 1993: 64).

Dediquei tanto espaço a esse artigo porque se revela, mesmo num psicanalista incontestavelmente competente, a ambivalência que invade muitos psicanalistas de sólida formação. Esta constatação reforça minha idéia de que pensar com outros pensadores que não os psicanalistas, e que possuem grande capacidade de suportar as diferenças, pode ajudar ao psicanalista a sair da cadeia na qual está preso.

Hermann ainda acrescenta que os analistas didatas, em geral, mostram que sabem sobre a incompatibilidade entre a análise e a regulamentação, afirmam que pessoalmente discordam da obrigatoriedade e não se deixam influenciar pela regulamentação. “É uma história de consciência culpada a da análise didática: quase se poderia crer que todos a executam de mau-grado” (JORNAL DE PSICANÁLISE, 1993: 41).

O analista iniciante se submete à análise didática e o analista didata se submete a submeter o candidato a tal análise. Neste excesso de submissão não parece que estamos nos referindo a adultos autônomos.

É a formação entre poderes e submissões que pode levar o candidato a analista a desenvolver o que estamos chamando nesse trabalho de **normopatía na formação do analista**.

A análise a qual o sujeito se submete por obediência à instituição não é análise em sua essência. Neste contexto não acontece nada: a análise pode durar milênios, com frequência de quatro vezes por semana, pois não passará de uma encenação de trabalho analítico com direito a *setting* completo, mas sem analista e sem analisando, sem desejo de saber.

A análise didática coloca o analista em posição inviável, ele começa o encontro com a tarefa de “mostrar como se faz”, que o retira imediatamente de seu lugar de analista e o coloca em uma posição de mestre. Criam-se discípulos e não psicanalistas.

Faz parte de um momento na formação do analista, efeito da transferência, anterior a um amadurecimento pessoal, uma fidelidade ao analista, aos conceitos teóricos com os quais este trabalha, uma certa imitação de seu estilo pessoal. Espera-se que essa fase seja ultrapassada e o analista principiante atinja seu estilo e pensamento próprio. Mas não é o que constatamos. Podemos reconhecer o analista didata de alguém pelo seu estilo e pelas suas idéias. Evidentemente que deveríamos esperar o contrário disto. Não me refiro à negação da filiação, mas a um fortalecimento da potência vital do analisando, de sua criatividade.

O mais curioso é que o postulante não se questiona sobre essa análise. Cria um ideal e deseja ser a sua imagem e semelhança. Trata-se da servidão voluntária (LA BOÉTIE, 1986), o indivíduo acredita tanto que precisa de proteção, e que irá recebê-la, que se transforma em uma cópia.

Trata-se também da reprodução por contigüidade, por cissiparidade, sem contaminação, que fecha a possibilidade de qualquer alteridade.

O analista não é um homem do mal que utopicamente deseja clones de si. O analista didata está no jogo tanto quanto o analisando. Ele se vê suporte de uma idealização que não dá conta, que julga que seu analista poderia sustentar esse lugar e acaba por sentir-se mal, charlatão, disse Lacan, sempre aquém do modelo idealizado. Conseqüentemente, não está livre para analisar e não consegue sair, nem tirar seu analisando, desta máquina de múmias.

É por isso que a saída do psicanalista de seu meio e a convivência com outras mentalidades pode conduzi-lo a refletir sobre a normopatía instituída nas formações.

O problema é complexo. Sem análise pessoal não há analista. Por mais que um analista se autorize por si mesmo, ele necessita do reconhecimento dos pares, a experiência de sua própria análise e de pelo menos um analisando; um analista precisa de seus pares, não só pelo reconhecimento, mas porque a psicanálise exige que no seu processo de aprendizagem ocorra a identificação com outros analistas.

Daí a oposição entre “transmissão” e ensino. A transmissão da psicanálise passa pela identificação com a postura ética de outros analistas. O aprendizado da teoria não basta, e talvez nem seja possível sem a análise pessoal. A psicanálise - uma forma de pensar, uma ética e liberdade que contaminam - é transmitida e não ensinada. A transmissão se dá quando aquele que transmite não está preocupado, naquele momento, em transmitir coisa alguma.

São dois os pontos primordiais de identificação de um analista principiante: o primeiro é com seu analista e o segundo com seu supervisor.

A primeira supervisão foi feita por Freud ao pai do “pequeno Hans”, mas Freud não usou este nome. Tal qual a análise, os analistas são supervisionados por algum tempo e depois “se dão alta”.

Quando Freud “supervisionou” o pai de Hans, atendia a um pedido de alguém que estava embaraçado com o que estava vivendo junto aos sintomas de um outro.

O sentido maior da supervisão é a entrada de um terceiro na relação que pode levar o analista a enxergar, a nomear sensações que o estão invadindo sem possibilidade de prosseguir em sua auto-análise. Indêpende da experiência do analista a ocorrência dessas situações. Se tudo correr bem, a análise irá até o limite do analista e tocará seus pontos não analisados. Os impasses sempre existirão desde que o analista esteja realmente se deixando tocar pelo encontro com aquele analisando. O analista que nunca se atrapalha, não inventa nem reinventa, formata analisandos, nunca os deforma ou transforma.

O momento de solicitar uma supervisão só pode ser determinado pelo analista, e não fazer parte das regras da instituição, o mesmo que para a análise pessoal.

O analista terá momentos de perda da capacidade da auto-análise e a necessidade da ajuda de outro analista para voltar ao movimento elaborativo. Necessidade que pode ocorrer por acontecimentos na vida pessoal do analista ou provocada por pontos atingidos no contato com seus analisandos. Tal necessidade pode conduzi-lo tanto a uma retomada de sua análise quanto a procurar um colega para ajudá-lo a se perceber na transferência naquele determinado processo analítico.

Análise e supervisão são demandas psíquicas e éticas e não deveriam ser exigências institucionais. Tudo que foi falado sobre a análise do analista principiante se repete na

situação de supervisão, inclusive o fato de que há “analistas” principiantes que nunca se analisariam ou buscariam uma supervisão se não houvesse a exigência institucional. Nesses casos, tanto a análise quanto a supervisão se dão só formalmente e não de fato.

É por isso que o aumento de regulamentos e de critérios burocráticos não traz garantia nenhuma. Ao contrário, uma instituição muito presa a seus regulamentos, cerceadora da liberdade dos que estão sendo formados por ela, transmite algo diferente do que se pode chamar de psicanálise.

CAPÍTULO III - DE VOLTA À CLÍNICA

3.1 A relação entre a clínica potente e a formação do analista

A perda da vivacidade, da manifestação do próprio estilo e da criatividade dos analistas em formação foi um dos pontos principais do desenvolvimento deste trabalho.

A psicanálise tem uma característica em sua transmissão que a diferencia dos demais saberes. A informação teórica da psicanálise não faz um psicanalista, nem se acompanhada de atividades práticas orientadas por um colega mais experiente, como ocorre na medicina, por exemplo. O analista só pode compreender os conceitos psicanalíticos se puder reconhecê-los em si próprio. Neste ponto todos os psicanalistas e todas as psicanálises convergem: o psicanalista só se transforma em tal se viver a experiência da clínica como analisando. As justificativas vão variar, mas a conclusão se repete, não se pode acompanhar o processo de descoberta do inconsciente de outro, sem ter vivido esse processo. Penso que o verbo no passado - ter vivido - não é adequado, pois o psicanalista, ao caminhar pelas bordas do real, encontrará em si momentos de transbordamento pulsional que às vezes exigem a companhia de um psicanalista para ganhar potência. Mas não é disso que se trata no momento, mas sim do analista principiante em formação que necessita de conhecimento teórico, trabalho clínico supervisionado, mas, essencialmente, o que pode mesmo torná-lo analista é sua análise pessoal.

Estamos agora no cerne da questão: um analista pode analisar um aspirante a clínico provocando ou não potência. Esta possibilidade depende, quase que exclusivamente, de sua própria análise. O corpo do analista, a vivência das sensações só pode existir em seu trabalho se existiu em sua análise. Pode viver na clínica sem arrogância, respeitando e compreendendo a fragilidade do outro, se não está identificado com uma analista onipotente, aquele que detém todo o saber. Se em sua análise pessoal conseguiu apreender os meios de conviver com seu desamparo sem ter de forjar em si uma imagem poderosa e onipotente.

A análise do futuro analista, se feita por exigência institucional, sofre de dificuldades adicionais. A transferência não é vivida em sua plenitude, o processo já se inicia com marcas na relação que não são transferenciais, há a realidade invasiva de que essa análise é um processo de aprendizagem, uma dificuldade para ambos, analista e analisando,

independentemente de a instituição chamar ou não esse processo de análise didática, a didática acaba fazendo parte e prejudicando a análise da transferência.

A dimensão do poder institucional existente nestas análises obscurece em muito a transferência. Ela interfere igualmente nas relações institucionais: há termos utilizados como “irmãos de análise”, ao qual deveríamos agregar “inimigos de análise”, inimizade marcada pela relação entre os analistas desses analisandos. Essas análises são assim palcos de prestígio e de rivalidade institucional.

A instituição psicanalítica tem responsabilidade sobre a transmissão da Psicanálise. Para não repetirmos o erro de Freud, o de dar à instituição a tarefa impossível e antipsicanalítica de regular a prática da psicanálise, torna-se necessário nos perguntarmos sobre o objetivo de uma instituição psicanalítica.

Birman (1994) definiu como objetivo de uma instituição psicanalítica que reconhece o indivíduo em sua alteridade e subjetividade o de ser um lugar que forneça as condições que facilitem a produção e a reprodução da psicanálise.

Para isso, a instituição analítica deve funcionar como um espaço simbólico que permite o estabelecimento de relações de troca entre os analistas, onde esses possam comunicar as suas experiências clínicas, nos impasses que essas colocam e nas possibilidades que indicam para o desenvolvimento do saber psicanalítico. (BIRMAN,1994: 147)

Formar novos psicanalistas, para Birman, é um objetivo político que deve se subordinar ao objetivo ético. Cabe assinalar se este é um ideal a ser perseguido, é preciso cuidado para não transformá-lo em um novo dogma que promete um novo paraíso, onde não há lugar para o conflito, essencial para garantir a continuidade do exercício da psicanálise como cúmplice da vida em sua natureza de impulso contínuo de criação.

O importante não é formar muitos psicanalistas a qualquer preço, nem transformar a instituição em um lugar de julgamento dos psicanalistas. É também fundamental perceber que o respeito à alteridade é incompatível com a idealização de analistas, seja professor, analista ou supervisor; a instituição deve ter em vista que essa idealização ocorre com muita frequência, mas deve ser elaborada, deve ser vista como uma etapa a ser sempre superada. A instituição psicanalítica transmite a ética da psicanálise, a finalidade de respeitar o outro em sua subjetividade na própria relação ética entre os psicanalistas. Os analistas na instituição deveriam ter atribuições diferentes, e não hierarquias institucionais. A atribuição de professor deveria ser dada a alguém que tem prazer e capacidade de dividir sua experiência clínica e teórica da psicanálise, e que tenha efetivamente experiência e possibilidade de transmissão,

isto não determinará que ele é superior ou inferior a outro psicanalista. Parece que a maioria dos psicanalistas aceita a existência de lugares diferentes, sem necessariamente existir hierarquização das posições na clínica psicanalítica. A mesma compreensão não é tão fácil dentro da instituição, na análise didática e nas supervisões, a necessidade de ensinar e garantir bons psicanalistas se transforma em criação de posições hierárquicas e em luta por prestígio.

A citada frase de uma professora de psicanálise, “Eu não sou o ‘suposto saber’, eu sei”, eu ouvi dentro da instituição. A transferência faz com que o analisando veja no analista alguém que sabe sobre a felicidade e que sabe sobre o desejo e como realizá-lo, que não está sujeito à crueldade da vida. Uma relação analítica bem sucedida demonstrará que o analista não tem esse poder que lhe foi atribuído pela transferência do analisando, esse mesmo tipo de transferência deveria ocorrer na relação professor-aluno de psicanálise, que também demonstrará que não há um “Texto sagrado” que comunica a verdade. Acontece que não há a dissolução dessa fantasia narcísica nas análises didáticas e em grande parte dos analistas dentro da instituição. Isto se dá por razões diversas, sobretudo pela luta por poder e prestígio, o que contribui com a manutenção desta idealização. Impossibilitado de contestar, impossibilitado de pensar e preso na idealização do outro, o analista principiante entra num processo de normatização, de simulacro do idealizado. Assim entendo a normopatia na formação do psicanalista.

3.2 A procura de saídas

Há desde sempre analistas refletindo seriamente sobre estas questões. Há instituições buscando novas experiências. Algumas tentaram deslocar a figura do analista didata para a do “supervisor didata”, outras não interferem na escolha do analista. Mas todas essas tentativas de excluir a dimensão perversa da formação do analista encontram outros tipos de dificuldades.

A psicanálise contou com pensadores brilhantes, inteligentes, criativos, transgressores, de estilo próprio, como Ferenczi, Jung, Klein, Rosenfeld, Bion, Laplanche, Winnicott, Lacan, Aulagnier, Green e muitos outros. Jung nunca participou de uma instituição psicanalítica e Ferenczi nunca conseguiu, de fato, participar da instituição. Os demais estiveram em instituições psicanalíticas, mas puderam sair do processo massificante da formação

psicanalítica e desenvolver idéias próprias. Evidentemente há um talento especial nesses psicanalistas, mas todos eles fizeram sua formação “em análise”.

Birman (2001:19) discorre sobre esses autores, denomina-os de “figuras significativas que, com seus discursos, inauguraram escolas no pensamento psicanalítico e constituíram novas linhagens teóricas”. O autor descreve uma diferença marcante entre a primeira geração que seguiu esses pensadores e as que vieram depois: a primeira geração foi produtiva e criativa e as demais não tiveram produção própria, limitando-se a repetir o que já tinha sido formulado. Para o autor, a primeira geração estava envolvida no processo de pensamento do mestre, o que ele designa como fidelidade transferencial. Neste tipo de transferência, o analista reconhece sua finitude, está tão sujeito ao trágico quanto o analisando e por isso não cria e nem alimenta a esperança de proteger seu analisando. O analista teria o poder de promover a experiência psicanalítica, promovendo a transferência de trabalho. Os companheiros de trabalho participam do processo de descoberta. “O frescor da aventura marca essas experiências psicanalíticas de primeira geração, evidenciando os traços do risco, do imprevisível e mesmo de seus impasses” (BIRMAN, 2001: 23).

As demais gerações vivem o que Birman denominou servidão transferencial. Trata-se de uma patologia da transferência, em que não vivem a transferência de trabalho, colocando-se na posição de servidão. Para o autor, há nessa transferência a demanda de imortalização do analista somada à demanda de proteção do analisante. Perdeu-se entre a primeira e as demais gerações o entusiasmo da descoberta e da criação de novas teorias, a teoria se transforma em doutrina, a doutrina exige discípulos que reconheçam o valor da doutrina, e que a repitam indefinidamente.

Considero pertinente essas definições de dois tipos de transferência, pois explica a paralisia que noto nas instituições psicanalíticas. O levantamento que fiz da história do movimento psicanalítico em seus primeiros tempos mostra claramente essas diferentes formas de transferência estabelecidas com Freud e os diversos destinos de criação ou repetição dos autores.

CAPÍTULO IV - O NOVO COMEÇO. O CORPO NA CLÍNICA EXPERIMENTAL

4.1 A experiência estética e a visão do invisível

Caminhamos pela questão da clínica psicanalítica sublinhando a formação do analista ligada a modelos didáticos que levam ao fechamento da comunicação e do contato do analista com as ressonâncias em si, da história que escreve e que vive com seu analisando.

Como seria uma clínica psicanalítica que focalizasse as sensações, o invisível e o oculto? Como poderia ser a clínica livre das funções didáticas e de modelos privilegiados e que desse livre curso às ressonâncias presentes na situação, sem perder as diferentes funções?

A resposta seria pela inclusão dos corpos no encontro analítico, e não só pelos pacientes com queixas somáticas; trata-se da escuta do corpo e sua interpretação no cotidiano da clínica, na história do encontro entre analista e analisando, com papéis claros e determinados, e assimétricos²⁶.

Inserir o corpo significa incluir os afetos, o que implica a figura de um analista que se surpreende com os caminhos do encontro com seu paciente. A consequência direta de ouvir o corpo na clínica é termos de situar-nos fora do campo restrito das representações.

Segundo Birman (1999), a teoria freudiana das pulsões coloca o corpo no entramado das pulsões e estabelece uma nova cartografia do corpo:

Pode-se falar então do corpo como um território ocupado do organismo, isto é, como um conjunto de marcas impressas *sobre* e no organismo pela inflexão promovida pelo Outro. É neste sentido, nos parece, que o eu foi concebido como sendo corporal e como projeção de uma superfície. A força pulsional e o Outro estariam, pois, na origem, indicando então o registro do originário em psicanálise. Em função disso, é preciso concluir que o corpo é antes de tudo destino, ao contrário do que se poderia ingenuamente pensar. (BIRMAN, 1999: 62)

Freud (1984b) elaborou o conceito de eu-real-originário, que se formaria pelo retorno da força pulsional para o eu. Como uma das vicissitudes das pulsões, Freud (1984b) colocou o retorno para a própria pessoa. Descreveu três fases do processo: no primeiro, a criança exerce

²⁶ Aulagnier Piera (1985) amplia a questão da assimetria na relação analítica. Os dois participantes do trabalho analítico passam pela revisão de suas teorias e práticas, há um poder recíproco de ser fonte de conhecimento, prazer e desprazer. O que ocorre é que essa revisão e essas vivências na análise serão totalmente diversas para cada um, pois as posições que ocupam são diferentes e seus anseios naquele encontro também o são.

uma ação dirigida para fora do seu corpo, para outra pessoa, o verbo está na voz ativa; na segunda, o verbo está na voz reflexiva, a criança recebe de volta o movimento que exerceu, que passou pelo outro; e na terceira fase, busca novamente um objeto fora. O essencial é a segunda fase, que constitui o corpo marcado pelos próprios impulsos e pelo encontro com o outro. Assim está se formando o eu-real originário, que para Freud não é fragmentário e nem forma uma unidade, mas é composto por um aglomerado de traços que são forças pulsionais e não representantes psíquicos. Há marcas do encontro com o outro, mas nenhuma diferenciação entre eu e o outro. Foi essa encarnação da pulsão que Freud chamou de incorporação.

Vejamos como José Gil, em *A imagem nua e as pequenas percepções* (1996), descreve o processo da primeira experiência da criança com o mundo. Segundo o filósofo, a percepção da criança, posto que está em formação, ainda não está estabilizada, sendo que a percepção se dá através de vagas sensoriais. Descreve como ondas o turbilhão de sensações que atingem a criança e o chama de “imagem intensiva”.

José Gil mostrou a sensação desabrochando em imagens atravessadas por um bloco emotivo que as mantém soldadas, formando uma massa primitiva, que funciona como um reservatório de experiência.

Na experiência estética, para o autor, imagens atuais, emoções atuais, recordação de emoções, tocam nessa massa primitiva e podem criar uma nova imagem. A experiência estética não é uma experiência consciente.

Segundo Paul Klee, a “arte tem por destino tornar visível o invisível”. “O visível suscita um eco ‘carnal’ no nosso corpo que se entrelaça nas seqüências cinestésicas e lança âncora ainda mais profundamente nos ‘motivos’ que sustentam a nossa ‘inspecção’ motriz e visual do mundo” (Apud GIL, 1996: 30).

A percepção estética é uma reverberação do externo no artista: “a ‘visão de dentro’ que ‘atapeta interiormente’ a visão de fora. A visão de dentro vê o invisível como o eco do visível que se dá numa visibilidade secreta: vê o invisível do visível” (Apud GIL, 1996: 33).

O sujeito se vê no olhar do outro. Olhar é diferente de ver. “Para ver, é preciso olhar; mas pode-se olhar sem ver”. (Apud GIL, 1996: 48).

Quando olhamos, participamos da paisagem. Quando se olha, a paisagem passa no “olhador” e impõe uma atmosfera a esse que olha.

Podemos, agora, começar a traçar um paralelo com o que se passa na situação analítica. O olhar do analista para o analisando é tocado pela atmosfera desse analisando e toca a atmosfera deste. Há um clima de dois. Na experiência estética estamos distantes de

qualquer interpretação do tipo - você (analizando) quer que eu (analista) sinta isto ou aquilo, muito mais distantes, ainda, de uma neutralidade analítica. O analista inclui em sua interpretação da paisagem a constatação de que ele também faz parte daquilo que está sendo visto. Em outras palavras, a transferência não provém só do analisando, o analista provoca parte dela. O analista influi na atmosfera analítica. Toda rigidez técnica parte do pressuposto que o analista não faz parte da paisagem, que é neutro. A técnica rígida ignora que cada dupla que se forma no trabalho analítico tem características singulares. A técnica adequada é diferente para cada um. A questão passa, portanto, pela ética e pela estética.

Prossegue Gil: o ver é distante. “O olhar não se limita a ver, interroga e espera respostas, escruta, penetra e desposa as coisas e os seus movimentos” (Apud GIL, 1996: 48). Quando alguém olha a paisagem, é englobado por essa paisagem, por essa atmosfera, o olhar é olhar de um olhar. “Só a vista, através do olhar, penetra até a um sem fundo” (Apud GIL, 1996: 49). A vista não só recebe estímulos, emite-os através do olhar. O tato é material, a pele é que toca e é tocada; o olhar emite o incorpóreo.

O olhar é um espelho que distorce. Não vemos no outro o nosso olhar, vemos o nosso olhar recebido pelo outro. O outro nos mostra o que não vemos de nós mesmos.

Não devemos confundir o que José Gil expõe neste texto com o conceito de apercepção. O conceito não inclui o movimento contínuo, nem a troca de olhares. No conceito de apercepção, há a consideração do fato de que nossa percepção é sempre alterada por nosso mundo interno. Este conceito forma parte da percepção estética, uma pequena parte, pois não alcança a idéia de troca entre o olhar e o olhado. Na apercepção, vejo os objetos a partir do meu mundo interno; na experiência estética, o objeto me toma e eu o tomo também. Lucia Santaella, em *A percepção* (1998), coloca que os órgãos sensoriais são passagens que explicam parte da percepção; o que não explicam é como o sujeito adiciona algo ao percebido. Há três grandes linhas teóricas com diferentes posturas quanto a esta questão: o nativismo, o empirismo e a teoria gestáltica. Há também a teoria de Peirce sobre a percepção. Todas, com diferentes explicações, concordam que há uma diferença entre o percepto e o que é percebido pelo sujeito. Peirce fala do signo entre o sujeito e o objeto, mas sempre com uma disparidade entre signo e objeto. Conceitua, então, a experiência colateral que designa o fato de que há outros tipos de acesso ao objeto que não se reduzem àquele que é dado por um único signo. Para Peirce, o percepto é insistente, impositivo, força-se sobre nós e é exterior a nós. Peirce propõe o nome de “percipuum” para designar o percepto interpretado pela percepção. Bernstein, segundo Santaella, chamará de “percepium” o percebido, para designá-lo como um produto mental.

A percepção estética não é explicada pela semiótica. Na obra de arte, no espaço artístico, a representação figurativa não é a da semiótica, não remete a símbolos, ícones ou indícios, mas refere-se ao corpo do artista.

Para José Gil, essa experiência estética ocorre no corpo:

O corpo é referente não só porque constitui o sistema de coordenadas que dá a sua orientação ao espaço, mas porque é o agente (o operador) da relação real das coisas entre si: ver uma coisa, depois outra, situar uma em relação à outra, é *percorrer* com o corpo a distância que os separa; e todas as distâncias possíveis das coisas sobre as quais incide a minha vista ao meu corpo. **Só a linguagem desliga as coisas da visão**, libertando-as do corpo que deixa de ser o referente imediatamente dado: a relação dos objetos percebidos no espaço é agora *pensada*. (Apud GIL, 1996: 51 - O grifo é meu)

O olhar está entre a visão e a linguagem. O olhar é não-verbal.

O olhar escava a visão, imprime sulcos na paisagem, diferencia-a em múltiplos núcleos de forças, modula a luz e a sombra, introduz os primeiros filtros seletivos da percepção. Olhar - não ver, unicamente - é dizer as coisas - não ainda nomeá-las. (Apud GIL, 1996: 52)

Há duas distinções nesta frase que devem ser marcadas, a primeira, que tem percorrido o texto até aqui, é a diferença entre ver e olhar; a segunda, que é introduzida nesse momento, é entre dizer e nomear. Conseqüentemente, há duas categorias de palavras, poderíamos pensar em palavra corpo, e palavra simbólica. Entendo a palavra-corpo na dimensão da “falha básica”²⁷ teorizada por Balint e palavra-simbólica a do conflito edípico. O analista sente o clima de seu encontro com o analisando, e vê, ouvindo as palavras-corpo.

São pequenas percepções, unidades infinitesimais, pequenas unidades da visão. O olhar vai apreender essas pequenas percepções, olhando a atmosfera.

As simpatias, antipatias, amores ou ódios à primeira vista, certamente estão relacionados à massa primitiva, ao reservatório de experiência que se mistura às imagens presentes. Não é só um traço, embora o traço mnêmico participe desta experiência, mas faz parte de um conjunto, trata-se de uma troca que dá a vivência de um clima específico.

Como conseqüência clínica, torna-se impossível interpretar que a vivência do presente é devida a um passado não elaborado, reprimido. O presente nos toca, e por vezes toca no reservatório de vivências que dá um colorido próprio àquela situação. Não há, nesta forma de

²⁷ Balint, no livro *A falha básica*: aspectos terapêuticos da regressão, teorizou que há dois níveis de trabalho analítico, que designou como nível da falha básica e nível edípico. As palavras, segundo o autor, possuem significados diversos se são faladas no contexto de um ou de outro nível. O nível edípico é, em geral, mais familiar e menos problemático para o analista; ao contrário, o nível da falha básica exige do analista a capacidade de ouvir, ver e falar neste nível.

pensar, causa e efeito, um passado que determina um presente. Frequentemente encontramos o contrário, o presente modificando o passado. Essa imbricação eu-mundo, passado-presente, determina a vivência de um clima.

A atmosfera dissolve as formas visíveis pela visão. As formas passam a ser apreendidas pela sensibilidade intensiva do olhar. Há troca de forças em uma troca de olhares.

Freud (1984b), em sua teorização econômica, postulou o afeto como intensidade e definiu como sentimento do ponto de vista tópico. Birman (1999) esclareceu que não há contradições nesses conceitos, uma vez que Freud se referia à consciência-percepção. Mesmo que usando o termo consciência, não estava falando de representação, mas de afetação, enquanto força, e enquanto lugar do impacto da força pulsional (corpo).

Não há representação, eu e outro, interior-exterior. Do ponto de vista do observador, há um encontro entre um órgão sensorial e um objeto exterior que o estimule, mas para a criança não há dualidade. Podemos pensar que há uma conexão entre sujeito e objeto, um elo de intensidades.

A intensidade precisa ser bloqueada para não correr eternamente. Precisa ser expressa. A mãe é, em geral, o primeiro outro, que se relaciona com o corpo-sensação do bebê. A mãe alimenta e fomenta o bebê. Ela interpreta o corpo do *infans*, contém a descarga motora lhe dando uma forma; por exemplo, interpreta que aquela descarga motora significa que a criança está com fome, lhe devolve leite, nomeia parte desta intensidade. Ao mesmo tempo em que modula a intensidade, a mãe provoca e sofre trocas intensivas com o bebê. Fornece representações e fomenta novas sensações. A relação se passa entre o visível e o invisível.

Podemos pensar que a criança desenvolve novas possibilidades de registro e de trocas com o mundo, sem nunca perder essa forma intensiva de apreender o outro. As intensidades vão se produzindo durante a vida inteira do sujeito, e terão diferentes destinos a cada momento. É desejável que estas intensidades continuem a surgir, assim como é fundamental que ganhem representação. Conseqüentemente, o ponto fundamental é o movimento. Sem receber representações, o afeto se faria excessivo, paralisante e insalubre. A falta de intensidades seria a morte em vida.

As possibilidades de novas intensidades nos encontros são infindáveis, assim como as possibilidades de criação e de representação.

Aulagnier (1999) contribuiu para a compreensão deste movimento ao formular os conceitos de “violência primária” e de “violência secundária”. A mãe (função materna) interpreta as manifestações corporais do bebê, a partir de seu próprio desejo, trata-se de uma violência inconsciente, fundamental para a formação do psiquismo da criança. A “violência

primária”, o desejo da mãe pelo filho e o desejo de ter filhos, marcaria a intensidade e a vida psíquica da criança. Há o risco do excesso de violência, chamada “violência secundária”, além do desejo de ser necessária à vida do *infans*, e assim reconhecida por ele, há a permanência do desejo de que nada mude, que pode até obstruir a capacidade de pensar e representar da criança (AULAGNIER, 1999: 139 et. seq.).

Poderíamos, então, chamar o desejo da mãe pela criança de acontecimento perturbador, para usarmos o vocabulário de José Gil.

O acontecimento perturbador é essencial para a vida, mas também pode paralisá-la. Assim colocado, pode nos levar à falsa idéia de que o que determina é exterior ao sujeito, a intensidade do acontecimento perturbador determinaria a dor suportável ou não. A questão não é de um externo-interno, mas uma dança das forças. Qualquer encontro pode funcionar, ou não, como um acontecimento perturbador.

Seguindo Freud (1984b), em *Pulsões e suas vicissitudes*, desde a tópica do econômico, não há fora ou dentro, mundo e subjetividade estão enlaçados, o que Ferenczi trabalhou como introjeção.

Como se combina uma imagem com uma palavra?

Para Gil (1996), há três tipos de percepção: estética, a cognitiva e a percepção que não chega a ser estética, vê as formas sem significação, abstraindo-se do conceito de fim, mas sem chegar a ser considerada “estética”, pois não percebe o jogo subjetivo das forças nestas formas. Assim, temos que a percepção cognitiva busca a finalidade, o conhecimento pragmático do percebido e para isso projeta o conceito na forma. a estética se assemelha ao olhar dos poetas: olham, vendo o espetáculo que se oferece aos olhos.

Quando nos recusamos a projetar o conhecimento no objeto, podemos ver sua forma sem significação. Posição entre a percepção cognitiva e a estética.

A matéria da percepção, na estética, tende a impor-se e a ampliar-se. José Gil elabora o conceito de “imagem nua” de Kant forjado na *Crítica da faculdade de julgar* (apud GIL, 1996: 119), é a imagem desprovida do conceito. Na imagem nua temos uma intensificação das qualidades sensíveis do objeto. Na percepção cognitiva percebe-se a forma da matéria, por exemplo, vê-se uma casa, na percepção estética, as qualidades sensíveis se sobressaem e a forma fica indeterminada.

Quando estas duas percepções se juntam haverá a intensificação da matéria que animará toda representação, enchendo-a de almas ou de forças.

A ausência do conceito libera a fantasia para preencher o vazio que se criou.

O psicanalista trabalha com o vazio-forma; em sua atenção flutuante, produzirá descontinuidades e intervalos; segundo seu estilo, desconstruirá conceitos e produzirá multiplicidades. O psicanalista desconstrói a forma do discurso do analisando, seja pelo silêncio, pela interpretação ou pela marca de um ato falho. Podemos pensar que a regra da associação livre é um pedido ao analisando que fale livremente, podendo se perder no sentido e assim liberando a fantasia.

Segundo José Gil, (1996), toda percepção, sensação e sentimento marcam o corpo. É uma marca-sensação, uma sensação que será vivida como uma forma, pode ser uma sensação lisa, aguda, dura, macia etc. A percepção não está no exterior, nem no interior. Interior e exterior estão juntos no corpo. Observador e percepto se misturam no corpo.

A atitude estética transforma as condições da percepção (e das imagens interiores) a ponto de operar nelas uma primeira metamorfose (o pintor vê ou pensa em cores como se elas fossem imediatamente cores de pintar, o escritor ouve ou imagina frases transformando-as em esboços de escrita). O espaço de imagem é o espaço interior tornado espaço estético. (GIL, 1996: 221)

Poderíamos transportar o conceito para a clínica psicanalítica, a atitude estética do analista o contaminaria pela sensação das palavras do analisando. As palavras do analisando formando uma imagem no corpo do analista que será um esboço de interpretação.

A imagem, a visão surge de qualquer sensação, mesmo que a percepção seja acolhida pelo tato, pelo paladar, pela audição ou pelo olfato.

Lendo um poema em uma atitude estética, teremos uma contaminação entre nossas forças e as forças do poema. O poema irradia força, traz uma atmosfera que contamina o leitor, o leitor tem um clima que contamina o poema. Um homem tem de falar, agir, comunicar, pensar, ou seja, inscrever na superfície das coisas. Tem de fazer uma força para marcar o conjunto do mundo que lhe opõe resistência. Toda a passagem à expressão modifica e perturba a ordem do mundo num instante dado, porque é manifestação de “potência”. A força do mundo opõe resistência e pesa sobre a força que se expressa. Essas forças do mundo também estão no sujeito, a potência produz caos. Gil dá exemplos de sujeitos em análise que falam das questões como se não fossem dele também; falam da situação amorosa, política, profissional, familiar, como se não estivesse implicado nestas situações. Parece que o ser humano quer desimplicar-se do mundo. Agir como se estivesse exterior ao mundo. É uma defesa ao caos. “A desimplicação arrebatava o corpo do jogo das forças do mundo: estas ocupam o terreno, segregando o seu presente do qual se acha excluída a força singular”(GIL,

1996: 284). O corpo não se deixa penetrar pelas forças do mundo e se enfraquece, perde a expressão, torna-se uma “fortaleza vazia” (GIL, 1996).

O analista está implicado na paisagem que o analisando traz. A neutralidade, a interpretação do material do analisando como algo alheio ao analista, tira a potência do analista, sua possibilidade de produção de algo novo. Marie Langer supervisionou um caso clínico em 1984. Tratava-se de uma mulher que estava há nove anos em análise, deprimida, repetitiva. Marie Langer perguntou ao analista se ele alguma vez sentiu-se excitado pela analisanda. Prontamente o analista disse que nunca sentiu algo dessa natureza com sua paciente. A supervisora explicou que era por isso que ela se repetia há nove anos e talvez se repetisse por mais nove: não havia tensão - foi a palavra que Marie Langer usou - entre a dupla, não havia vida nem caos, nem potência²⁸. O sono nos analistas durante as análises, muitas vezes, é tentativa de desimplicação do presente. O analista, para produzir potência, precisaria ter uma desimplicação implicada, transformando a intensidade das forças em expressão. O analista moldaria essas forças numa forma visível: a interpretação.

²⁸ Reproduzi livremente a supervisão a que assisti em 1984, quando a Dra. Marie Langer esteve no Brasil.

CONCLUSÃO

A noção de tempo do psicanalista é bem curiosa: a idéia que predomina é a de somos todos sempre psicanalistas iniciantes, movidos pela esperança de que chegará o dia no qual nos tornaremos adultos. Esta é a consequência visível da não dissolução da transferência, da manutenção da crença da existência daquele que Sabe, daquele que não se engana, pois nos faz permanentemente cativos de uma identificação idealizada.

Fui buscar os pioneiros para demonstrar que a “soberania”²⁹, que marca nosso tempo, marca também evidentemente a psicanálise. Desde seus primórdios, os que discordavam eram banidos, ou no caso de insistentes, filhos ilegítimos desprezados. Vi que vários participantes do primeiro grupo de psicanalistas estavam infantilizados, disputando o pai Freud. Alguns insistiram em manter sua singularidade e tiveram diferentes destinos; citaria, entre eles, Jung, Tausk e Ferenczi. Outros, como Jones, Eitingon e Abraham, transformaram a psicanálise em doutrina a ser seguida. As Instituições psicanalíticas, paradoxalmente, também foram criadas para manter, para repetir, para evitar o novo.

Trata-se do mesmo mecanismo que impera em todos os espaços sociais: a luta por ser incluído entre os poderosos, a submissão pelo medo da exclusão. É o que torna o psicanalista surdo às singularidades e paralisado frente às mudanças.

A forma como se dá habitualmente a formação do analista é a da diminuição da capacidade de pensar e de ser afetado pelo outro, falta de confiança em si próprio e excesso de confiança no mestre idealizado e infantilização e, assustadoramente, resistência à psicanálise. Vozes de espanto dificilmente são ouvidas, curiosamente raríssimas dentre os que estão iniciando seu processo de formação. Tudo isso se tornou “normal”.

Encontros tristes, disse Espinoza (apud DELEUZE, 2002), aqueles que não se compõem. Encontros que permitem uma política da amizade viabilizariam uma clínica psicanalítica que saísse do ideal da identificação e pudesse pensar efetivamente em criar formas de existência através dos encontros e desencontros com o amigo instável, vivo.

Aulagnier (1985) descreveu o vínculo passional na transferência como uma transferência que se manifestará pela idealização de um pensamento, de uma teoria, de um poder idêntico e imutável ao do ex-analista. Esta forma de vínculo pode até ser chamada de “amor transferencial”, mas não é a idéia que a autora defende; para ela, trata-se da negação de

²⁹ Utilizo o conceito de “soberania” de AGAMBEN, 2002.

qualquer percepção ou pensamento que pudesse demonstrar a patologia da relação. Assim, preserva-se um estado a-conflitual, cria-se ficticiamente um grupo de analistas “especiais”, grupo endogâmico formado pelo analista e pelos “irmãos” de análise. Todos os outros são maus analistas.

Nas análises feitas por “encomenda” e não por demanda pessoal, há grandes chances de se chegar a “encontros tristes”. O aprisionamento dos analistas em suas experiências transferenciais de origem dificulta a aceitação das diferenças, anulando-as através do dogmatismo e do fanatismo.

Foi-me necessário incorporar o território de uma exterioridade à psicanálise, função cumprida pelo núcleo de Estudos da Subjetividade no processo de elaboração da prática clínica para eu expressar aquilo que se impunha a meu corpo: o equívoco da história da psicanálise no que se refere à instituição de formação. Um equívoco cuja gravidade diz respeito ao abandono do valor ético essencial introduzido por Freud ao criar a psicanálise, em outras palavras, as forças que predominam na história da psicanálise, paradoxalmente, tendem a matá-la.

Analistas como Ernest Jones, Abraham, Eitingon e outros ao longo da história da psicanálise foram muito “bem sucedidos”. A psicanálise começou a morrer precisamente com eles. Ela é forte, tem morrido bem lentamente, devagarzinho mesmo... e nos resta a esperança de que os psicanalistas possam dar outro rumo à formação de novos analistas.

Com esta dissertação, tentei enterrar alguns mortos; aqueles que me dificultavam o “ser analista”, e que funcionaram como um superego próprio da formação, superego que se constituiu o tema principal do presente trabalho. Mas enterrar também, com gratidão, aqueles que me permitiram ser analista e com os quais posso hoje me autorizar a transgredir.

A escrita dessa dissertação consistiu no exercício desta transgressão. Encontrei em José Gil a possibilidade de circunscrever desde um ponto de vista ético em que consiste o fazer analítico. Um campo se abre onde outros autores poderão ser convocados. Mas me é apenas o início de uma jornada.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento* (1969). Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. *Minima moralia*. Lisboa: Ed. 70, 2001.

AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ALLIEZ, É. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um discurso sobre a banalidade do mal* (1963). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *A condição humana* (1958). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ASSOUN, P.L. *O freudismo* (1990). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado* (1975). Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. *Os destinos do prazer: alienação-amor-paixão* (1979). Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. *Um Intérprete em busca de sentido* (1969). São Paulo: Escuta, 1990.

_____. *La violence de l'interprétation: du pictogramme à l'enoncé* (1975). Paris: PUF, 1999.

BADIOU, A. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal* (1993). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BAISTROCCHI, M. *Psicoanálisis y educacion psicoanalítica*. In: *Um século de Freud*. FEPAL, 1990.

BALINT, M. *Primary love and psycho-analytic technique*. London: The Hogarth Press, 1952

_____. Prefácio. In: *Obras Completas de Ferenczi*. V. I. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BATAILLE, G. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BERGMANN, M.S. *Raízes históricas da ortodoxia psicanalítica*. In: *Livro anual de psicanálise*. Tomo XIII. São Paulo: Escuta, 1997.

BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1989.

_____; TAUSK, V.; KATZ, C.S. (Orgs.). *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo: Escuta, 1990.

_____. *Ensaio de teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- _____. *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Conexões, 2000.
- _____. Servidão, fidelidade, ancestralidade. In: LO BIANCO, A.C. (Org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.
- _____. Nas bordas da transgressão. In: PLATINI, C.A. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- _____. *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: sobre Freud e Ferenczi*. A ser publicado. Original gentilmente cedido pelo autor.
- BREGER, L. *Freud: o lado oculto do visionário* (2000). São Paulo: Manole, 2002.
- CALLIGARIS, C.; ARAGÃO, L.T.; COSTA, J.F.; SOUZA, O. *Clínica do social: ensaios*. São Paulo: Escuta, 1991.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Tradução de Maria Thereza Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto* (1978). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CÍCERO, M.T. *Da amizade*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- COSTA, J.F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DELEUZE, G. Quatro proposições sobre a psicanálise (1973). In: *Saúde Loucura*. n. 2. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. *Conversações* (1972). Tradução de Peter Paul Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *Francis Bacon: logique de la sensation*. Paris: La Vue le Texte, 1996.
- _____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Paul Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1997.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____.; PARNET, Claire (1977). *Dialogues*. 2. ed. Paris: Flammarion, 1996. (*Diálogos*. Tradução brasileira de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998).
- _____.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995). Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001a.

_____. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade* (2001). Tradução de Antonio Romane Nogueira e Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001b.

_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DOR, J. *Estrutura e perversões* (1981). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DUFOUR, D.R. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

EISSLER, K. *Psychological aspects of the exchange of letters between Freud and Jung*. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1982.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol. I. Tradução de Edmund Jephcot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Vol. II. Tradução de Edmund Jephcot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FÉDIDA, P. *Clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

_____. Teoria da formação na cura analítica. In: *Jornal de Psicanálise*. V. 38. n. 69. São Paulo: Sociedade de Psicanálise Brasileira de São Paulo, mar. 2005.

FERENCZI, S. Vantagens e desvantagens do “sentir com” intensivo. In: FERENCZI, S. *Diário clínico* (17/03/1932). Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. Psicanálise I. In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

_____. Transferência e introjeção. In: *Obras completas*. V. I. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

_____. O conceito de introjeção. In: *Obras completas*. V. I. São Paulo: Martins Fontes, 1991c.

_____. A técnica psicanalítica (1919). In: *Obras completas*. V. II. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

_____. Efeito vivificante e efeito curativo do “ar fresco” e do “bom ar”. In: *Obras completas*. V. II. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

_____. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: *Obras completas*. V. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992c.

_____. Princípio do relaxamento e neocatarse (1930). In: *Obras completas*. V. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992d.

_____. Confusão de línguas entre os adultos e a criança (1933). In: *Obras completas*. V. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992e.

_____. Análise de crianças com adultos (1931). In: *Obras completas*. V. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992f.

_____. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993a.

_____. As fantasias provocadas (1924). In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993b.

_____. Contra-indicações da técnica ativa. In: *Obras completas*. V. III. São Paulo: Martins Fontes, 1993c.

- _____. Dificuldades técnicas de uma análise de histeria (1919) In: *Obras completas*. V. III. São Paulo: Martins Fontes, 1993d.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *O pensamento do exterior*. Tradução de Nurimar Falci. Rio de Janeiro: Princípio, 1990.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000a.
- _____. *Ditos e escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. (1964). Tradução de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.
- _____. *Ditos e escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luis Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *Ditos e escritos IV*. Poder e saber (1977). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FREUD, S. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1914). In: *Obras completas*. V. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.
- _____. Victor Tausk (1919). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- _____. De la historia de una neurosis infantil (1918). In: *Obras completas*. Tradução de José Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1978a.
- _____. Estudios sobre la histeria (1895). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978b.
- _____. Tres ensayos de teoria sexual (1905). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978c.
- _____. Sobre psicoterapia (1905). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978d.
- _____. Estados nerviosos de angustia y su tratamiento (1908). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978e.
- _____. La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna (1908). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978f.
- _____. Prólogo a Sándor Ferenczi (1910). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978g.
- _____. Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica (1910). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978h.
- _____. La interpretación de los sueños (1900). In: *Obras completas*. V. IV e V. Buenos Aires: Amorrortu, 1984a.
- _____. Pulsiones y destinos de pulsion (1915). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984b.

- _____. Psicología das massas e análise do ego (1921). In: *Obras completas*. V. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1984c.
- _____. Más allá del principio de placer (1920). In: *Obras completas*. V. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1984d.
- _____. Introducción del narcisismo (1914). In: *Obras completas*. V. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1984e.
- _____. Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños em su conjunto (1925). In: *Obras completas*. V. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984f.
- _____. Doctor Sándor Ferenczi (En su 50ª cumpleaños) (1923). In: *Obras completas*. V. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984g.
- _____. Fragmento de analisis de un caso de histeria (Dora) (1905). In: *Obras completas*. V. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1985a.
- _____. Sobre el psicoanalises silvestre (1910). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986a.
- _____. Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico (1912). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986b.
- _____. Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I) (1913). In: *Obras completas*. V. XII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986c.
- _____. Totem y tabu. (1913). In: *Obras completas*. V. XIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986d.
- _____. Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica (1919). In: *Obras completas*. V. XVII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986e.
- _____. ? Debe enseñarse el psicoanálisis en la universidad? (1919). In: *Obras completas*. V. XVII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986f.
- _____. Lo ominoso (1919). In: *Obras completas*. V. XVII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986g.
- _____. Victor Tausk (1919). In: *Obras completas*. V. XVII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986h.
- _____. Inhibición, sintoma y angustia (1926). In: *Obras completas*. V. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1986i.
- _____. ? Pueden los los legos ejercer el análisis? Diálogos com um juez imparcial (1926). In: *Obras completas*. V. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1986j.
- _____. Análisis terminable e interminable (1937). In: *Obras completas*. V. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986l.
- _____. Recordar, repetir y reelaborar: nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis. (1914). In: *Obras completas*. V. XII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986m.
- _____. Presentación autobiográfica (1925). In: *Obras completas*. V. XX. Buenos Aires: Amorrortu, 1986n.
- _____. El malestar en la cultura (1930). In: *Obras completas*. V. XXI. Buenos Aires: Amorrortu, 1986o.
- _____. In: Sándor Ferenczi (1933). In: *Obras completas*. V. XXII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986p.

- _____. Fetichismo (1927). In: *Obras completas*. V. XXI. Buenos Aires: Amorrortu, 1986q.
- GARCIA, G.L. (1977). Prólogo. In: TAUSK, V. *Obras psicoanalíticas*. Buenos Aires: Morel, 1977a.
- GARCIA-ROZA, L.A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- GAY, P. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Schwarcz, 1989.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo* (1986). Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GIL, J. *A imagem-nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.
- _____. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- GREEN, A. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto* (1973). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- GRINBERG, L. *La supervision psicoanalitica: teoria y práctica*. Buenos Aires: Paidós, 1975.
- GROSSKURTH, P. *O Círculo Secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise* (1991). Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- HANDLBAUER, B. *A controvérsia Freud-Adler*. Tradução de Fúlvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005.
- HAYNAL, A. *A técnica em questão: controvérsias em psicanálise de Freud e Ferenczi a Michael Balint* (1988). Tradução de Giselle G. de Almeida. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- HERMANN, F. Reflexões de menoridade: sobre a ética da formação psicanalítica. In: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo: Instituto de Psicanálise-SBPSP. n. 53. V. 28, 1995.
- JONES, E. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- JUNG, C.G. The soul and death (1934). In: *The structure and dynamics of de psyche par.815 CW 8*. Princenton: Princenton University Press, 1981.
- _____. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- KING, P; STEINER, R. (Orgs.) *As controvérsias Freud-Klein* (1991). Tradução de Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- KUNZLER, F.; ROMANOWSKI, R.; ARAÚJO, M. (Orgs.) *A presença de Freud: ensaios em homenagem ao cinquentenário da morte de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. Edição bilíngüe. São Paulo: Brasiliense. 1986.
- LOPES, A. Sociedades psicanalíticas: modo de usar e efeitos colaterais. In: *Revista Estudos de Psicanálise*. n. 27. Belo Horizonte: O Lutador, 27 ago. 2004.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

- MANNONI, M. *A teoria como ficção: Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan* (1979). Rio de Janeiro: Campus, 1982.
- MCDUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. Tradução de Pedro Henrique B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.
- _____. *O divã de Procusto*. Tradução de Débora Regina Unikowski. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991b.
- _____. *As múltiplas faces de Eros: uma explicação psicoanalítica da sexualidade humana*. Tradução de Pedro Henrique B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NASIO, J.D. *Nos limites da transferência*. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Papirus, 1997.
- NAFFAH NETO, A. *O inconsciente como potência subversiva*. São Paulo: Escuta, 1991.
- ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. São Paulo: Graal, 1996.
- _____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- PELBART, P.P. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PERRIER, F. *A formação do psicanalista*. Tradução de Miriam Magda Gianella. São Paulo: Escuta, 1993.
- PESSOA, FERNANDO. *Mensagem*. Organização de Fernando Cabral Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PLASTINO, C. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- QUINTANA, M. Pequeno poema de após a chuva. In: *Bau de espantos*. São Paulo: Globo, 2001.
- ROAZEN, P. *Freud e seus discípulos*. Tradução de Heloisa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1971.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROUDINESCO, E. *Genealogias* (1994). Tradução de Nelly Cintra. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. *Por que a psicanálise?* (1999). Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ROUSTANG, F. *Um destino tão funesto* (1976). Rio de Janeiro: Taurus, 1987.
- ROZITCHNER, L. *Freud e o problema do poder* (1982). São Paulo: Escuta, 1989.
- SABOURIN, P. *Ferenczi: paladino e grão-vizir secreto* (1985). Tradução de Luis Carlos Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SAFOUAN, M. *Jacques Lavan y la question de la formacion de los analistas*. Tradução de Marta Vasallo. Buenos Aires: Piados, 1984.
- SANTAELLA, Lucia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1998.

SCHNEIDER, M. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta, 1993.

STEIN, C. *O psicanalista e seu ofício*. São Paulo: Escuta, 1988.

TAUSK, V. *Obras psicoanalíticas*. Buenos Aires: Morel, 1977a.

_____. *Contribucion a la psicologia del desertor* (1916). In: *Obras psicoanalíticas*. Tradução de Lina Gambardella. Buenos Aires: Morel, 1977b.

_____. *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia*. In: *Obras psicoanalíticas*. Buenos Aires: Morel, 1977c.

VALABREGA, J.P. *A formação do psicanalista* (1979). Tradução de Roberto Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

VIDERMAN, S. *A construção do espaço analítico* (1982). São Paulo: Escuta, 1990.

WINNICOTT, D.W. *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1975.

REVISTAS

BOLETIM FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE. Ano XII. n. 1. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise, jan./dez. 2004.

JORNAL DE PSICANÁLISE. V. 24. n. 47. São Paulo: Instituto de Psicanálise SBPSP, 1991.

JORNAL DE PSICANÁLISE. V. 26. n. 50. São Paulo: Instituto de Psicanálise SBPSP, 1993.

LIVRO ANUAL DE PSICANÁLISE. International Journal of Psychoanalysis. Tomo XIII. São Paulo: Escuta, 1997.

PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE. n. 6. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica PUC/SP, 1997.

PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE. n. 20. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica PUC/SP, abr. 2004.

PULSIONAL. Instituição e transmissão da psicanálise. Ano XIII. n. 137. São Paulo: Escuta, set. 2000.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE - PSI. V. 25. n. 2. São Paulo: Associação Brasileira de Psicanálise, 1991.

REVISTA CHE VUOI? PSICANÁLISE E CULTURA. Ano I. n. 1. Porto Alegre: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA. n. 14. São Paulo, 1996.

APOSTILA

ORLANDI, L. *Simulacro na Filosofia de Deleuze*.

